ANSELMA GARCIA DE SALES

A construção do nacionalismo egípcio no discurso literário: análise do romance Trilogia do Cairo, de Nagib Mahfuz

Versão Original

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de Concentração: Estudos Árabes

Orientador: Prof. Dr. Paulo Daniel Farah

SÃO PAULO
2018

Nome: SALES, Anselma Garcia de

Título: A Construção do Nacionalismo Egípcio no Discurso Literário: Análise do Romance Trilogia do Cairo, de Nagib Mahfuz.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

RESUMO

SALES, Anselma Garcia de. **A Construção do Nacionalismo Egípcio no Discurso Literário: Análise do Romance Trilogia do Cairo, de Nagib Mahfuz**. 2018. 153 f. Tese (Doutorado em Letras, Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O presente estudo tem como objetivo analisar a construção do nacionalismo egípcio na obra *Trilogia do Cairo*, de Nagib Mahfuz, romance em três volumes que recobre o período histórico de maturação do nacionalismo egípcio até o momento que antecedeu o nasserismo, respectivamente de 1917 a 1944. Desse modo, inicialmente são apresentadas as teorias sobre o nacionalismo, no intuito de situar as correntes teóricas que descrevem o desenvolvimento dos conceitos de nação, estado e estado nacional ao longo da história, a saber, a teoria clássica, a modernista, a essencialista e a etno-simbolista. Em seguida, este trabalho apresenta o contexto histórico do nacionalismo egípcio e sua confluência com o nacionalismo árabe. Apesar de a *Trilogia do Cairo* não abranger o período que se estende do início até a decadência do nacionalismo de expressão nasserista, o presente estudo considera importante mencioná-lo como um todo, no intuito de contextualizar aquilo que o romance já anunciava como premente na sociedade egípcia, a necessidade de autonomia política dentro de um projeto de base nacionalista. A fim de se estabelecer as relações entre autor, obra e instituição, na sequência são discutidos os diversos pareceres críticos do romance, além de sua abordagem enquanto discurso literário e prática discursiva. Desse modo, através da narrativa da inscrição da história no discurso literário, analisado no presente estudo sob o formato de cronotopos, se pretendeu efetivar uma exposição do modo como as personagens fictícias e históricas, que participaram do processo de tentativa de emancipação do Egito, construíram o nacionalismo.

Palavras-chave: Egito. Nacionalismo. Teoria do Romance. Cronotopo.

ABSTRACT

SALES, Anselma Garcia de. **The Construction of Egptian Nationalism in the Literary Discourse: Analisys of Cairo Trilogy, by Nagib Mahfuz.** 2018. 153 f. Tese (Doutorado em Letras, Estudos Árabes) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This work intends to analyse the construction of egptian nationalism in *Cairo Trilogy*, by Nagib Mahfuz, novel composed by tree volumes that recover the period between 1917 and 1944, regarded to the real rising of nacionalism and the previous nasserism age. Initially this study introduces theories about nationalism in order to define the concepts of nation, state and national state, after that, the context of egptian and arabic nationalism is introduced. Although *Cairo Trilogy* recovers the period before nasserism age, this reference is important to sign the need of political autonomy within an egpitian nationalist project. The following discussion is about linguistics and literary criticism related to the novel, in whish is made the reflexion about literary discourse and discourse practices. Thus, through the narrative inscription of history in literary discourse, analysed in this study by the notion of chronotope, this work intended to make an exhibition about how ficcional and historical characters, who participated the egption freedom process, built the nationalism.

Keywords: Egpyt. Nationalism. Novel Theory. Chronotope.

SUMÁRIO

SUMÁRIO 5
APRESENTAÇÃO 6
INTRODUÇÃO.... 8

Capítulo 1 Teorias sobre o Nacionalismo 12
1.1 Perspectiva Social Clássica 18
1.2 Perspectiva Modernista 24
1.3 Perspectiva Essencialista e Etno-Simbolista 31

Capítulo 2 Nacionalismo Árabe e Egípcio 36
2.1 O Nacionalismo Egípicio no Contexto do Nacionalismo Árabe....47
2.2 O Contexto Cultural do Nacionalismo Egípcio 58

Capítulo 3 Trilogia do Cairo – Crítica Literária e Discurso Literário 71
3.1 A Trilogia do Cairo e o Discurso Literário 90
3.2 Nagib Mahfuz e a Paratopia do Escritor 95

Capítulo 4 A Construção do Nacionalismo Egípcio em Trilogia do Cairo, de Nagib Mahfuz....99
4.1 Cronotopo da Casa 103
4.2 Cronotopo da Rua 110
4.3 Cronotopo do Café 118
4.4 Cronotopo da Transição 121

Considerações Finais 148
Referências Bibliográficas 150

APRESENTAÇÃO

A ambivalência da arte literária é decorrente de seu caráter privado e solitário, cuja possibilidade única de chancela é o domínio público. Desse modo, a Literatura se configura como o resultado dos anseios de sujeitos unos, mulheres e homens que compartilham com uma coletividade suas inquietações, paixões, dúvidas, histórias e ressentimentos que, transpostos sob a forma do discurso literário, encontram neste lugar sua razão de pertencimento a um mundo.

O caso da literatura de Nagib Mahfuz é exemplar, no que se refere a sua disposição criativa de pertencer ao mundo através da escrita, ao mesmo tempo em que inaugura esta mesma forma de pertencimento através do gênero romance. O "pai do romance árabe" também é responsável por instaurar na ordem do discurso literário a materialidade do discurso nacionalista egípcio e, por extensão, árabe.

Desse modo, considerando tal especificidade da obra de Nagib Mahfuz, o presente estudo tem como objetivo analisar a construção do nacionalismo egípcio na obra *Trilogia do Cairo*, romance em três volumes que recobre o período histórico de maturação do nacionalismo egípcio até a véspera do advento nasserista, respectivamente de 1917 a 1944.

Para tanto, no Capítulo 1, são apresentadas as teorias sobre o nacionalismo, no intuito de situar as correntes teóricas que descrevem o desenvolvimento dos conceitos de nação, estado e estado nacional ao longo da história, a saber, a teoria clássica, a modernista, a essencialista e a etno-simbolista. O Capítulo 2, apresenta o contexto histórico do nacionalismo egípcio e sua confluência com o nacionalismo árabe. Apesar de a*Trilogia do Cairo* não abranger o período que se estende do início até a decadência do nacionalismo de expressão nasserista, o presente estudo considera importante mencioná-lo como um todo, no intuito de contextualizar aquilo que o romance já anunciava como premente na sociedade egípcia, a necessidade de autonomia política dentro de um projeto de base nacionalista.

Após a contextualização do nacionalismo egípcio, no Capítulo 3 são expostos e discutidos os pareceres críticos acerca da *Trilogia*, além da explanação da noção de discurso literário enquanto discurso constituinte, lugar e não-lugar do autor e sua relação com a prática discursiva. O propósito do estudo nessa discussão é o de tecer uma reflexão a respeito das relações existentes entre autor, obra e instituição.

O Capítulo 4 apresenta a análise da construção do nacionalismo egípcio no romance *Trilogia do Cairo*, através da exposição inicial do dispositivo analítico teórico, o cronotopo de Bakhtin, seguida da descrição de cada cronotopo selecionado como relevante à descrição da construção do nacionalismo no romance: os cronotopos da casa, da rua, do café e da transição.

Por fim, o presente estudo se propõe a analisar através da obra literária, de que maneira são estabelecidas as relações entre Memória, História, Identidade e Nação, de modo a constatar que o discurso literário é um mecanismo dos mais relevantes para a reflexão acerca das possibilidades de se documentar uma realidade através da arte.

Desse modo, a *Trilogia do Cairo*, ao longo de suas 1.600 páginas documenta a trajetória do povo egípcio na sua tentativa de se firmar como nação moderna capaz de proporcionar aos seus cidadãos segurança, justiça, democracia e prosperidade. Assim, a alegoria da nação simbolizada pela saga da família de Amina e Gawwad, representa o Egito nos seus sucessivos empreendimentos de busca pela liberdade, permeada por contradições, resistência, resignação e esperança.

O nacionalismo no romance constrói-se, portanto, através da narrativa dos motivos que fazem com que as personagens trafeguem no tempo e no espaço movidas, à sua maneira, por um sentimento de pertencimento a uma ordem estabelecida ou por se estabelecer. Daí a condição de incompletude manifesta na narrativa histórica da *Trilogia do Cairo*, incompleta não por acaso, mas por, infelizmente, ser retrato de uma realidade que adentrou o século XXI.

INTRODUÇÃO

Nagib Mahfuz nasceu em 1911 no Cairo, oriundo de uma família muçulmana de classe média baixa, era o filho mais novo entre cinco homens e duas mulheres. Filho de funcionário público, profissão que o autor exerceu até a aposentadoria, Mahfuz teve uma educação essencialmente religiosa. Após o término dos estudos secundários Mahfuz ingressa na Universidade do Cairo, na época Universidade rei Fuad I, onde graduou-se em Filosofia em 1934.

Em 1936, ainda influenciado pelo ambiente acadêmico, Mahfuz toma a decisão de se tornar escritor, trabalhando como jornlista em periódicos importantes como *Al-Ahram*. Como funcionário público atuou no Ministério de Assuntos Religiosos; porém dada sua suposta ausência de convicção religiosa foi transferido para o Ministério da Cultura. Serviu também no Ministério de Doações de Mãos-mortas, no Escritório de Arte, na Fundação de Apoio ao Cinema e novamente no Ministério da Cultura, vindo a aposentar-se em 1972.

Com o intuito de dedicar-se exclusivamente à escrita, Mahfuz casou-se apenas em 1954, aos 43 anos de idade. Seus primeiros romances, que tematizavam o Egito Antigo, foram publicados entre 1939 e 1944. A partir de 1956, seu foco passou a ser a sociedade egípcia moderna, expressa com maestria na *Trilogia do Cairo* (Al-Thulathiyya), que percorre a saga de três gerações de uma família do Cairo no período compreendido entre 1917 e 1944.

Por abordar questões religiosas polêmicas, sua obra *Os Filhos do Nosso Bairro*, foi proibida de circular no Egito. Tal fato coloca o autor no centro de uma onda persecutória agravada tardiamente por seu apoio ao presidente Anwar Sadat, na ocasião da assinatura do tratado de paz entre Egito e Israel em 1979.

Mesmo recebendo o Prêmio Nobel de Literatura em 1988, o clima de hostilidade a Nagib Mahfuz ainda se fazia presente, culminando em 1994 num atentado em que o autor foi esfaqueado no pescoço no momento em que saía de casa. Apesar das sequelas do ocorrido, Mahfuz continuou a trabalhar normalmente até julho de 2006, quando foi internado com problemas pulmonares e renais vindo a falecer em 30 de agosto deste mesmo ano.

Trilogia do Cairo

Contexto Histórico

O romance *Trilogia do Cairo*: *Entre Dois Palácios (DP)*, *O Palácio dos Desejo (PD)* e *O Jardim do Passado (JP)* registra a saga de três gerações de uma família de classe média baixa da capital egípcia, compreendida entre 1917 a 1944. Os principais fatos históricos desse período são abordados na obra em meio aos acontecimentos que envolvem a família de Ahmed Abd el-Gawwad.

O volume I da *Trilogia, Entre Dois Palácios* (*Bayn al-Qasrayn*), percorre o período de 1917 até a eclosão da revolução nacionalista egípcia conduzida por Saad Zaghlul contra as autoridades britânicas em 1919. *O Palácio do Desejo* (*Qasr al Shawq*), volume II, inicia-se com as negociações dos ingleses com Zaghlul, líder do partido nacionalista Wafd, em Londres em 1924 e termina com sua morte em 1927. O volume III *O Jardim do Passado* (Al-Sukkariyya) mostra a intensificação da temática política na narrativa. O Egito, ainda sob ocupação britânica, tem como cenário de abertura nesse volume da obra o Congresso do partido Wafd, em 1935, no qual se destacou o discurso de Mustafa al-Nahhas, sucessor de Zaghlul. O volume final da Trilogia se encerra no ano de 1944, com a prisão de nacionalistas e membros da Irmandade Muçulmana.

A *Trilogia* oferece um amplo panorama social, político e cultural combinados com uma análise profunda dos anseios humanos em meio a um conturbado período de euforias e depressões.

Resumo

Entre Dois Palácios (*Bayn al-Qasrayn*), volume I da Trilogia, tem seu nome de um bairro do Cairo. Lá vive Ahmed Abd el-Gawwad com sua família: a esposa Amina, três filhos – Yasine de 21 anos, Fahmi de 18 e Kamal de 10

anos – e duas filhas Khadiga, de 20 anos e Aisha de 16 anos. Na casa há também a empregada Oum Hanafi, que foi servir a família após se divorciar. Yasine é filho do primeiro casamento de Ahmed Abd el-Gawwad e mora com seu pai desde os 9 anos de idade, quando sua mãe Haniyya se divorciou do patriarca.

Mahfuz descreve a rotina da família de maneira minuciosa, destacando nesse volume a falta de caráter de Ahmed Abd el-Gawwad, herdada por seu filho Yasine, o confinamento das mulheres ao lar e sua consequente exclusão do mundo do trabalho e da educação, ao qual tinham direito apenas os filhos homens, e a tirania do progenitor, que interfere de maneira implacável na vida da mulher e dos filhos. Em *Entre Dois Palácios* são relatados os casamentos de Yasine, Khadiga e Aisha, bem como a primeira grande tragédia que se abate sobre a família, a morte de Fahmi, atingido por diaparos de soldados ingleses durante uma manifestação.

O volume II, *O Palácio do Desejo* (*Qasr al Shawq*) toma seu título da rua onde fica a casa de Yasine, herdada de sua mãe Haniyya. Nessa parte da obra, Yasine se casa novamente, agora com Maryam. Do seu primeiro casamento, com Zainab, nasce Ridwane e dum terceiro enlace, com Zannuba, nascem Karima e um outro filho que vem a falecer logo após o nascimento. Sua irmã Aisha também perde seus filhos Othman e Mohammed, assim como seu marido, Khalil Shawkat, em decorrência da febre tifóide. Resta-lhe apenas sua filha Naima. Do casamento de Khadiga com Ibrahim Shawkat, irmão de Khalil, nascem Abd el-Monem e Ahmed el-Monem.

Esse volume discorre sobre as perspectivas familiares relativas à nova geração, bem como, sobre o amadurecimento de Kamal no que se refere a seus dramas amorosos e sociais. O curto período político descrito, entre 1924 e 1927, revela um momento de tentativa de ajuste da nação egípcia e reafirmação dos sentimentos de identidade nacional depositados no Partido Wafd.

O Jardim do Passado (*Al-Sukkariyya*), volume III, remete ao nome da rua em que Khadiga e Aisha viviam com suas famílias e percorre o período de

janeiro de 1935 ao verão de 1944. Nessa etapa final na saga, ocorre a trágica morte de Naima, completando a tragédia pessoal de Aisha. É destacada também a atuação política dos filhos de Khadiga, correspondente ao conflito entre ideologias ocidentais, especialmente o socialismo, e crenças tradicionais muçulmanas. A Segunda Guerra também interfere profundamente no cotidiano e nas aspirações das personagens, marcando profundamente suas condições de vítimas de um sistema político convulsionado: "Mas quando vai se dissipar esse mal estar? Quando os egípcios vão ser tratados como seres humanos?" (JP, 426).

Gawwad morre naturalmente nesta etapa da narrativa e a saga se encerra com a prisão dos filhos de Khadiga e a posterior morte de Amina.

Capítulo 1 Teorias sobre o Nacionalismo

O conceito de nacionalismo advém da formulação das noções de nação, estado e estado nacional, desse modo, a distinção desses conceitos se faz necessária antes de se proceder à abordagem teórica das diversas perspectivas que envolvem a concepção de nacionalismo.

Nação diz respeito a um território em que determinado agrupamento humano compartilha de uma consciência comunitária e de uma cultura lhe é comum, além disso, esse coletivo humano é portador de um passado e de um programa de manutenção de sua existência sujeito à governança. Assim, de acordo com Guibernau (1997) a concepção de nação abrande cinco categorias: a psicológica (ligada à consciência comunitária), a cultural, a política, a histórica e a territorial.

A partir do conceito de nação se extende a noção de estado, que consiste numa entidade que detém, segundo Weber (1982, p. 31) "o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um dado território". A obtenção do monopólio da violência, enquanto elemento definidor do conceito de estado, se refere à prerrogativa que os agentes estatais possuem para agir em nome de um ente simbólico (estado) como forma de impor a condição normativa inerente à materialidade do estado, assim, esse monopólio pode ser exercido tanto dentro do próprio estado como contra outros estados.

Desse modo, ao se conceber essa possibilidade de relação entre os estados, surge o conceito de estado nacional que se fundamenta justamente na ideia do monopólio da violência legitimada exercida por um estado num determinado território, que, além de possuir o controle dessa força legítima, submete um povo a seu governo e mantém vivas e pulsantes as tradições, os valores, as culturas e os símbolos que são comuns entre aqueles que compartilham desse mesmo território.

Estado nacional e nação se diferem portanto, no que se refere à consciência coletiva e à relação com os valores, símbolos e cultura. Enquanto a nação abrange um sentimento comum de pertencimento comunitário, o estado nacional procura construir a nação e a partir daí criar essa percepção de consciência coletiva. No que se refere aos valores, cultura e símbolos, a nação

possui o senso de partilha desses elementos enquanto o estado nacional os elabora e os cria num processo de construção identitária.

Entretanto, a partir da definição dos conceitos de nação, estado e estado nacional, tem-se que nacionalismo refere-se à ideia de pertença a uma coletividade, na qual os sujeitos se reconhecem (ou não) a partir de elementos identitários inscritos em símbolos, culturas e valores que os levam à disposição de decidirem politicamente suas aspirações comuns. Daí os conceitos de identidade nacional, cultura e símbolos serem tão relevantes ao entendimento da concepção de nacionalismo.

A abordagem do conceito de identidade nacional a partir da percepção política do nacionalismo, diz respeito ao modo como os indivíduos reunidos numa coletividade passaram a se relacionar de acordo com as novas condições oferecidas pela modernidade. Três aspectos dessas condições devem ser descritos antes de se proceder à distinção teórica das correntes do nacionalismo: o papel da imprensa e a disseminação dos vernáculos, a confluência entre cultura e identidade nacional e a concepção simbólica do nacionalismo.

O desenvolvimento da imprensa na Europa a partir do século XV propiciou a disseminação e a estruturação institucional das línguas vernáculas. Lutero, por exemplo, na Alemanha, unificou por meio de sua *Vulgata* os diversos dialetos sob o formato de língua literária nacional, que passou a ser difundida por diversas porções de um território ainda não unificado.

Na Europa de maneira geral, a imprensa possibilitou que diferentes línguas faladas fossem expressas de modo a materializar, mais do que uma expressão oral, o modo como as classes letradas escreviam e liam. Daí, com a supressão do latim – dada sua pouca aplicabilidade diante de um novo cenário linguístico independente – as pessoas puderam adentrar no ambiente da literatura e da ciência, ocupando desse modo posições em campos do comércio, administração ou cátedras, que por ora surgiam.

Assim, a despeito do fato de que a maioria das pessoas não era alfabetizada na Europa dos séculos XVIII e XIX, a simples condição de haver leitores apontava para as possibilidades comunicativas travadas entre os membros daquela coletividade. Desse modo, o conhecimento do vernáculo,

tanto pelo leitor quanto pelo ouvinte, fortalecia os laços de pertencimento à comunidade.

Entretanto, o sucesso da disseminação dos vernáculos só se tornaria possível com a elevação dos níveis de alfabetização da população. A alfabetização e, por extensão, a escolarização foi um modo encontrado pelos estados nacionais, sobretudo a França, para homogeneizar a ideia de nação via imposição da língua nacional.

> Entre outras tentativas de homogeneização com resultados diferentes daqueles observados na da França, podemos nos referir-nos à Prússia do século XIX, em que Bismarck expandiu o sistema escolar prussiano nas regiões polonesas de Poznan e Silésia, e só permitia a língua alemã como veículo da instrução. Ao mesmo tempo, os russos estavam procurando uma política semelhante, concentrada na Igreja Ortodoxa e até haviam se envolvido numa campanha para eliminar a língua e a cultura polonesas reprimindo ativamente a Igreja Católica, proibindo as escolas particulares e estabelecendo escolas do estado russo. Em 1869, os húngaros promoveram uma política de magiarização compulsória: a habilidade de ler e escrever em húngaro tornou-se uma precondição da emancipação (GUIBERNAU, 1996, p. 80)

Assim, a educação foi submetida ao controle do estado e, aliada ao poder da imprensa, se configurou como um poderoso instrumento de manipulação das massas. O resultado desse empenho dos estados nacionais foi um salto nos níveis de alfabetização e o consequente desenvolvimento de mecanismos mais sofisticados de comunicação, do ponto de vista do alcance e precisão, condições que favoreceram o nacionalismo no aspecto da formação da identidade nacional pela via cultural.

A identidade diz respeito à relação que o sujeito estabelece com algo, seja do ponto de vista social ou psicológico; assim, quando alguém se identifica com alguma coisa, diz-se que esse indivíduo possui conhecimento de sua rede de filiações a determinado objeto. Desse modo, indivíduos procuram identificar-se com outros indivíduos e demais coisas do mundo, no entanto, na identificação não subjetiva, o sujeito desenvolve um senso de pertencimento a determinada comunidade representada pela nação, que tem como resultado a

identidade nacional, assim definida pelo seu caráter de manutenção no tempo e distinção daqueles que são considerados “os outros”.

O caráter contínuo da identidade nacional relaciona-se ao fato de que a nação é um elemento portador de historicidade, logo sua existência se extende para além do presente e os indivíduos tomam ciência dessa perenidade através das experiências comuns que dividem ao longo do tempo. No que se refere ao fator diferenciador, a identidade demarca regularidades que são percebidas e reconhecidas entre os mesmos participantes da coletividade e diferenciadas daqueles que não compartilham dos mesmos elementos do grupo.

Nesse sentido, considerando-se o caráter diferenciador e perene da identidade é possível afirmar que ela apresenta três funções: possibilita escolhas, permite contatos sociais e atribui força e formas de adaptação. Isso significa que a identidade possibilita às pessoas fazerem escolhas acerca de seus destinos comuns, além disso, tanto para se reconhecerem como para se afirmarem é necessário que a identidade estabeleça contato com as outras, até mesmo como forma de demonstrar suas potencialidades e ou inculcar nos indivíduos a obrigatoriedade de se filiarem e defenderem a nação.

Assim, a filiação a uma identidade nacional, ou a experiência da identidade nacional, é construída mediante o compartilhamento de uma cultura comunitária dotada de significado pleno a determinada coletividade. Desse modo, por configurar-se como um elemento comunitário, a identidade nacional necessita o tempo todo ser reafirmada e suportada. Por isso, as diversas manifestações do rito nas crenças religiosas possuem o poder de estabelecer justamente essa reafirmação e suporte da identidade nacional, de acordo com Durkheim:

> As verdadeiras crenças religiosas são sempre comuns a um grupo específico que professa manter-se fiel a elas e praticar os ritos a ela relacionados. Estes não são recebidos de maneira meramente individual por todos os membros do grupo: são o que dá ao grupo sua unidade. Os indivíduos que compõem o grupo sentem-se unidos uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum.(DURKHEIM, 1958, p. 222-223)

Constata-se portanto, que nessa manifestação do rito, o indivíduo diante da nação se comporta como um fiel, que depreende nesse processo de identificação uma forte carga emocial decorrente de sua experiência num repertório cultural que lhe é transmitido, enquanto objeto de conhecimento.

E é justamente esse repertório cultural que faz o indivíduo se reconehcer dentro de uma nação ao mesmo tempo em que se diferencia de outras;e nesse processo de reconhecimento os símbolos, valores, crenças e costumes estabelecem os laços afetivos entre as pessoas, uma vez que são identificados como parte de si próprias, daí dessa ligação afetiva aos elementos culturais identitários o nacionalismo se propaga, seja na forma pacífica ou democrática seja de maneira violenta ou intolerante.

Essa duas formas de manifestação do nacionalismo são decorrentes da maneira como os elementos culturais são apreendidos pelos indivíduos enquanto conteúdos simbólicos. Assim, os símbolos se configuram como indicadores da semelhança ou da diferença, ou seja, um conceito simbólico como o de fronteira, por exemplo, torna-se um indicador da maneira como serão estabelecidos limites à comunidades que se encontram do outro lado da nação.

Do mesmo modo, elementos simbólicos como a bandeira ou o brasão, por exemplo, indicam a unidade da nação e representam para os indivíduos que se encontram unidos politicamente num território símbolos do nacionalismo, ainda que haja divergências ideológicas entre as posições-sujeito de uma mesma nação:

> Um exemplo de maleabilidade dos símbolos nacionalistas é o fato de que pessoas de opiniões radicalmente opostas podem achar seus próprios significados no que, não obstante, permanece como símbolos comuns. A *senyera* – bandeira catalã – , por exemplo, possui diferentes significados para os partidos catalães socialista, nacionalista, republicano ou da ala direita, que a utilizam em suas passeatas e outros eventos públicos.(GUIBERNAU, 1997, p. 92)

Os símbolos têm, portanto, a função de atenuar as diferenças, a fim de reunir ideologias distintas que existem em um mesmo território em torno de

algo que representa a coletividade como um todo, tornando-a coesa do ponto de vista da identidade.

Como os símbolos são espontaneamente criados e têm seu significado construído ao longo do tempo, eles podem ser constantemente ressignificados, no intuito de que se mantenha seu papel de expressar o nacionalismo, por isso estão associados à tradição e são largamente utilizados nos rituais que celebram os momentos cívicos da nação.

Assim, a partir da interpretação dos conceitos de identidade nacional, cultura, símbolo, nação, estado e estado-nacional, as concepções de nacionalismo sofrem variações que resultam em perspectivas que levam em conta um ou outro conceito.

Desse modo, na abordagem da teoria social clássica, a ideia de nacionalismo fundamenta-se na concepção de estado nacional enquanto na abordagem modernista, ainda que também fundada na noção de estado nacional, o papel desempenhado pelas instituições do estado é oriundo do desenvolvimento histórico da cultura, imerso na ideia de nação. Já a abordagem essencialista considera o fator psicológico como o preponderante na construção do nacionalismo, que seria segundo Giddens (1985, p. 171) "a filiação de indivíduos a um conjunto de símbolos e crenças que ressaltam os sentidos comunitários ente os membros de uma ordem política". Como complemento a essa concepção essencialista, a abordagem etno-simbolista enfatiza a contribuição do componente étnico na origem das nações.

Constata-se portanto, que a fragmentação da noção de nacionalismo surge da impossibilidade de concialiação da ideia de que estado e nação se equivalem enquanto provedores e mantenedores dos elementos identitários. Por isso, sendo o estado uma noção moderna e fixa a um território nacional e nação uma concepção que supera o tempo, o espaço e a materialidade, a construção do conceito de nacionalismo não se fechará numa abordagem estanque, uma vez que é suscetível às interpretações históricas dos diversos processos de construção dos agrupamentos humanos.

1.1 Perspectiva Social Clássica

Marx (1818-1883) discute no *Manifesto Comunista* a construção da história da humanidade sob o viéis da luta de classes, trabalhadores e donos dos meios de produção denominados oprimidos e opressores de acordo com sua teoria dialética da divisão do trabalho: "Homem livre e escravo, nobre e plebeu, senhor e servo, mestre de guilda e artífice, em suma, opressores e oprimidos, mantiveram-se em constante oposição um ao outro" (MARX, 1975, p. 26). Da oposição advém, a necessidade de organização da sociedade em torno da revolução que libertará os opressores do estado de dominação engendrado pelos donos dos meios de produção. Assim, burguesia e proletariado compõem as classes da sociedade moderna e se configuram como protagonistas do motor da história, logo, para Marx, o papel das nações deve ser analisado sob o ponto de vista da relação conflituosa entre essas duas classes sociais enquanto esferas planetárias.

Desse modo, para o pensador alemão, a ideia de nacionalismo está ancorada num anseio burguês, a partir do qual todos os elementos inerentes à composição da nação (instituições, ordenamento jurídico, valores, cultura e símbolos) estão submetidos à manutenção da propriedade privada do capital. Contudo, Marx concebe a empresa da unificação alemã como um intuito burguês de tomar para si um estado e destituir a classe proletária de qualquer possibilidade de obtenção de uma consciência nacional.

> A nacionalidade do trabalhador não é nem francesa, nem inglesa, nem alemã: é o trabalho, a livre escravisão, a autotraficãncia. Seu governo não é nem francês, nem inglês nem alemão: é o capital. Sua atmosfera nativa não é nem a francesa, nem a alemã, nem a inglesa: é a atmosfera da fábrica. A terra que lhe pertence não é nem francesa, nem inglesa, nem alemã: ela jaz uns poucos pés abaixo da terra (MARX, 1975, p. 280)

Engels (1820-1895), em seu ensaio dirigido à classe trabalhadora britânica, enfatiza esse mesmo caráter de que a categoria proletária se sobressai à de identidade nacional inglesa, assim, a classse trabalhadora enquanto protagonista do motor da história deve estar inscrita numa

concepção internacional, segundo Engels (1975, p.53): "A unilateralidade nacional e a estreiteza de ponto de vista se tornam casa vez mais impossíveis". Desse modo, a Internacional[1] se opõe à ideia de unidade nacional, uma vez que esta é um artifício burguês para a manutenção da dominação e acirramento das diferenças entre o proletariado.

No entanto, à medida que a luta de classe avança na Europa, Marx e Engels reveem seus pressupostos anti-nacionalistas e apoiam iniciativas de estados nacionais como Hungria, Alemanha e Polônia por se configurarem como nações-instrumentos para a realização da revolução da classe trabalhadora, assim exaltam tais projetos de nações históricas e refutam projetos como o da nação eslava, visto pelos intelectuais como projetos forjados a partir de um ideal alemão burguês. Por outro lado, Marx e Engels reconhecem que identidades com o a irlandesa, por se organizarem à parte dos britânicos na Internacional, possuem condições de se afirmarem como nações, dado o seu posicionamento de recusar uma filiação à lógica da nação dominante.

> Se os membros de uma nação conquistadora exigiam da nação que haviam conquistado, e que continuavam a oprimir, esquecer sua nacionalidade e posição específica, "suprimir as diferenças nacionais" e assim por diante, isso não era internacionalismo; nada mais era do que pregar sua submissão ao jugo, e tentativa de justificar e perpetuar o domínio do conquistador sob o disfarce do internacionalismo. Os irlandeses, assim como outras nacionalidades oprimidas, só podiam entrar para a Associação como sendo iguais aos membros da nação conquistadora, e protestando contra a conquista. (MARX e ENGELS, 1975, p. 155-156)

Marx e Engels ressaltam portanto, que a classe trabalhadora deveria se organizar como protagonista da história de suas nações com vistas ao alcance da harmonia com outros estados, de modo a refutar toda e qualquer possibilidade de controle exercido pelas nações submetidas à lógica burguesa. Assim, a recusa do nacionalismo se fundamenta na concepção de que a ausência dessa harmonia é decorrente da luta de classes, logo seria preciso restaurar a condição do proletariado internacionalmente como forma de

---

1 Organização mundial de trabalhadores, fundada em 1864, que tinha como objetivo o desenvolvimento do movimento operário numa esfera transnacional.

resistência e oposição à dominação materializada sob o formato das instituições nacionais que integram os estados, vistos, desse modo, pelos pensadores como agentes da opressão sobre o proletariado.

Os intelectuais ressaltam também que a ideia de nacionalismo vai de encontro à materialização da revolução proletária, em que haveria a dissolução dos estados, em prol da afirmação de uma condição de classe, na qual a classe trabalhadora se sobressairia das amarras dos elementos de composição de uma identidade nacional (cultura, religião, língua) em prol do estabelecimento da ascenção planetária da identidade comum da classe trabalhadora.

Diferentemente de Marx e Engles, Durkhiem (1858-1917) define o estado como um grupo de agentes que tomam para si a prerrogativa de elaborar as representações e as vontades de uma coletividade passiva, nesse sentido, o estado não representa um consciente coletivo, mas antes o torna possível ao forjar artificialmente os comportamentos de uma coletividade. Desse modo, estão ausentes da concepção de Durkeim as concepções individualistas de estado, uma vez que o pensador o concebe como um mecanismo no qual indivíduos colocam em prática projetos que visam a uma finalidade social, dos quais eles, enquanto indivíduos, apenas tomam parte como meros operadores do processo e não como idealizadores ou criadores.

Assim, de acordo com Durkheim a relação do sujeito com o estado não seria meramente a de anulação, uma vez que é papel do estado a garantia da dignidade moral dos indivíduos, fundada sobretudo na liberdade, porém uma liberdade regulada pela ação desse estado na vida das pessoas, já que este vem a ser aquele que cria e que sistematiza os direitos e garantias individuais, daí afirma que:

> uma sociedade composta de um massa de indivíduos extremamente grande e não-organizada, que um estado desenvolvido em excesso tenta limitar e conter, constituiu uma verdadeira mostruosidade sociológica. Para a atividade coletiva, é sempre demasiadamente complexo ser capaz de encontrar expressão num único órgão do estado. Além disso, o estado é por demais afastado dos indivíduos, suas conexões com eles muito superficiais e irregulares, para poder penetrar nas profundezas de suas consciências e socializá-las internamente. Isso porque, quando o estado constitui o único

> meio ambiente em que os homens podem ajustar-se para a atividade da vida em comum, eles inevitavelmente "se afastam desse envolvimento", desprendendo-se uns dos outros, e assim a sociedade se desintegra até um ponto correspondente. Uma nação não pode ser conservada, a não ser que, entre o estado e os indivíduos, uma série completa de grupos secundários se interponha (DURKHEIM, 1958, p. 73)

Os grupos ou forças secundárias aos quais se refere Durkheim dizem respeito às formas de organização que se dão no âmbito do estado mas não são diretamente reguladas por ele, impedindo-o, nesse caso, de deliberar de modo totalitário acerca de questões particulares inerentes ao cotidiano das pessoas, por isso, grupos secundários, como associações de classe, devem funcionar na esfera do estado como organismos livres de ação e de elaboração, autônomos portanto, com relação ao controle do estado.

Entretanto, é função do estado, segundo Durkheim, o controle ou a subordinação à sua ação dos mecanismos que desempenham funções coletivas, como a educação e a democracia. A educação de acordo com o pensador (1958, p.76) "assegura um corpo de ideias e sentimentos suficientemente comum entre os cidadãos, sem o que qualquer sociedade é impossível", enquanto a democracia deve garantir a consistente relação entre sociedade e estado, por meio da representação e da informação da ação do estado aos indivíduos.

No que se refere à ação do estado junto aos indivíduos, curiosamente, a formulação de Durkheim que mais se aproxima da ideia de nacionalismo diz respeito à relação entre estado e religião. A concepção de religião, por mais que pareça individual, ela se configura como um elemento gerado no âmbito da sociedade, em que se observa, por exemplo por meio do ritual, manifestações de coesão existentes numa coletividade, expressas numa linguagem e simbologia essencialmente nacionalistas.

Um outro elemento de coesão coletiva discutido por Durkheim é a ideia de patriotismo, que segundo o pensador, liga os indivíduos por meio do afeto a um determinado estado. A partir dessa elaboração, constata-se que Durkheim não discute explicitamente o conceito de nacionalismo, o pensador o dilui na

noção de "ideal humano" segundo o qual teria como função ressaltar o caráter moral dos indivíduos por assim viverem numa sociedade estabelecida. Portanto, para Durkheim, o caráter de diferenciação nacional ou o patriotismo não se configurariam como fatores de afirmação, expansão ou imposição de um estado sobre outro, o sentimento de pertença deve ser reforçado com vistas ao alcance de uma melhor constituição moral dos indivíduos dentro do estado.

Dentro da teoria clássica, Max Weber (1864-1920), ao contrário de Durkheim concebe o estado na sua relação entre política e poder, daí o pensador o define como "uma comunidade humana que pretende o monopólio do uso legítimo da força física dentro de determinado território" (WEBER, 1982, p.78). Assim, Weber ressalta a relação indissociável entre poder e estado na diferenciação entre os conceitos de nação e estado; para o pensador somente o estado seria capaz de garantir a manutenção dos sistemas de valores culturais constituintes das nações, pois, segundo ele, sendo nação um conceito emocional, à medida que se acentua aproxima-se cada vez mais do ideal de estado:

> Muitas vezes descobrimos que o conceito de "nação" remete-nos para o poder político. Em consequência, o conceito parece referir-se – se de alguma forma se refere a um fenômeno uniforme – a uma espécie específica de pathos que se liga à ideia de uma poderosa comunidade política de pessoas que partilham uma língua ou religião comum, ou costumes comuns, ou lembranças políticas; tal estado pode já existir ou pode ser desejado. Quanto mais se enfatiza o poder, mais íntimo parace ser o elo entre nação e estado. (WEBER, 1982, p. 398)

Para Weber, o conceito de nacionalismo, assim como em Durkheim, aparece diluído em outras formulações relativas aos elementos constitutivos de um estado nacional. Em Weber, a noção de nacional é compartilhada com a noção de povo ou de grupo étnico, como também com a de língua, desse modo, a difusão de uma ideia de nação abrange, na sua forma mais acentuada, a afirmação da superioridade ou da peculiaridade desses elementos inerentes àqueles que se reconhecem numa nação. Desse modo, na relação

entre poder e nação, como a observada, segundo o pensador, na unificação da Alemanha, constata-se justamente uma afirmação valores culturais alemães que se pretendia justificar uma política de poder desse estado para o mundo.

Assim, diante da expansão mundial do poder alemão, Weber adere a um posicionamento nacionalista para ressaltar que o desenvolvimento dessa nacionalidade deve ser um princípio muito caro à própria demonstração de supremacia dessa nação, concepção que faz com que o mesmo adote uma postura de oposição à imigração polonesa na Alemanha e apoie a atuação desse estado na Primeira Guerra Mundial.

Do grande conflito, Weber conclui que a tentativa de a Alemanha submeter outras nações a seu julgo se justificaria pela sua posição de nação mais apta à obtenção do controle político de outros estados, demonstrando desse modo, que sua concepção de nacionalismo se ancorava na formulação darwinista de que o alemão era o povo mais desenvolvido da humanidade, daí sua ideia de que a guerra seria legítima enquanto possibilidade de demonstração do poder da nação germânica ao resto do mundo.

Em síntese, dentro da Teoria Social Clássica não se vislumbrou nenhuma possibilidade de o conceito de nacionalismo encontrar uma formulação teórica consistente. Em linhas gerais, os autores representantes dessa corrente expuseram as modificações travadas pelos indivíduos, organizados em sociedade, diante do advento da modernização social e das novas configurações das relações de trabalho ou das relações entre os sujeitos e os estados na sociedade industrial.

Assim, Marx e Weber elegem a luta de classes entre proletariado e burguesia como destaque da dinâmica social do momento pós revolução industrial, nessa concepção o papel do estado nacional ou do nacionalismo é esbatido, uma vez que o motor da história são as lutas travadas no âmbito da sociedade representadas pela nova divisão do trabalho. Dukheim, ao dar destaque a essa divisão do trabalho, enfatizou a função do estado em ser provedor da solidariedade na relação entre as pessoas, destacando o caráter humano da esfera política em detrimento da abordagem do poder ou do território. Já Weber ressalta o poder e o território, além dos valores culturais, como elementos importantes para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de

uma nação, porém este pensador elabora tal ressalva a partir de uma concepção racionalista e não propriamente vinculada a uma interpretação mais ampla que tivesse como ponto de partida a concepção de nacionalismo.

Portanto, as diferentes perspectivas desses autores representantes do pensamento social clássico acerca do objeto de discussão, o nacionalismo, o destitue de sua função de constituição de identidades, fundamental à interpretação política da configuração social moderna. Além disso, a indefinição entre nacionalismo e estado nacional não colabora para a concepção de nacionalismo na sua abordagem psicológica, assim como também não auxilia na apreensão do conceito de estado nacional enquanto concepção institucional, distinções absolutamente necessárias à compreensão dos fenômenos políticos, históricos, culturais e sociais para além de uma visão eurocêntrica.

1.2 Perspectiva Modernista

O pensamento de Ernest Gellner (1925-1995) situa a gênese do conceito de nacionalismo associando-o à sociedade moderna e sua nova divisão do trabalho e instituições, elementos orindos do processo de industrialização que exigiu uma outra organização do sistema educacional que propiciasse aos indivíduos as condições de letramento necessárias para sua inserção no mundo do trabalho. Assim, Gellner define o nacionalismo como "o princípio político que sustenta que política e unidade nacional devem ser coerentes".

Gellner ressalta a necessidade de um estado forte centralizado como forma de manutenção das instituições que garantirão o funcionamento da sociedade de acordo com os paradigmas modernos, assim, enfatiza que a função do estado enquanto provedor da educação será a de propiciar as condições para que os indivíduos estejam devidamente capacidados para o exercício de seus papéis na sociedade industrializada.

No entanto, de acordo com o pensamento marxista e liberal, a identificação das pessoas com um projeto de nação fundado na modernidade industrial significaria sua filiação aos valores da classe dominante, tese equivocada de acordo com a consciência política do proletariado, que recusaria

um sentimento nacionalista construído sob as bases burguesas da exploração do trabalhador pelos donos dos meios de produção.

Gellner entretanto, no intuito de elucidar que o nacionalismo é justamente o resultado necessário dessa correlação de forças descrita pelos liberais e marxistas, afirma que a disposição homogeneizante engendrada pela sociedade industrial permitiria a emergência de identidades não díspares e portanto mais propícias ao desenvolvimento de uma filiação ao projeto de nação vigente, uma vez que uma cultura comum seria constantemente disseminada enquanto modo de ser e de existir na conjuntura moderna. Contudo, Gellner ressalta que a homogenização das relações só será possível com a superação do industrialismo primitivo, gerador das desigualdades que provocam os conflitos entre as classes e resultam em nacionalismos exacerbados, demarcados profundamente pelo acirramento das diferenças:

> ... quando o processo de "semantizar" o trabalho atinge seu apogeu, ele tende também a dotar as culturas industriais avançadas de sentidos idênticos, a promover uma convergência que, junto com a riqueza generalizada, diminui o conflito. É o industrialismo primitivo que gera o máximo de inveja e ressentimentos econômicos e promove a imposição social das culturas superiores que ainda não se tornaram parecidas umas com as outras. (GELLNER, 1983, p. 135)

Porém, Gellner desconsidera que o papel da cultura para os indivíduos extrapola sua simples pertença ao mercado de trabalho, a cultura cria identidades e sentimentos de coletividade que vão muito além do mero fato de se ocupar um espaço dentro da classe trabalhadora, já que esses sentimentos estão relacionados aos valores e símbolos transmitidos historicamente e que geraram a consciência de povo, esta sim, mais propícia a demarcar um lugar específico de luta dentro da suposta homogeneidade da sociedade industrial.

Desse modo Gellner, ao afirmar que o estado deve garantir a manutenção da cultura por meio da centralização de suas instituições, sobretudo as educacionais, desconsidera o fato de que em estados dito legítimos, este tipo de ação estatal é passivel de sucesso, no entanto, em estados ilegítimos, submetidos ao julgo homogenizante através da força,

dificilmente uma cultura comum se sobressairá sem que haja conflitos, uma vez que nestes estados o sentimento de pertença a uma nação inexiste, ou seja, estado e nação não se equivalem em estados ilegítimos que possuem minorias oprimidas ou subrepresentadas.

Ainda na perspectiva modernista, o pensador Benedict Anderson (1936-2015) ressalta a importância do desenvolvimento dos meios modernos de editoração na constituição de uma ideia de nacionalismo e nação, enquanto elementos culturais criados a partir do final do século XVIII. Desse modo, o autor destaca o papel que a disseminação das línguas vernáculas, por meio da imprensa, desempenhou na criação de uma consciência nacional.

Segundo o autor, o vernáculo impresso tornou possível a existência de trocas e comunicações intensas que superaram o uso corrente do latim e do vernáculo falado, além disso os recursos editoriais propiciaram o registro estável da língua, de modo a demarcar uma memória identitária ligada a um passado e a uma história a partir das quais os indivíduos poderiam se identificar e, por fim, a força simbólica e material da língua vernácula possibilitou seu uso enquanto instrumento inerente aos atos da sociedade moderna, devidamente identificada por este traço cultural de fundamental importância à construção da identidade nacional, a língua.

Além da língua, enquanto elemento relevante constituidor da nação – de acordo com Anderson (2003), "uma comunidade imaginada" - outros fatores, associados à ascensão dos vernáculos contribuíram para a formação dessa ideia de comunidade, para com a qual os indivíduos alimentavam um sentimento de pertença: o declínio do argumento religioso de origem e direção monarquista das nações, o enfraquecimento da influência do latim, disseminado via religião, e a modificação, com o advento da modernidade, das relações com o tempo, marcadas agora de forma mais racional, de acordo com a nova lógica capitalista de funcionamento da sociedade.

Daí, esta passagem do sujeito súdito ao cidadão, é analisada por Anderson através das criações artísticas modernas que descreveram uma nova maneira de os indivíduos se movimentarem no tempo e no espaço, o romance e o jornal. O romance relata a vida cotidiana de inúmeros sujeitos que tem sua trajetória narrada num local e tempo determinado, inseridos ainda numa ideia

de comunidade (imaginada) comum. O jornal, de maneira análoga, ao reportar cotidianos e delimitá-los num tempo em espaço definidos, materializam relatos de meios de vida coletivos ou individuais relativos a um ethos específico de nação (comunidade).

> A ideia de um organismo sociológico que se move periodicamente através do tempo homogêneo, vazio, é um exemplo preciso da ideia da nação, que se concebe como uma comunidade sólida que avança continuamente de um lado a outro da história. Um norte-americano jamais conhecerá sem sequer saberaá os nomes de seus 240 milhões de compatriotas. Nem faz ideia do que eles estariam fazendo agora. Mas tem uma confiança completa em sua atividade contínua, anônima, simultânea. (ANDERSON, 2003, p. 48)

Desse modo, a partir dessa disseminação – através do desenvolvimento dos meios impressos, de jornais, revistas e romances (associado a um salto no índice de alfabetização) – a delimitação de comunidades linguísticas, e por extensão, de comunidades devidamente identificadas entre si a partir de um repertório linguístico comum, tornou possível a materialização de um ideal de nação definido agora sob bases equânimes que edificaram novas fronteiras.

Portanto, o grande questionamento que se faz a essa tese de Anderson se relaciona ao fato de que territórios portadores da mesma identidade linguística, ao longo de seu processo histórico, necessariamente não se transformaram em nações unívocas, ao contrário, de acordo com o que se constatou na América colonizada pela Espanha ou em grandes extensões de territórios árabes, observamos várias porções linguisticamente homogêneas resultarem em nações distintas.

Assim, conclui-se que fatores essencialmente homogêneos, não são capazes por si só de garantirem a constituição de uma nação. De um lado a defesa de Anderson, de que a unidade linguística sustentaria uma nação, não se concretizou diante da história, e de outro lado, Gellner também se equivocou ao afirmar que o estado conseguiria prover a coesistência de várias culturas sem abalar a sua homogeneidade, fato que também não ocorreu.

Tanto uma concepção quanto outra desconsiderou o fato de que, mesmo

numa esfera em que há elementos propícios à formação de um identidade coesa, seja a língua ou a cultura, divisões hierárquicas de outras ordens são automaticamente geradas entre os membros de uma comunidade, assim, divisões de caráter étnico, racial, de gênero ou de classe promovem rupturas junto a uma ordem supostamente estabelecida e a partir de tensões e inquietações tensionam a realidade em busca de mudanças sociais.

Ao considerar tais divisões hierárquicas, a perspectiva modernista de John Plamenatz (1912-1975) concebe o fenômeno do nacionalismo como um processo cultural resultante das revoluções europeias. Daí o autor distingue dois tipos de nacionalismo, o nacionalismo oriental e o nacionalismo ocidental; o do tipo oriental se desenvolveu na África, Ásia, América Latina e na Europa entre os eslavos, de acordo com o autor seria um nacionalismo não-europeu porque se desenvolveu primeiramente a leste da Europa Ocidental, cujos expoentes nacionalistas eram França e Inglaterra.

Esse conceito de nacionalismo, de acordo com Plamenatz (1973), diz respeito ao desejo de preservar o povo e sua identidade cultural quando esta se vê ameaçada ou ao desejo de transformá-la ou recriá-la em caso de ausência ou inadequação. Assim, o nacionalismo para o autor é um fenômeno cultural, embora ele possa frequentemente assumir o formato político, desse modo, ele se relaciona ao patriotismo e à consciência nacional. O conceito de patriotismo segundo Plamenatz, embora pouco usado antes do século XVIII, possui um caráter antigo que se refere à ideia de lealdade ao povo ou amor ao país. Já a consciência nacional se refere a uma noção de sobrevivência, ligada ao orgulho e à identidade cultural.

O autor ainda salienta, que a passagem do nacionalismo cultural para o nacionalismo político poder ser exemplificada pela influência que França e Inglaterra passaram a exercer na Europa a partir do século XVII. As duas nações se firmaram como exemplos de potência cultural, econômica e militar e despertaram nas demais nações o desejo de se projetaram politica e culturalmente através do parâmetro de competição inglês e francês. Nesse despertar de intenções, reside, segundo Plamenatz o nacionalismo político, alimentado por um desejo de equiparação às potências centrais como forma de reagir a uma ameaça de preservação da identidade cultural. Assim, o

nacionalismo seria uma tentativa de contenção aos efeitos que diferenças muito profundas poderiam provocar naqueles que se esforçavam por manter sua identidade cultural.

Nesse processo de assimilação, de acordo com Plamenatz, as nações do leste europeu e da Europa central, por causa de seu atraso político-cultural, passaram a desenvolver um senso de inferioridade com relação às nações da Europa ocidental, as quais eram vistas como modelos de representação da modernidade e dos modos de ser e estar num mundo que se tornava cada vez mais cosmopolita. Desse modo, o autor justifica que os sentimentos de inferioridade resultaram em processos nacionalistas totalitários, como os observados no Nazismo na Alemanha e no Fascismo na Itália, processos segundo o autor excessivamente carregados de culturalismo e pouco imbuídos nas ideias modernas de liberalismo.

Entretanto, segundo Plamenatz, no momento em que Itália e Alemanha puderam se desenvolver como nações modernas, do ponto de vista político e cultural, ambas já se encontravam plenamente prontas, ao passo que os estados do Leste europeu tiveram que levar a cabo uma tarefa dupla, primeiro constituirem-se como nações liberais e depois se desenvolverem como estados culturais, ou seja, esses estados foram obrigados a forjar uma consciência nacional na sua gênese cultural e política.

Assim, a porção oriental da Europa teve seu processo civilizatório construído sob a influência das nações europeias poderosas, e mesmo encontrando-se no mesmo continente, pairava nos indivíduos portadores das identidades leste-europeias a sensação de serem não-europeus, daí advinha o reforço do ressentimento e da ideia de anti-civilizados.

Plamenatz estabelece então que havia dois tipos de nacionalismo, o dos alemães e italianos, que o autor denomina como ocidental – em função de essas nações terem conseguido alcançar o patamar de França e Inglaterra – e o nacionalismo não-ocidental, relativo ao construído pelas nações do Leste europeu, caracterizado pelo autor como hostil, não-liberal, ambivalente, imitativo, opressivo e perigoso.

Esse caráter do nacionalismo não-ocidental – que segundo Plamenatz era o caso das etnias do leste europeu, como os eslavos, por exemplo, e mais

tarde africanos e asiáticos – foi resultante da difusão entre esses grupos de ideias e práticas oriundas do ocidente que os fez equipararem-se a quem consideravam mais avançados, de modo a almejar uma transformação em suas próprias identidades, por meio da ruptura com suas tradições a fim de se alcançar o elemento moderno, ou seja, a modernidade no lugar da tradição propiciaria o desenvolvimento ao patamar que desejavam.

Apesar de serem muito instigantes as teses de Plamenatz acerca do nacionalismo, reside nelas um grande perigo, que está justamente na diferenciação que o autor propõe entre nacionalismo oriental e ocidental. O filósofo inglês, ao essencializar e reduzir a um denominador mínimo (o avanço político-cultural) a distinção entre leste e oeste, corre mais o risco de produzir ideologia do que conhecimento, pois desconsidera nessa diferenciação que o caráter depreciativo do nacionalismo oriental – hostil, não-liberal, ambivalente, imitativo, opressivo e perigoso – por muitas vezes na História foi encontrado no nacionalismo ocidental, sobretudo na relação que as nações centrais europeias estabeleceram com África, Ásia, Leste Europeu e América Latina. (DUNGACIU, 1999, p. 17)

Dessas divisões suscetíveis a tensões, o nacionalismo para o pensador iraquiano Elie Kedourie (1926-1992) diz respeito a um amálgama de ideias que giram em torno da relação que o indivíduo possui com a sociedade e a política:

> Os inventores da doutrina procuraram provar que as nações são divisões naturais óbvias da raça humana, valendo-se da história, da antropologia e da linguística. Mas a tentativa cai por terra uma vez que, por mais em voga que a doutrina etnológica ou filológica possa estar na atualidade, não nenhuma razão persuasiva pela qual o fato de um povo falar a mesma língua ou pertencer à mesma raça deva, por si mesmo, habilitá-lo a desfrutar de um governo exclusivamente próprio (KEDOURIE, 1970, p. 80)

Desse modo, segundo o autor, a simples pertença a uma raça ou a um vernáculo não é fator de garantia de unidade política, por isso, o direito que o sujeito possui de afirmar sua diferença deve ser o fator preponderante à constituição de seu princípio ético-político.

Essa afirmação da diferença enquanto um princípo político teve como base as profundas transformações que ocorreram na passagem do século XVIII para o XIX e que provocaram rupturas definitivas com qualquer padrão tradicional. Assim, essas rupturas tomaram o formato de tensões sociais que justificaram, a curto prazo, a manifestação violenta de determinados movimentos nacionalistas. Contudo, constata-se em diversas dessas manifestações, além de uma repulsa ao elemento estrangeiro, uma aversão generalizada a todo produto construído pela geração anterior, resultando na afirmação de uma juventude que lançou mão dos meios modernos, como o jornal, por exemplo, para impulsionar e disseminar seus anseios nacionalistas.

Kedourie entretanto, ao analisar o efeito do colonialismo europeu na África e na Ásia, ressalta o papel que os intelectuais locais tiveram na disseminação de um pensamento nacionalista anti-colonial. Naquela conjuntura, tais intelectuais tendo sido formados no Ocidente veem-se subaproveitados para atuar em seus locais de origem ao mesmo tempo em que não possuíam condições de serem incorporados à "metrópole". Assim, nada restou-lhes fazer a não ser instigar as massas, facilmente manipuláveis, a reivindicar seu status de liberdade via afirmação de uma identidade nacional.

Portanto, ao contrário de Gellner, Anderson e Plamenatz, a perspectiva modernista de Kedourie, destaca o papel dos agentes da modernidade, os intelectuais, que se valeram dos elementos modernos descritos pelos dois autores como forma de demarcar sua condição de grupo mais apto ao uso desses recursos de vanguarda enquanto mecanismos tensionadores da realidade.

No entanto, para além do fato de os intelectuais se reconhecerem como os mais "capazes" de influenciar as massas e conduzir o processo de construção da consciência nacional, a história mostra que o elemento preponderante à formação do nacionalismo é povo conduzido por suas paixões, daí a necessidade de uma interpretação essencialista do fenômeno do nacionalismo.

1.3 Perspectiva Essencialista e Etno-simbolista

A ideia essencial de nação foi descrita inicialmente pelo pensador John Gottfried Herder (1744-1803) como a mesma sendo '"algo tão natural como uma planta, como uma família, só que com os mesmos ramos". Essa concepção primordial de nação fundamenta-se na ideia de uma coletividade etnocultural dotada de uma identidade política que compartilha de um ramo ancestral comum, e tem também como base de sua existência mitos fundadores que resultaram em culturas genuínas.

O essencialismo na sua versão inicial destacava o elemento sociobiológico, ou seja, a genética, como o fator desencadeador das relações entre os indivíduos, daí a constituição de uma nação teria como ponto de partida os sentimentos oriundos dos laços familiares.

Uma outra versão de essencialismo enfatiza os elementos culturais, língua e religião, por exemplo, como determinantes à formação de núcleos familiares de origem distintas, pois tendo-se perdido o referencial biológico original, seriam esses elementos culturais os responsáveis pela manutenção da coesão social da nação em vias de se formar.

Além do essencialismo biológico e do essencialismo culturalista, cujos expoentes são, respectivamente, Pierre van den Berghe (1933) e Cifford Getz (1926-2006), há ainda uma outra versão da teoria essencialista, representada por Walker Connor (1926-2017), que justifica a perenidade das nações (visão perenealista) como resultante das dinâmicas sociais ocorridas ao longo da história. Nesse sentido, ainda que os componentes modernos, como comunicação e cidadania, sejam levados em consideração na interpretação sobre a origem das nações, o fato de que há uma vinculação ancestral coletiva a ela não poderia ser refutado.

Desse modo, a partir da síntese dessas três versões da teoria essencialista, Antony Smith (1939-2016) desenvolve o conceito de *comunidade étnica*, que de acordo com sua visão, no componente étnico, com seus valores, mitos e símbolos, estaria a autêntica origem das nações, daí a adoção da concepção de étno-simbolismo.

Smith contudo, não aceita totalmente a ideia de que as nações foram forjadas na modernidade e automaticamente submetidas ao controle das elites detentoras do poder, condição na qual a concepção de nacionalismo estaria

sujeita à ideologia dos setores dominantes da sociedade. Entretanto, o autor relativiza o papel da modernidade na constituição das nações, ao ressaltar que origens pré-modernas devem ser também levadas em consideração na análise desse objeto, uma vez que os elementos modernos por si só, não conseguem explicar, por exemplo, as razões pelas quais os sentimentos de pertença a uma identidade são elaborados.

Assim, para Smith, ao contrário de Kedourie, a constituição dos nacionalismos nos continentes colonizados não ocorreu como um mero fenômeno resultante da ação dos intelectuais "ressentidos", mas da disposição de indivíduos que projetaram suas paixões e interesses a serviço de uma classe cultural de base genuína.

Por isso, para Smith, faz-se necessário ao estudo da origem das nações a pesquisa das fontes pré-modernas de formação histórica daquele objeto, a fim de se dar destaque ao papel desempenhado pelas etnias fundamentais a partir das quais estados como Egito e China, por exemplo se formaram, analisando detidamente seus ritos, simbolos, mitos, valores e memórias, elementos cruciais à compreensão do fenômeno do nacionalismo como um todo.

Entretanto, Smith afirma que as bases da formação da nação, a comunidade étnica, não consegue sozinha estabelecer a transição à nação, assim, essas comunidades, a partir das revoluções ocidentais (francesa, americana e industrial), assimilaram elementos modernos que modificaram sua natureza transformando-as em nações. Dentre esses elementos, Smith cita o aparato burocrático, a etnia, a incorporação do imigrante e a imposição do estado moderno.

O aparato burocrático implica a incorporação de um *modus vivendi* de base territorial, no qual a antiga atuação feudo-aristocrática beligerante sede espaço à nação politizada e unida por laços étnicos comuns e encerrada num mesmo território. Consequentemente, da sobrevivência de vernáculos e suas etnias correspondentes, surge a disposição de unificá-las num mesmo território, daí a etnia como fator preponderante à passagem de comunidade étnica à nação política.

A incorporação do imigrante, ocorreu em comunidades pluriétnicas, que diante da impossibilidade de se formar como nação genuína a partir de um

referencial étnico unívoco, reúne em torno de si potencialidades culturais distintas suscetíveis à fomação de uma unidade política nacional, caso dos Estados Unidos, por exemplo.

O último elemento que justifica a formação de uma nação a partir de uma comunidade étnica, de acordo com Smith, é a imposição do estado moderno. Essa imposição foi constatada, sobretudo, pós-1945 na ocasião da partilha da Ásia e da África pelas nações europeias. Tal constituição artificial de estados nesses dois continentes, devido à política pós-colonial que possibilitou que etnias "rivais" pudessem conviver num mesmo território, acirrou os conflitos e demarcou as diferenças entre as nações. Assim, o autor estabelece uma oposição entre os conceitos de estado-nação e nação étnica, como forma de explicitar de que forma os processos históricos, como a imposição do estado moderno, levam à formação política de uma nação, e ressalta que são justamente esses processos que determinam a distinção entre estado-nação e nação-étnica:

> O Estado imposto pelos colonizadores desperta um nacionalismo das elites (…) Ao mesmo tempo, isso leva a um nacionalismo étnico de massa com tendências conflituosas, que pode originar reivindicações separatistas no Estado pós-colonial. Aqui as probabilidades de conflitos concernentes às questões de identidade e lealdade são muito altas, pois as etnias periféricas, competem, seja entre si, seja com comunidades solidamente nucleadas, que são dominantes ou estratégicas, e com as elites estatais de inspiração étnica – o conceito de Estado-nação se opõe fortemente ao de nação-étnica. (SMITH, 1983, 350)

Observa-se entretanto, que Smith não refuta completamente o elemento moderno ma elaboração de sua tese a respeito do nacionalismo, o autor sustenta, portanto, que as condições étnicas devem ser evidenciadas como constituidoras desse elemento moderno.

> Resumindo, a constituição da nação depende dos processos de modernização, do empenho humano, mas também das condições étinicas favoráveis; "quanto mais apropriadas forem essas condições étnicas, maior será a probabilidade de sucesso

> (…) a ausência de tais condições (…) não remove apenas a base de coesão necessária para as unidades políticas: também cria sociedades organizadas, mas etnicamente divididas, bases rivais para unidades alternativas e as oportunidades para rupturas (SMITH, 1983, 352-353)

Por fim, o etno-simbolismo de Smith, a despeito de conseguir conciliar os elementos modernos e pré-modernos na interpretação da constituição das nações, não se propõe a ser a única interpretação viável do nacionalismo, ao contrário, o que Smith enfatiza é justamente o fato de que os processos de formação das nações são historicamente determinados, assim, sua teoria não pretende ser exemplar, mas sim ser utilizada como uma ferramenta empírica de análise dessas condições históricas inererentes à construção do fenômeno do nacionalismo.

Capítulo 2 Nacionalismo Árabe e Egípcio

A concepção de nacionalismo árabe foi inicialmente denominada de pan-arabismo e é resultante dos debates e formulações de intelectuais árabes que passaram a pensar a relação entre a religião islâmica e a sociedade moderna. Os pensadores mais influentes do pan-arabismo foram o egípcio Muhammad 'Abduh (1849-1905) e o sírio Rashid Rida (1865-1935) que influenciados inicialmente pelo pensador iraniano Jamal al-Din al Afghani (1839-1897) propuseram ideias acerca da necessidade de relacionar as leis islâmicas aos princípios do mundo moderno, uma vez que consideravam que o saber religioso não era incompatível com a razão humana, desse modo, a tradição, aliada ao progresso, estabeleceria o direcionamento e os limites da conduta moral dos fiéis e cidadãos.

'Abduh e Rida, que eram ulemás[2] de formação educacional tradicional, difundiram ideias que propiciaram aos demais árabes educados aceitação do modus vivendi ocidental sem, no entanto, romper com a tradição. Assim, nessa geração de 'Abduh, o nacionalismo encontrou terreno fértil para seu desenvolvimento, de modo que tunisianos, egípcios, outros povos árabes e turcos, pudessem concretizar em seus territórios projetos de autonomia cultural e política.

Cada um desses grupos articularam seu processo nacionalista como reação a contextos distintos. O caso dos turcos, por exemplo, teve como desencadeador principal o rompimento entre as elites que detinham o poder com os representantes do Império Otomano, que neste momento que antecede a Primeira Grande Guerra tomava o formato de um estado de expressão árabe-turca.

O início desse processo nacionalista turco começa com a difusão de ideias por parte de intelectuais muçulmanos que visavam retomar a força da religião islâmica e o punjente passado árabe, no entanto, tal movimento só se intensifica com ênfase política após a tomada do poder pelos jovens turcos, que destituiram o trono do sultão na Revolução de 1908. Porém, o protagonismo turco desse movimento desagradou aos árabes que estavam

2 Ulemá – especialista em leis islâmicas.

submetidos ao Império, cujo controle passou a ser exercido pelos desencadeadores da revolução.

No Egito, Tunísia e Argélia, estados que se encontravam já sob pouca influência do Império Otomano, tinham como principal problema serem áreas de domínio e influência de potências europeias. O Egito, especificamente, já exacerbava ares de nacionalismo desde o movimento de 1882 que se opôs veementemente à ocupação britânica, no entanto, naquele momento, dado o desentendimento entre aqueles que se opunham ou apoiavam a dominação inglesa, essa mobilização ainda não obteve o fôlego necessário à instauração de um nacionalismo mais consistente.

Na Tunísia, um grupo de jovens educados na França, denominados "Jovens Tunisianos", num primeiro momento não exigiam o fim da dominação francesa, mas sim reformas que propiciassem um maior acesso dos tunisianos à educação na Europa ou a cargos governamentais, medidas essas as quais os colonos franceses se opunham. A mesma articulação da juventude educada ocorreu na Argélia, assim, os "Jovens Argelinos" reivindicavam políticas que visavam uma maior participação dos árabes nos sistemas educacional, jurídico e político do estado. Por fim, num movimento contrário ao dos estados árabes norte-africanos, a oposição marroquina à dominação francesa foi desencadeada por representantes das camadas tradicionais, os ulemás urbanos, cuja inspiração estava fundada nas bases da tradição islâmica (HOURANI, 2006).

No que se refere à percepção do papel da educação tradicional nos processos de constituição do nacionalismo, constatou-se que as escolas religiosas haviam perdido sua função diante de uma sociedade moderna de base ocidental. A formação nessas unidades educacionais não possibilitava o acesso aos cargos governamentais, além disso, essa formação não estava em consonância com os novos ordenamentos criminais e comerciais que restringiam a aplicação da *charia*, a lei islâmica.

Desse modo, os profissionais requeridos para atuar dentro desse novo sistema jurídico e administrativo deveriam obter sua formação fora dessas instituições confessionais, cujas ordens religiosas vinham sistematicamente se enfraquecendo, ou sendo submetidas ao controle da ocupação europeia,

temerosa de uma "revolução islâmica". Observa-se, portanto, nesse processo de implementação do nacionalismo, a formulação de Kedourie acerca do relevante papel desempenhado pelos intelectuais na atuação política anti-colonial.

Entretanto, o momento mais propício ao desenvolvimento do nacionalismo ocorreu na Primeira Guerra Mundial. Com o acirramento das disputas entre as potências europeias, sobretudo nos territórios do Império Otomano, a guerra estabelece demarcações de posições ainda mais graves no que se refere à ocupação de porções do já decadente Império. O Iraque, a Palestina e a Síria foram ocupados pelos britânicos, que venceram os otomanos em batalhas nesses territórios. A ocupação francesa intensificou-se nos estados do Magreb, assim, o Império Otomano ficou reduzido à Anatólia e a uma pequena porção europeia, a partir daí, como resultado desfavorável da guerra, o sultanato foi suprimido a uma República Turca criada por oficiais do exército. Esse foi o fim definitivo do Império Otomano.

A desintegração do Império acabou definitivamente com a ordem política na qual, por mais de quatro séculos, os árabes viveram, assim, a presença do Califado[3], guardião da Religião Islâmica, nos postos de poder junto às potências europeias, ao desaparecer por completo, fez com que os árabes passassem a redefinir sua identidade a partir dessa nova configuração política. Assim, revoltas ocorreram na Argélia, Marrocos, Egito e Sudão, fenômenos, de acordo com Plamenatz, resultantes da assimilação obrigatória da modernidade no lugar da tradição.

Na Argélia, um movimento de reivindicação de caráter islâmico na representação parlamentar foi sufocado; no Marrocos, uma mobilização armada contra a dominação francesa e espanhola foi também sufocada. No Egito, a dominação britânica havia sido consolidada em 1914, levando o quediva[4] a mudar seu nome para sultão[5]. Porém, em 1919, diante da recusa britânica de permitir que uma delegação egípcia apresentasse uma moção de independência na Conferência de Paz na França, foi desencadeada uma intensa mobilização popular organizada, que mesmo tendo sido reprimida levou a

3 Califado – forma de governo monárquico de base islâmica.
4 Quediva – título de vice-rei conferido ao paxá, governante ou alto-funcionário do Egito.
5 Sultão – nobre da monarquia islâmica.

criação de uma partido nacionalista (Wafd) que forçou os britânicos a emitirem uma declaração de independência; nessa ocasião, o sultão modifica seu título para rei. Na mesma via, o Sudão também se declara independente e expulsa do país egípcios e britânicos que dividiam o controle político do estado.

O destino das demais porções territoriais do Império Otomano foi decidido em acordos firmados entre britânicos e franceses – Acordo Sykes-Picot e Declaração de Balfour – que dividiram esses territórios em áreas de influência submetidas a esses dois estados (mandatos). Assim, segundo a determinação desses acordos, instituídos pela Liga das Nações em 1922, a Inglaterra teria o mandato do Iraque e da Palestina e a França do Líbano e da Síria. A oposição a esses mandatos, no caso da Síria, ocorreu numa tentativa de se criar um estado independente liderado for Faysal (1885- 1933) filho do grande xerife de Meca, Husayn bin Ali; movimento que foi veementemente reprimido pelos franceses. À Leste da Palestina, onde a Inglaterra exercia diretamente seu mandato, foi criada a Transjordânia, governada por outro filho de Husayn, 'Abdullah. No Iraque, sob o comando de Faysal, que havia sido expulso da Síria, eclodiu uma revolta tribal nacionalista que resultou na criação de um reinado, mediante acordo entre iraquianos e britânicos.

Os únicos territórios árabes que não ficaram submetidos às potências europeias foram Arábia Saudita e Iêmen, porém a independência desses dois estados era relativa, uma vez que se encontravam completamente cercados pelo mandato britânico. O único país independente de fato que restou do Império Otomano foi a Turquia, que governada por um "líder notável", Mustafa Kemal (1881-1938), conhecido como Ataturk, foi conduzida a uma sociedade de base nacionalista, na qual Estado e religião foram rigidamente separados e sua disposição em fazer parte da Europa foi intensificada. Desse modo, a Turquia, ao romper seus laços com o mundo árabe, depertou ressentimentos mútuos, que se materializaram tempos depois em disputas de fronteiras com Síria e Iraque. Entretanto, o símbolo de Ataturk como líder bem-sucedido que desbancou a Europa, teria uma influência significativa nos processos de independência de diversos estados árabes.

Nesses estados árabes para onde franceses e ingleses haviam estabelecido um intenso fluxo de imigração, o controle da política e da

economia estava totalmente nas mãos dos europeus, porém um controle mais grave e suscetível a descontentamento locais, o controle da terra, era largamente exercido pelas potências.

Os imigrantes, chamados de *colons*, foram beneficiados por apropriações de terras na Argélia, Marrocos, Tunísia e Líbia, onde controlavam a agricultura e demais tipos de produção, como o vinho, por exemplo. Na Palestina, a situação era mais grave, com a intensa imigração judaica desde os fins do século XIX e devido às facilidades para aquisição de terras, os judeus passam a ser proprietários, em muito pouco tempo, de considerável parcela das terras férteis da Palestina. Porém, a despeito de os europeus controlarem significativa porção das terras árabes, a elite imigrante de todos esses países estava concentrada nas áreas urbanas, nas quais ocupavam postos de prestígio ou no serviço público ou nos demais ramos da atividade econômica. Essa elite urbana e rural, que dentro de poucas décadas se tornou uma elite nativa, reivindicava cada vez mais a necessidade de controle e participação no governo, fato que alimentou as mobilizações nacionalistas de oposição ao domínio europeu.

Como na maior parte dos países árabes, o sistema político era retrógrado, dada a impossibilidade de obterem autonomia para efetivar uma organização política moderna, permanecia ainda um padrão de funcionamento da sociedade muito tradicional. No entanto, tal padrão estava em discordância com os anseios da nova elite nativa que exigia reformas e podia contar muitas vezes em suas mobilizações com o apoio popular das camadas urbanas.

Não obstante, vários movimentos por mudanças sacudiram o mundo árabe. No Marrocos, jovens burgueses escolarizados propuseram em 1934 ao controle francês um "plano de reformas". Na Argélia, profissionais liberais articularam um movimento de participação no governo e reconhecimento da identidade nacional, que tomou ainda mais fôlego na ocasião das comemorações dos 100 anos da ocupação francesa no país, em 1930. Síria, Palestina e Iraque também manifestaram inquietações por parte de uma antiga elite militar otomana, que agora exigia mais autonomia por parte dos mandatos. No Sudão, um grupo organizado de intelectuais também exigiu uma maior presença nos cargos administrativos do país.

Entretanto, a articulação política no Egito e na Tunísia era um pouco

diferente que a dos demais países árabes, uma vez que esses dois estados possuíam partidos políticos organizados. No Egito, o partido Wafd criou célular organizativas por todo o país e contava com o apoio de considerável parcela da classe dos profissionais liberais e de alguns setores representantes da burguesia. Mesmo quando suscetível a descrédito, o Waft lançava mão da figura carismática de seu líder, Saad Zaghlul[6](1859-1927), para ser porta-voz da nação. Na Tunísia, o partido Destur, cuja legenda foi modificada para Neo-Destur em 1930, apostava na liderança de jovens educados na França para espalhar suas ideias entre as camadas urbanas e rurais.

Aos poucos, França e Inglaterra viram-se obrigadas a fazer acordos políticos com esses partidos e grupos , de modo a manter seu controle inabalado mediante pequenas concessões feitas aos representantes dos nacionalistas. Essa manobra política foi exercida no Iraque e no Egito. No Iraque, o acordo com o rei Faysal e os britânicos resultou na admissão do país na Liga das Nações, em troca de uma autonomia formal associada à presença britânica em bases militares e no controle da mídia. No Egito, semelhante acordo foi estabelecido através do Tratado Anglo-Egípcio de 1936, que acabou com a ocupação militar, mas ainda teve que manter junto aos britânicos a presença de forças armadas no Canal de Suez.

A situação dos países sob influência francesa era um pouco diferente, porque a influente elite europeia presente nesses países, composta por latifundiários e empresários, controlava politicamente as finanças e formava um poderoso *lobby* que impossibilitava ao governo francês fazer concessões aos nacionalistas. Desse modo, a gestão francesa da Frente Popular, em 1936, até tentou negociar com os nacionalistas, porém os lobistas impediram que houvesse avanços tanto na Argélia e Tunísia como na Síria e Líbano.

Contudo, a situação na Palestina era bastante peculiar, de um lado os árabes tentavam conter a intensa imigração e de outro os sionistas apoiavam-se no mandato britânico para manter o fluxo imigratório e, dentro de pouco tempo, assumir o controle do país. Tal situação ficou insustentável de modo que o mandato britânico, no início da década de 30, não conseguia dar mais

6 Saad Zaghlul – Primeiro ministro do Egito entre janeiro e novembro de 1924, fundador do partido Wafd.

uma direção ao impasse. A chegada dos nazistas ao poder na Alemanha agravou ainda mais a situação, tendo como resultado um aumento no fluxo imigratório de judeus para a Palestina. A reação dos palestinos veio sob o formato de luta armada, que repercutiu nos demais países árabes.

A Inglaterra, temendo a ameaça da Itália e da Alemanha e também na tentativa de manter uma boa relação com os países árabes, apresentou em 1937, um plano para criar um estado árabe e um estado judeu na Palestina. Em princípio, os sionistas aceitaram, no entanto, os árabes recusaram. Uma nova tentativa foi feita em 1939, na qual, desta vez, seria garantida a autonomia árabe e a contenção da imigração e compra de terras por parte dos judeus, porém essa nova proposta não foi aceita pelos sionistas que a interpretaram como uma impossibilidade à constituição de um estado judeu. Contudo, com a eclosão da Segunda Guerra (1939-1945) a situação da França e da Inglaterra perante os países árabes se tornaria ainda mais insustentável.

O estopim da Guerra, a invasão russa da Polônia, fez com que nos primeiros meses de 1939 as operações bélicas fossem realizadas apenas entre os estados do norte da Europa. No entanto, a partir do momento em que os exércitos franceses foram derrotados no Magreb e no Oriente Médio e com a entrada da Itália em 1940, mais estados passaram a agir em torno da situação generalizada de instabilidade. A Alemanha ocupou a Grécia e a Ioguslávia e ameaçava avançar sobre Síria e Líbano. O Iraque, já ocupado pelo exército britânico que por lá restaurou seu poder, manteve-se em estado de alerta, obtendo nesse momento apoio francês.

A partir de 1941, com a invasão da Rússia pela Alemanha, a Guerra assume dimensão mundial. Soviéticos e britânicos ocupam o Irã, os Estados Unidos entram na guerra a partir do ataque japonês a sua base marinha, os italianos têm seu efetivo reforçado pelos alemães na Líbia e forma-se uma coesão de estados aliados – Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia – contra os estados do eixo – Alemanha, Itália e Japão.

Exércitos ingleses e americanos ocupam o Marrocos e a Argélia, numa tentativa bem sucedida de conter o avanço alemão na região. Entretanto, apesar da vitória dos aliados e da aparente manutenção das bases de influência inglesas e francesas nos países árabes, essas duas potências

começam a padecer dos efeitos da grande guerra, ao verem-se assoladas por crises econômicas ao mesmo tempo em que obrigadas a aceitar a ajuda americana para reconstrução da Europa. A União Soviética, ao lado dos Estados Unidos, também emerge como liderança mundial após o término do grande conflito.

A guerra propiciou também um alinhamento mais estreito entre os países árabes e tendo o Egito como protagonista, a partir da solicitação britânica de intervenção do Wafd no enfraquecimento do rei, fez com que esse país se tornasse, através de seu partido, o porta-voz do nacionalismo árabe. A materialização dessa unidade solidária entre as nações árabes foi consolidada em 1944 e 1945 nas duas conferências realizadas, respectivamente, em Alexandria e no Cairo, que resultaram na formação da Liga dos Estados Árabes, que abrangia Egito, Síria, Líbano, Transjordânia, Iraque, Arábia Saudita e Iêmen, além de um representante dos palestinos. O papel da Liga não era o de interferir na autonomia de cada país-membro, mas sim o de atuar com vistas a defesa de interesses comuns, sobretudo à tomada de posição favorável à Questão Palestina. A Liga Árabe demarca então um avanço do pan-arabismo para o nacionalismo árabe.

Após a criação da Liga Árabe e a aceitação dos estados árabes como membros da recém-formada Nações Unidas, em 1945, o fortalecimento do nacionalismo árabe e a efetivação dos processos de independência se concretizaram de fato. Assim, o primeiro país a se tornar independente, sob a liderança do chefe sanusita[7] Idris, foi a Líbia, embora ainda tivesse que amargar por muitos anos a presença britânica e americana sob a forma de bases militares. O Egito, após conflitos com os ingleses decorrentes da ocupação militar britânica na Zona do Canal, declarou-se independente em 1952 sob a liderança do nacionalista Gamal 'Abd al-Nasser (1918-1970), que depôs o rei e instaurou uma república no país. O Sudão tem sua independência formal concretizada a partir de acordos entre egípcios e britânicos, que se retiraram definitivamente do país após a conclusão desses acordos.

A independência do Iraque foi resultante de um pacto econômico e de defesa comum, que envolveu Turquia, Paquistão, Irã e Grã-Bretanha, esta

7 Sanusita ou senussi, ordem político-religiosa islâmica.

última concordou em ceder ao país árabe suas bases militares e prometeu ajuda em caso de agressão. O caso da Jordânia era mais delicado, após a criação do Estado de Israel, em 1948, o país abrigou milhares de refugiados palestinos e foi submetido a forte supervisão popular temerosa de possíveis alianças com Israel. Devido a essas suspeitas, o rei 'Abdullah foi assassinado em 1951, levando o país a uma completa instabilidade que resultou na sua independência em 1957.

A retirada francesa da Síria e do Líbano ocorre logo ao final da Segunda Guerra, e na Tunísia e no Marrocos a independência veio em 1956, a partir da constituição de um novo governo francês mais disposto a negociar com o partido Neo-Destur, no caso da Tunísia e com o sultão, no caso do Marrocos. Porém, as relações com a França ficaram abaladas em decorrência da Guerra da Argélia.

A situação da Argélia era um pouco diferente da dos outros estados árabes do Magreb; a Argélia não era propriamente uma colônia, mas sim uma extensão do território francês. A população de colonos franceses controlava a maior parte das terras férteis do país, além de ocuparem altos cargos no governo e representarem uma quase totalidade da classe de profissionais liberais, sendo assim, essa elite não estava nem um pouco disposta a perder seus privilégios diante da eminência de um processo de independência. Em 1945, ocorreu um movimento separatista violento que foi veementemente reprimido pela França que, no entanto, fez algumas concessões à representatividade paritária entre muçulmanos e europeus no parlamento francês e no congresso argelino.

Porém, as disparidades sociais entre os muçulmanos e europeus acirrram-se sistematicamente; os muçulmanos compunham a maioria dos analfabetos e desempregados e quando inseridos no mercado de trabalho ocupavam posições precarizadas. Uma ínfima minoria islâmica fazia parte da classe de profissionais liberais; portanto, entre esses membros das classes desprivilegiadas começou a surgir um sentimento por mudanças, já influenciado pela derrota da França na Indochina e pelos movimentos de independência na África e na Ásia. Assim, em 1954, foi constituída a Frente de Libertação Nacional (FLN), formada por militantes que já haviam atuado no

exército francês além de outros remanescentes da elite educada.

O governo francês inicialmente reagiu com repressão, mas diante do fortalecimento da FLN e da intensificação dos conflitos armados pelo controle da capital Argel, foi aos poucos vendo-se obrigado a recuar, sobretudo, quando em 1958 as forças nacionalistas declararam a existência de um Governo Provisório da República Argelina. Nesse mesmo ano, o primeiro-ministro De Gaulle retorna ao poder e conduz secretamente um acordo em prol dos argelinos, e, finalmente, em 1962, um tratado é assinado e a Argélia se transforma num estado autônomo. O saldo da guerra da Argélia foi terrível: 300.000 muçulmanos morreram e do lado francês as baixas chegaram a 20.000; quase a totalidade dos colonos teve que sair da Argélia, essa classe ainda tentou uma resistência, tornando mais grave ainda sua insustentável situação.

A Palestina ou a Questão Palestina até o presente século ainda é um caso sem solução. Ao término da Segunda Guerra Mundial, o fluxo de imigração judaica para a Palestina foi imenso e os conflitos na região se acirraram. Em 1938 um atentado no hotel King David, em Jerusalém, promovido pelo grupo Irgun, fundado por estudantes da Universidade Hebraica de Jerusalém, deixou um saldo de 91 mortos e dezenas de feridos. A população palestina, aterrorizada com a violência e com a iminente perda de suas terras, resiste, mas, após um genocídio ocorrido em 1947 na aldeia Deir Yassin, em que 245 moradores foram mortos, cerca de 500.000 palestinos se veem obrigados a deixar suas casas.

No mesmo ano do massacre de Deir Yassin, a Grã-Bretanha renuncia ao mandato sobre a Palestina, e a ONU toma a decisão de dividir a região em dois Estados independentes: um palestino e outro judeu. Porém os palestinos e os estados árabes vizinhos recusaram a proposta da ONU, pois o plano concederia muito mais terras aos judeus do que a quantidade que controlavam durante o mandato britânico. A discordância em relação ao plano da ONU traduziu-se em choques armados entre judeus e palestinos.

Assim, em 14 de maio de 1948, foi proclamada a fundação do Estado de Israel. Após ataque de diversos países árabes, a guerra se estendeu até 1949; os Estados árabes foram derrotados e Israel ficou com o controle de 75% do

território da Palestina. Os 25% que restou do território palestino ficou com o Egito, que assumiu o controle da faixa de Gaza, e com a Jordânia, que ficou com a Cisjordânia e a parte oriental de Jerusalém.

O pior resultado da guerra de 1948 foi o início do drama de milhares de palestinos que nos primeiros anos após o conflito se instalaram em campos de refugiados nos países árabes vizinhos, tragédia relatada por Said :

> A guerra de 1948 – chamada de Guerra de Independência de Israel – foi uma catástrofe para os palestinos: dois terços foram expulsos de seus lares e de seu país, muitos foram mortos, todas as suas propriedades foram tomadas e, para todos os efeitos, eles deixaram de existir como povo. Vi isso em minha própria família, tanto do lado de meu pai como do de minha mãe: todos os seus membros, sem exceção, tornaram-se refugiados, ficaram desenraizados e totalmente desorientados e ainda trazem as cicatrizes daquela terrível convulsão. Ter sido um dia membro de uma sociedade (admitidamente controlada pela Grã- Bretanha) em que era possível possuir propriedades, manter profissão ou emprego, constituir família, ir à escola, orar, lavrar a terra e até morrer como um cidadão, e no dia seguinte não poder fazer nada disso, foi para a maioria das pessoas que conheci uma morte em vida. (SAID: 2003, p. 291)

A impossibilidade de estar na própria terra fez com que os banidos se organizassem no exílio e nos campos de refugiados em torno de um movimento que tinha como objetivo organizar uma série de ações que os conduziriam de volta à pátria: a resistência palestina. No aspecto político, a resistência palestina foi institucionalizada pela criação da OLP – Organização para Libertação da Palestina – durante a Primeira Conferência Árabe de Cúpula, em 1964, no Cairo. No mesmo ano, no Congresso Nacional Palestino, em Jerusalém, a OLP foi oficializada, e foi aprovada também nesse congresso a criação de um fundo de reservas para manter a instituição.

No entanto, mesmo após a criação da OLP, os conflitos envolvendo disputas territoriais entre os estados árabes e Israel se acirraram, levando-os a um enfrentamento mais intenso no evento que ficou conhecido como a Guerra dos Seis Dias. A ofensiva rápida de Israel resultou num maior controle deste estado sobre os territórios Palestinos: Gaza, Cisjordânia, colinas de Golan (na

Síria), península do Sinai (Egito) e Jerusalém Oriental. Desse modo, após a guerra mais de 70% dos palestinos passaram a viver em áreas controladas por Israel.

2.1 O Nacionalismo Egípcio no Contexto do Nacionalismo Árabe

As raízes do nacionalismo egípcio são oriundas dos debates acerca dos preceitos da religião islâmica e das concepções da civilização moderna, temas recorrentes nas obras de pensadores egípcios do início do século XIX. Por exemplo, na obra do pensador muçulmano ‘Abduh a dicotomia entre os mandamentos do Islã e os conceitos do pensamento moderno foi sintetizada pela afirmação do autor de que a verdadeira civilização está em conformidade com o Islã.

Desse modo, nas formulações de 'Abduh, a despeito da conformidade entre modernidade e islã, a tensão era um fator presente, no entanto, esses dois conceitos deveriam ser concebidos e explicados à parte, já que abrangiam idiossincrasias resultantes de sua natureza. Assim, de um lado, a religião islâmica, que tinha como propósito expressar a vontade divina através da prescrição do modo de vida que a humanidade deveria seguir; de outro a sociedade moderna, que por sua vez, ditava suas próprias regras acerca de como os homens deveriam proceder em sociedade. Daí 'Abduh tenta provar que essas duas prescrições de conduta não seriam incompatíveis, e tenta fazê-lo por meio de uma análise aprofundada do islã na sua relação com a moralidade prescrita pela sociedade moderna. (HOURANI, 2005).

Porém, um outro pensador, Farid Wajdi, em sua obra *O Islã e a Civilização*, afirmava que o verdadeiro Islã é que estaria em conformidade com a vida moderna. Assim, o pensador defende que as leis do progresso social e da felicidade são as mesmas leis do islã, já que, o homem ao encontrar-se diretamente ligado a Deus, portanto, livre da interferência de religiosos, estaria em condições plenas para o exercício da igualdade, da racionalidade e

da sensibilidade, condições essas propiciadas pela religião e que também correspondem aos precietos da sociedade moderna.

Wajdi assim como outros seguidores da escola de ʻAbduh, enquanto estudiosos da Universidade de Azhar, se propuseram à reflexão acerca das contribuições da sociedade moderna ao Islã e da maneira como a religião deveria ser conduzida na sua relação com o mundo moderno. A orientação tomada por esses estudiosos foi a de que havia de fato uma divisão entre religião e sociedade, dado o caráter normativo próprio de cada uma dessas esferas.

Entretanto, outra contribuição bastante relevante a esse debate foi dada por Quasim Amin (1865-1908) – pensador de linhagem curda e educação francesa – ao afirmar que a comunidade islâmica estava decaindo por não se ajustar a um mundo regido pelas leis da seleção natural. Nessa abordagem darwinista, Amim concebe o mundo como uma "força moral" que para sobreviver deve se ancorar nas virtudes sociais construídas através da educação.

Desse modo, o pensador vê como o cerne do problema a condição das mulheres, que enquanto sujeitas à tirania masculina não são suscetíveis de liberdade, e uma sociedade segregada não está de acordo com a *Charia* nem com a civilização moderna. Amim, portanto concebe que a liberdade das mulheres deve ser um referencial para todas as outras formas de liberdade:

> Qasim Amim já tinha ganhado alguma distinção como juiz e escritor ocasional sobre problemas sociais, mas esse livro (sobre a emancipação das mulheres) lhe deu fama e até notoriedade. Seu ponto de partida é familiar, a decadência do Islã vista na perspectiva do darwinismo. A comunidade islâmica está em declínio: é fraca demais para enfrentar as pressões que sofre de todos os lados e, se fraca, não pode viver num mundo regido pelas leis da seleção natural. Mas, quais são as causas da decadência? (...) A causa real da decadência é o desaparecimento das virtudes sociais, da "força moral", e a causa disso é a ignorância – ignorância das verdadeiras ciências das quais, unicamente, se podem inferir as leis da felicidade humana. Essa ignorância começa na família. As relações do homem e da mulher, da mãe e do filho, são a base da sociedade; as virtudes que existem na família vão existir na nação. (...) Mas nos países muçulmanos nem os homens, nem as mulheres são apropriadamente educados

> para criar uma vida real de família, e a mulher não tem a liberdade ou o status necessário para desempenhar o seu papel. (HOURANI, 2005, p. 182)

Outro pensador, Ahmad Lutfi al-Sayyid (1872-1963), assim como outros egípcios cultos de sua época que leram Rousseau, Comte, Mill, Spencer, Aristóteles, etc., introduziu uma outra noção ao conceito de liberdade, ao enfatizar que a liberdade política era a condição necessária para qualquer outro tipo de liberdade.

A partir dessa noção, Sayyid defendia que os egípcios tinham direito ao autogoverno e que a construção de um sentimento essencialmente nacionalista não estaria fundada na religião. Assim como Amim, Sayyid considerava a emancipação da mulher fundamental ao verdadeiro nacionalismo. A questão que passa a ser colocada a partir da discussão de nacionalismo proposta por Sayyid é a de que qual lugar a *umma* (comunidade islâmica) ocuparia nessa nova concepção política de nação, já que a moralidade política e os fundamentos das leis eram concebidos de modo liberal como resultantes de interesses individuais. Portanto, sem desprezar a concepção de um estado islâmico Sayyid faz uma reflexão acerca da relevância do fundamento religioso diante das questões do mundo moderno.

A fim de refletir acerca dessa questão da relação entre religião e política, ʻAli ʻAbd al-Raziq (1888-1966) publica uma obra sobre o Islã e as bases da autoridade política. Nela Raziq afirma, ao analisar o califado, que a missão do profeta era apenas profética, logo, ao morrer, termina com ele a missão específica que lhe fora dada. Com essa obra Raziq sofreu sansões dos ulemás da Azhar e seus principais críticos, Rashid Rida e Muhammad Bakhit, o acusaram de tentar dividir o Islã.

Curiosamente os argumentos críticos dos opositores de Raziq, ao legitimarem a autoridade política dos califas, apontam para o fato de que as instituições políticas do Islã são essencialmente as mesmas instituições da civilização moderna. Assim, mesmo divididos entre secularistas e tradicionalistas, os escritores da escola de ʻAbduh tinham como base comum do pensamento "uma lei política aceita por todos".

A relação entre Islã e civilização moderna foi de fato fundida após a ocupação britânica do Egito, em 1882. Dessa fusão adveio um nacionalismo que foi criado e liderado por um colega próximo de ʻAbduh, Ahmad ʻUrabi Paxá (1841-1911), líder do "Partido Nacional", que reuniu inicialmente vários militares acabando também por atrair civis. Nesse período, a intensificação do exercício do jornalismo político contribuiu para o despertar da consciência da unidade nacional, de acordo com Benedict Anderson, esses meios modernos de editoração foram fundamentais ao desenvolvimento do nacionalismo.

Após a derrota do movimento de ʻUrabi, o porta-voz de seus ideais passou a ser o jornalista ʻAbd Allah al-Nadim (1844-1896). Dotado de um singular talento de orador das massas, Nadim defendia a unidade nacional com a inclusão de coptas e muçulmanos, porém excluía os estrangeiros, como os sírios, por exemplo, considerados agentes dos colonizadores. A peça *al-Watan*, escrita por Nadim, uma das primeiras peças teatrais em árabe, enfatiza a importância dessa cooperação entre egípcios.

Nadim acabou sendo banido do Egito por suscitar a hostilidade do quediva, e seu silenciamento acabou representando um aprisionamento da consciência nacional após a ocupação britânica, mas o autor se destaca como sendo o primeiro dos nacionalistas egípcios populares.

Um novo nacionalismo egípcio foi fundado por Mustafa Kamil (1874-1908), que reafirmou a existência de uma nação egípcia que deveria se autogovernar. Kamil não teve a educação tradicional de Azhar, obteve sua licenciatura em Direito na Universidade de Toulouse, momento em que já se despontava como uma importante liderança de um grupo de jovens do "Partido Nacional". Suas ideias, difundidas pelos jornais de crítica política, possuíam grande aceitação entre os jovens cultos, porém sua influência política advinha do apoio do quediva ʻAbbas Hilmi. Contudo, esse apoio foi diminuindo por causa do interesse pelo poder por parte do quediva, e o crescimento dos apoiadores de Kamil entre os estudantes propiciou a formação de um público crítico apreciador dos discursos e artigos de seu líder.

Porém, um episódio ocorrido em 1906 envolvendo camponeses e policiais, o incidente de Danishway, provocou uma comoção nacional diante da represália do governo aos camponeses após a morte de um oficial britânico. A

comoção pública diante do incidente provocou o aumento da consciência política, que culminou no aparecimento de mais partidos políticos organizados. Kamil, já consagrado pelos estudantes das ruas, poderia ter se beneficiado publicamente do incidente de Danisway, porém o mesmo morre no ano seguinte a esse fato que fez emergir um sentimento de humilhação nacional. O enterro de Kamil descrito por Quasim Amim como o momento em que ele "tinha sentido o coração do Egito batendo" e, apesar de ser considerado um personagem ambivalente sua relevância reside no fato de ele ter sido o primeiro político popular do Egito moderno.

A substituição da suserania otomana pela colonização britânica efetiva provocou uma mudança no cenário governamental egípcio, fato que exigiu novas lideranças opositoras. Assim, o novo líder que desponta nesse cenário é Saad Zaghlul, discípulo de al-Afghani e aluno de 'Abduh na Escola de Direito do Cairo. Casado com a filha do primeiro-ministro Mustafa Fahmi Paxá, Zaghlul, por influência do sogro, ocupou cargos no governo do país, como o Ministério da Educação.

Tendo renunciado ao ministério, apresentou-se como candidato nas eleições para a Assembleia Legislativa, casa que veio a ocupar como membro, e, posteriormente, foi escolhido como vice-presidente. Após Primeira Guerra, iniciou-se um processo de constituição de uma delegação que se incumbiria de argumentar pela independência do Egito na Conferência de Paz. Após inúmeros insucessos e prisões, Zaghlul obteve êxito, em fevereiro de 1922 o Egito se torna independente, porém tal independência era relativa, uma vez que as comunicações imperiais, a defesa, os interesses estrangeiros e as minorias e o Sudão ficaram nas mãos dos britânicos.

Zaghlul tornou-se primeiro ministro pelo partido *Wafd* e iniciou uma negociação com os ingleses no intuito de reaver os pontos que ficaram sob o domínio dos britânicos. As negociações foram mal sucedidas, gerando tensões que culminaram no assassinato do comandante-chefe britânico do exército egípcio. Zaghlul e seus apoiadores foram responsabilizados pelo crime e, mediante pressões, Zaghlul acaba renunciando. Desse modo, frustra-se a iniciativa de independência pelas mãos de um líder pragmático como Zaghlul,

que tentou construir a autonomia egípcia por meio de reformas na educação e na lei.

Porém, a consolidação do movimento nacionalista árabe deu-se imediatamente após a derrota dos Estados árabes na guerra de 1948 que resultou na criação do estado israelense. Israel se despontou no Oriente Médio como uma força política e militar, apoiada pelos Estados Unidos e pela rica comunidade judaica espalhada pelo mundo.

A derrota na guerra de 1948 provocou uma onda de instabilidades políticas por todo o Oriente Médio: 1) A Síria foi assolada por diversos golpes militares; 2) A Jordânia assistiu ao assassinato do rei Abdula, cometido por um palestino em 1951; 3) No Egito, após a deposição do Rei Faruq em 1952, o novo governante Naguib foi, por sua vez, derrubado em 1954 pelo coronel Gamal Abdel Nasser; 4) O Iraque foi palco de um atentado sangrento que vitimou a família real e o primeiro ministro, levando ao poder o general Kassem.

Abalados pela guerra e pela instável situação política os países árabes decidirem se unir em torno de um antigo projeto de fortalecimento e soma das potencialidades comuns que os uniam. Os dirigentes aspirantes ao pan-arabismo decidiram então reunir as identidades comuns com vistas à adoção de sistemas políticos estáveis que fossem legitimados pelos cidadãos de seus países.

A partir daí, constata-se a materialização do nacionalismo árabe que, como um conceito, tem sido utilizado pelos estudos de política e histórica do Oriente Médio junto a outros termos como Arabismo, Pan-Arabismo e mesmo Árabe Radicalismo, como ideia de integração do sentimento de proximidade cultural ao desejo de ação política. Dizer que alguém é árabe denota um sentido diferente de dizer que alguém é um árabe nacionalista. O conceito anterior admite uma herança cultural melhor expressa pelo termo “Arabismo”, enquanto o último, abrange seu pertencimento cultural acrescido pelo ingrediente de reconhecimento político. (DAWISHA, 2003)

No que se refere ao aspecto político, a ideia de um governo que pudesse controlar os recursos do estado segundo o interesse da sociedade estava fundada no socialismo, que influenciou intensamente grande parte dos líderes

dos estados do Oriente Médio na condução do projeto de unidade árabe. Desse modo, o auge do pan-arabismo deu-se entre as décadas de 1950 e 1960, após a independência de vários estados árabes que tiveram a partir de então autonomia para conduzir seu processo de desenvolvimento social e político.

Dois expoentes do pan-arabismo sintetizaram todos os elementos importantes do projeto de unidade árabe: o partido sírio Baas ("Ressurreição") e o movimento nasserista, encarnado na figura de Gamal Abdel Nasser.

O partido Baas teve origem nos debates entre intelectuais sírios que discorriam sobre questões voltadas à identidade nacional e as relações entre os países de língua árabe. O principal teórico do Baas, Michel 'Aflaq (1910-1989), um cristão da capital Damasco, defendia a ideia de que havia uma só nação árabe cujo direito era o de viver num Estado Árabe Unido. Tal ideia estava fundada na experiência histórica comum compartilhada pelo Islamismo, experiência essa não exclusiva dos árabes islâmicos, mas de todos aqueles árabes que tiveram a oportunidade de se apropriar dos ensinamentos muçulmanos de transformação espiritual, intelectual e política.

O movimento nasserista, cujo líder era Gamal Abdel Nasser (1918-1970), surgiu no Egito alimentado por um forte apelo popular e nacionalista. A linguagem religiosa era utilizada pelos protagonistas do movimento com a finalidade de atingir as massas. Porém, a ideia de uma reforma do Islã não tinha como objetivo o estabelecimento de uma simples oposição à religião, mas sim a introdução de elementos seculares e modernos trazidos pelo movimento político. Durante a implantação do "socialismo árabe", a mesquita de Azhar no Cairo, importante centro de doutrina islâmica, passou para o controle do Estado.

A despeito da onda nacionalista pan-árabe, representada pelo Egito de Nasser e pela Síria do partido Baas, alguns estados do Oriente Médio ainda eram governados por tradicionais monarquias pró-ocidentais, presentes na Jordânia, na Arábia Saudita e no Irã. Essas duas tendências políticas presentes nesse período no Oriente Médio representavam, do lado nacionalista, o eminente socialismo anti-ocidental e do lado das monarquias tradicionais, o alinhamento automático ao Ocidente.

No entanto, no episódio que ficou conhecido como a Crise de Suez, os nacionalistas árabes provaram que poderiam fazer frente ao Ocidente ao decretar o fim, durante esse episódio, da influência britânica e francesa no Oriente Médio.

A decisão tomada por Nasser de nacionalizar o controle do Canal de Suez provocou uma reação da Grã-Bretanha, principal prejudicada pela medida de Nasser, e da França, que se opunha aos líderes egípcios pelo fato de terem apoiado os nacionalistas argelinos durante o processo de independência da Argélia, antiga colônia francesa. Assim, com o apoio de Israel, os franceses e os britânicos atacaram a península do Sinai em novembro de 1956.

Os beligerantes franceses e ingleses, diante da resistência egípcia e das pressões da ONU, Estados Unidos e União Soviética, abandonaram Port Said (norte da península do Sinai). Mesmo relutantes, os israelenses foram também obrigados a deixar a região do canal de Suez, que foi aberto à navegação em 1957.

Após o episódio de Suez, que provocou a retirada do poderio britânico e francês sobre o Oriente Médio, a região passou a ser zona de influência dos protagonistas da Guerra Fria: Estados Unidos e União Soviética.

A União Soviética participou ativamente da instauração dos novos regimes políticos no Iraque e na Síria por meio da concessão de ajuda militar e financeira. O interesse soviético sobre a região era o de, aos poucos, ocupar o lugar vago deixado pela França e pela Inglaterra, terreno propício a partir de então para o estabelecimento de possíveis alianças com os governantes árabes que pendiam para o socialismo.

Os Estados Unidos, com vistas à defesa de seus interesses na atividade de exploração do petróleo, instalou bases militares na Arábia Saudita, na Turquia, no Irã e no Barein. Outra intenção dos americanos era a de tentar neutralizar a influência da União Soviética entre os países da região que se mostravam simpáticos ao comunismo. Nesse sentido, os Estados Unidos estabeleceram uma série de alianças com os Estados aliados do Ocidente: Israel, Jordânia, Arábia Saudita, Kwait e Catar.

> O centro de conflito e discussão política estava não no conflito árabe-israelense, mas em outros países nos quais a Grã-Bretanha ainda tinha uma posição especial: no Irã, além da fronteira oriental do mundo árabe, onde a nacionalização da empresa de petróleo de propriedade britânica causou uma crise internacional, e no Egito. Ali, a Grã-Bretanha ainda tinha muita liberdade de ação. Tendo divergido da política britânica na Palestina, os Estados Unidos não estavam dispostos a enfraquecer a posição da Grã-Bretanha como guardiã dos interesses ocidentais em outras partes do mundo árabe, embora o grande investimento de capital americano nos campos de petróleo da Arábia Saudita levasse à substituição da influência britânica pela americana. A União Soviética, do seu lado, estava demasiado ocupada com outras regiões para seguir uma política ativa nos países árabes. Os estados árabes, embora comprometidos em princípio com a defesa dos interesses dos palestinos, preocupavam-se, sobretudo com seus próprios problemas. (HOURANI, 2006, p. 473)

Com a finalidade de estabelecer uma oposição consistente a Israel e ao Ocidente, o nasserismo emergiu na década de 1950 como iniciativa viável ao antigo projeto de unidade árabe. Como forma de dar corpo a esse projeto, Nasser torna-se, em fevereiro de 1958, presidente da República Árabe Unida (RAU) composta por Egito, Síria e mais tarde pelo Iêmem. Manobra concomitante foi empreendida pelas monarquias do Iraque e da Jordânia, que se uniram para formar a União Árabe. No entanto, por causa de um golpe de Estado ocorrido no Iraque em julho 1958, a União Árabe veio a sucumbir num curto espaço de tempo.

Semelhante destino teve a RAU, em setembro de 1961 a Síria, em oposição à liderança egípcia, decide abandonar o grupo. A saída da Síria teve como consequência a instauração da rivalidade entre Nasser e o Baas, que chegou à presidência da RAU em março de 1963; em abril do mesmo ano o braço iraquiano do Baas, atuou na derrubada do governo de Kassem, executado no Iraque.

Apesar dos percalços, Nasser ainda despontava como líder no mundo árabe, atuando ativamente no apoio à instauração da República no Iêmem em 1962. Porém tal campanha militar foi altamente extenuante para as forças

egípcias, que deixaram o país apenas no ano de 1967, sem nenhum ganho efetivo para a causa árabe.

O principal fator que acentuava ainda mais a instabilidade no Oriente Médio era o drama dos refugiados palestinos. Dentre os países árabes, apenas a Jordânia se dispôs a acolher e integrar os expatriados, porém tal gesto se deu de forma humilhante e desumana, uma vez que os palestinos no território jordaniano ficaram sob permanente vigilância e sujeitos à repressão por parte do Estado que os acolheu. Os demais estados árabes simplesmente ofereceram abrigo aos refugiados em precários acampamentos.

Tal situação provocou o surgimento de um sentimento nacional exclusivamente palestino, traduzido na criação da Fatah ("conquista") ou Movimento para a Libertação da Palestina (MPLP), uma forma de guerrilha composta por combatentes que se denominavam feddayin ("os que se sacrificam"). As diversas frentes do Movimento para a Libertação da Palestina se uniram em maio de 1964 à Organização para a Libertação da Palestina, no intuito de executar a missão de libertar a Palestina do poder de Israel.

Simultâneo ao fortalecimento do movimento palestino, a ascensão do extremismo religioso foi uma importante questão a ser enfrentada pelos governos árabes. O movimento religioso tinha como intenção resgatar o controle do Islã sobre o Estado e seu principal representante, a Irmandade Muçulmana, criada em 1928, chegou a realizar atentados contra algumas autoridades egípcias, inclusive contra Nasser, que após ser vítima de um ato violento da militância político-religiosa, em 1954, coloca-a na ilegalidade.

O petróleo, foi também um importante fator responsável pela desunião no Oriente Médio, de um lado estavam os ricos produtores: Irã, Iraque, Arábia Saudita, Emirados Árabes e o Kwait e de outro os estados que pouco ou nada possuíam: Síria, Jordânia, Líbano e Palestina. A distribuição não equitativa da riqueza oriunda da atividade petrolífera criou um fosso econômico que se refletiu nas grandes disparidades de desenvolvimento entre os países árabes.

Os interesses dos países produtores de petróleo estavam voltados ao protecionismo contra as empresas exploradoras do Ocidente, ação consolidada pela criação da OPEP (Organização dos Países Exploradores de Petróleo), em 1960. Nesse sentido, tornava-se inviável uma ação conjunta entre os países

árabes de combate ao Imperialismo, uma vez que era nítida a relação de dependência entre o Oriente Médio e o Ocidente.

O ataque de Israel, conhecido como Guerra dos Seis Dias, em 5 de junho de 1967, contra o Egito, Síria e Jordânia – como resposta as manobras bélicas no Sinai e no Golfo de Ácaba empreendidas por Nasser no mês anterior – teve como resultado a ocupação da Faixa de Gaza, do Sinai, da Cisjordânia e das Colinas de Golan, na Síria, pelos israelenses. A reação dos países árabes diante da súbita derrota para um pequeno país foi desastrosa. Nasser anunciou a renúncia, mas atendendo ao clamor popular permaneceu no governo.

O Conselho de Segurança da ONU, através da resolução 242[8], exigiu que Israel se retirasse dos territórios ocupados. No entanto, Israel, além de não fazer concessões a ONU, ainda ocupou Jerusalém Oriental e somou-a aos demais territórios ocupados, como massa de manobra política, com a finalidade de estabelecer para si um instrumento de proteção.

A Guerra dos Seis Dias acentuou a decadência de Nasser, que foi substituído, enquanto porta-voz do mundo pan-arabista, pela Arábia Saudita, que se tornara a partir de então a mediadora das questões que envolviam os Estados árabes, atuação esta celebrada na Conferência dos governantes árabes em Cartum em agosto de 1967. O rei Faysal, representante da monarquia saudita, juntamente com o xá do Irã eram partidários do Ocidente e oponentes da União Soviética, tais posições políticas favoreceram o aumento da influência americana no Oriente Médio, que a partir desse períodos passou a ter esses dirigentes como aliados.

> 'Abd al-Nasser viveu mais três anos após a derrota. A posição dele no mundo árabe fora seriamente abalada por ela; suas relações com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha azedaram com a acusação, na qual ele acreditava, de que eles haviam

8 A resolução 242 (fragmento): O Conselho de Segurança (…) afirma que o cumprimento dos princípios da Carta [das Nações Unidas] exige a instauração de uma paz justa e duradoura no Oriente Médio, a qual deverá compreender a aplicação dos princípios seguintes:
● a retirada das forças armadas israelenses dos territórios ocupados no recente conflito;
● a cessação de todas as asserções de beligerância ou estados de beligerância e o respeito e reconhecimento da soberania, da integridade territorial e da independência política de todos os Estados da região e de seu direito a viver em paz no interior de fronteiras seguras e reconhecidas, ao abrigo de ameaças ou atos de força. In: TRIEIGNIER, Michel. Guerra e Paz no Oriente Médio. São Paulo: Ática, 1994, p.37.

> ajudado militarmente Israel durante a guerra, e pela insistência americana em que Israel só se retiraria dos territórios ocupados em troca da paz. A posição de Nasser em relação a outros governantes árabes foi enfraquecida quando as limitações de seu poder se tornaram claras. Um dos resultados imediatos da guerra de 1967 foi que ele reduziu suas perdas no Iêmem e fez um acordo com a Arábia Saudita pelo qual retiraria suas forças. (HOURANI, 2006, p. 542)

A Arábia Saudita, em função da riqueza do petróleo, passou a ser a principal patrocinadora dos países árabes. Ela empreendeu, em 1973, a fundação do Banco de Desenvolvimento do Islã, cuja sede era na própria Arábia Saudita. Além do patrocínio econômico, a monarquia saudita também financiava os movimentos religiosos que tinham como propósito a aplicação da lei islâmica.

As perdas da guerra de 1967 não foram apenas humanas, no plano político, "o nacionalismo árabe" foi enterrado pelo afastamento das ideias socialistas do Egito empreendidas pelo sucessor de Nasser, Anuar Sadat, e pelo recrudescimento do autoritarismo do Baas na Síria e no Iraque. A Guerra dos Seis Dias deslocou, portanto, a influência soviética no Oriente Médio e fez emergir a presença americana na região, aliada, sobretudo, ao estado vencedor, Israel.

2.2 O Contexto Cultural do Nacionalismo Árabe

A difusão de jornais pelo mundo árabe no início do século XX foi bastante intensa, e o Egito se destacava enquanto produtor e difusor de novidades culturais e literárias, tendo como destaque os jornais *al-Risala* e *al-Thaqala*, que divulgavam poesia e crítica literária. Além do Cairo, Beirute possuía importantes editoras que produziam livros didáticos, literatura, obras de divulgação científica e de história distribuída por todos os territórios árabes. A existência de cinemas na capital egípcia data de 1914, de modo que, em 1925, o primeiro filme egípcio foi produzido, baseado no romance *Zaynab*. Já em

1932, o filme "falado" foi introduzido como novidade e poucos anos depois, filmes produzidos no Egito já integravam salas de cinema de diversos países árabes (HOURANI, 2006)

A difusão de práticas e modos de vida europeus foi propiciada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação aliado aos hábitos de viagem e aquisição educacional, que facilitaram a introdução de novos gostos e ideias como também possibilitaram o fenômeno do bilinguismo. Desse modo, o uso do francês e do inglês passou a ser tão recorrente como o uso do árabe, uma vez que o acesso à informação era obtido através de jornais e programas estrangeiros, além da aquisição de um capital cultural resultante das viagens que muitos árabes educados costumavam fazer à Europa. As artes também absorveram a influência europeia mesclada a elementos locais, e foi a arquitetuta, sobretudo, que reproduziu nos seus edifícios e mansões o estilo da arte moderna de inspiração francesa e italiana. O Edifício Yacubian, construído na capital egípcia, é um exemplo desse tipo de arquitetura, e sua história foi transformada em romance pelo escritor Alaa Al Aswany:

> No ano de 1934, o milionário Hagop Yacubian, à época líder da comunidade armênia no Egito, pensou em construir um edifício que levasse seu nome. Com esse objetivo, escolheu o principal local da rua Suleiman Paxá e, para fazer a obra, contratou um famoso escritório italiano de arquitetura que apresentou um belo projeto: dez andares refinados em estilo europeu clássico, varandas ornadas com estátuas de cabeças gregas esculpidas em pedra, colunas, escadas e corredores de mármore natural, elevador Schindler do modelo mais moderno. (ASWANY, 2009, p.15)

No que se refere à música, há no Egito registros de produção de discos de gramofone nos primeiros anos do século passado, que foram os primeiros discos a "sintetizar" a música árabe, que aos poucos foi se consolidando num formato mais previsível, ao contrário do improviso, e também adquirindo influência de canções francesas e italianas. No entanto, mesmo estando em

evidência, a produção de um estilo musical de base europeia, os novos meios de comunicação não se furtaram de difundir peças de caráter tradicional:

> Mas os estilos antigos continuaram existindo: fizeram-se tentativas de estudá-los no Cairo, Túnis e Bagdá; Umm Kulthum, uma grande cantora no estilo tradicional, entoava o Corão e cantava poemas escritos por Shawqi e outros poetas, e os novos meios de comunicação a tornaram conhecida de um extremo a outro do mundo árabe. (HOURANI:2006, p. 445-446)

Entretanto, a literatura foi a arte que melhor representou a incorporação de elementos estrangeiros ao elemento tradicional. Os meios de comunicação de massa – jornais, revistas, rádios e filmes – foram largamente utilizados na disseminação de obras literárias adaptadas numa linguagem simples e acessível, interpretadas por vozes que logo passaram a ser conhecidas por todo o mundo árabe. O poeta egípcio Zaki Abu Shadi (1892-1955) foi um grande representante dessa novidade; atuando no grupo "Apolo", o artista conseguiu fundir rígidos elementos da poesia tradicional com a temática moderna de expressão subjetiva. Tal prática de fazer poético, ainda se manteve na geração posterior, na qual se destacaram poetas libaneses que fartamente se valeram da retórica romântica inglesa e francesa para expressar poeticamente a saudade da terra perdida do imigrante.

Com relação ao romance e ao conto, esses gêneros foram os que melhor representaram a influência dos elementos modernos no mundo árabe, ao terem se transformado em autênticos mecanismos analíticos da sociedade e dos indivíduos, por meio da descrição da desigualdade social e da degeneração psíquica e moral engendrada pela incorporação do modo de vida ocidental. O egípcio Taha Husayn (1889-1973) destacou-se como representante dessa geração de escritores "realistas" e dentre suas obras, que abrangem romances, tratados de história e crítica literária e ensaios, a importante *Mustaqbil al-thaqafa fi Misr* (O futuro da cultura no Egito) revela a preocupação de se conciliar três elementos formadores da cultura egípcia: o genuíno, herdado dos antigos egípcios, o tradicional, expresso pela língua árabe clássica e o

estrangeiro antigo ou o moderno, que influenciou o modo como as artes e a sociedade se moldaram ao longo dos tempos:

> Três elementos formaram o espírito literário do Egito desde que foi arabizado. O primeiro deles é o elemento puramente egípcio, que herdamos dos antigos egípcios […] e que temos extraído perpetuamente da terra e do céu do Egito, de seu Nilo e seu deserto […] O segundo elemento é o elemento árabe, que nos veio através da língua, religião e civilização. O que quer que façamos, não poderemos escapar dele, nem enfraquecê-lo, nem diminuir sua influência em nossa vida, porque está misturado com essa vida de um modo que a formou e modelou sua personalidade. Não digam que é um elemento estrangeiro […] A língua árabe não é uma língua estrangeira entre nós, é *nossa* língua, e mil vezes mais próxima de nós que a língua dos antigos agípcios […] Quanto ao terceiro elemento, é o elemento estrangeiro que sempre influenciou a vida egípcia, e sempre influenciará. É o que chegou ao Egito através de seus contatos com os povos civilizados no Oriente e no Ocidente […] Gregos e romanos, judeus e fenícios nos tempos antigos, árabes, turcos e cruzados na Idade Média, Europa e América na era moderna […] Eu gostaria que a educação egípcia se baseasse firmementte numa certa harmonia entre esses três elementos. (HUSAYN, *apud* HOURANI: 2006, p. 447-448)

Taha Husayn ao afirmar a necessidade de equilíbrio entre esses três elementos faz importantes considerações acerca da ideia de identidade nacional e nação e ressalta que os movimentos nacionalistas, por meio do recurso da memória, reconstroem um presente e um passado que os fazem persistir rumo a uma nova direção a ser tomada pela nação, considerando tudo aquilo que é constituinte de sua história. Do mesmo modo, o poeta Ahmad Shawqui (1868-1932), cujo auge de sua produção se deu nos anos 1920, apresentou-se como o arauto do nacionalismo egípcio; buscando inspiração no passado, o poeta recorre a elementos de uma memória antiga para elaborar sua crítica diante de uma sociedade degradada. Na ocasião de um ato solene público, ocorrido na capital egípcia, o poeta escreve um texto dialógico no qual evoca a Esfinge a refletir sobre o tempo.

> Fala! E talvez teu discurso nos guie. Informa-nos, e talvez o poder que nos digas nos console. Não viste o faraó em seu poder, dizendo-se descendente do Sol e da Lua, dando sombra à civilização de nossos ancestrais, os altos edifícios, as grandes relíquias? […] Viste César em sua tirania sobre nós, fazendo-nos escravos, seus homens tangendo-nos à frente como se tangem jumentos, e depois derrotado por um pequeno bando de nobres conquistadores […] [a Esfinge fala:] Preservei para vós uma coisa que vos fortalecerá, pois nada preserva a doçura como a pedra […] A manhã da esperança varre a treva do desespero, agora vem o amanhecer há muito esperado. (SHAWQUI, *apud* HOURANI: 2006, p. 449)

Também no gênero romance e conto destacou-se o egípcio Nagib Mahfuz (1911-2006) – vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1988 – cuja produção fundamental situou o modo de vida da pequena burguesia urbana egípcia, descrevendo suas contradições, valores e anseios diante de uma sociedade em plena transformação. Mahfuz retratou brilhantemente o espaço urbano da cidade do Cairo e representou em sua arte, de maneira ímpar, a construção do nacionalismo e da identidade egípcia através do tempo e do espaço:

> Muitos testemunhos afirmam que o beco do Pilão era uma das pérolas de seu tempo e que brilhou como uma estrela resplandecente na história do Cairo. A que Cairo me refiro? A dos fatímidas[9]? Ao dos mamelucos[10]? Ao dos sultões[11]? Só Deus e os arqueólogos sabem. De qualquer forma, o beco é uma relíquia – e das preciosas. E como poderia ser de outro modo? Seu chão de pedras conduz diretamente à histórica rua Sanadiqia, e o Café, que todos conhecem como o Café do Kircha, tem as paredes decoradas de arabescos coloridos. Tudo isso transparece uma antiguidade evidente, em estado de decadência e deterioração, e com fortes odores das poções de tempos remotos que se transformaram, com o decorrer dos anos, nos elixires de hoje e de amanhã.

---

9 Fatímidas – A dinastia fatímida (999-1171) está ligada ao xiismo e foi criada pela família de Ubaiadullah, que alegava ser descendente de Ali, primo e genro do profeta Muhammad, e de Fátima, filha de Muhammad. Os fatímidas fundaram a cidade do Cairo, que se tornou símbolo de seu poder e de sua independência.

10 Mamelucos – A dinastia dos mamelucos (1250 a 1517) foi edificada por escravos recrutados e treinados como soldados, posteriormente convertidos ao islã e libertados; o Cairo foi a capital do sultanato mameluco, um dos maiores estados muçulmanos da época, que abrangia a Síria e o Egito.

11 Sultões – Em árabe, sultão é aquele que detém poder. É um dos designativos para "soberano"; os sultões otomanos dominaram quase todo o Oriente Médio entre 1789 e 1922.

> Apesar de estar quase totalmente isolado do curso do mundo, pulsa neste beco uma vida própria que guarda as raízes da vida como um todo e preserva, por isso mesmo, uma infinidade de segredos do mundo exterior. (MAHFUZ, 2003, p.7)

Contudo, no intuito de se reconhecer referências temporais constituintes do nacionalismo, o papel que a língua e a religião vêm a desempenhar se torna fundamental ao estabelecimento de uma ideologia de unidade nacional. Assim, o elemento islâmico estava intrínseco ao nacionalismo, ainda que houvesse uma disposição de separar política e religião, a mesma era concebida como um relevante laço de identidade, mesmo em territórios nos quais havia o convívio mútuo com cristãos, caso do Líbano, por exemplo. Por isso, a religião é tão recorrente nas produções artísticas das primeiras décadas do século XX, não só por ser um elemento pertencente à identidade árabe, mas, sobretudo, por representar nesse momento de constituição de uma ideologia nacionalista as contradições entre o tradicional e o moderno. Tal tema, quando associado à questão de gênero, se reveste de ares ainda mais contundentes.

Assim, ao analisar-se a relação entre o elemento nacionalista e o processo emancipatório das mulheres, constata-se que em muitos casos, a articulação organizada pela unidade nacional, possibilitou uma maior participação feminina em diversos âmbitos da sociedade, acessados pelas mulheres via educação ou mesmo participação política. Nagib Mahfuz acompanha esse processo de inserção da mulher na sociedade construindo personagens em seus romances que representavam, além da posição doméstica na tradição, a atuação feminina num espaço social público e efervescente; por isso não é incomum ver em suas obras mulheres em redações de jornais, cafés e partidos políticos. O editor do jornal *al-Jarida*, Ahmad Lufti al-Sayyd (1872-1963), contemporâneo de 'Abduh e também pensador do nacionalismo egípcio afirmava que a educação e a emancipação feminina eram essenciais para o verdadeiro nacionalismo e que a segregação das mulheres não propiciaria o bem-estar da nação. (DAWISHA, 2005)

Portanto, a questão da emancipação feminina no processo de construção da ideologia nacionalista não poderia ser desprezada por aqueles que

concretizaram, através da arte, o ideal de unidade nacional; uma razão dessa impossibilidade reside no fato de que muitas mulheres eram as próprias idealizadoras do fazer artístico e a outra razão, talvez, a principal, era o fato de que num processo de luta pela libertação seria inconcebível supor que houvesse na sociedade grupos completamente destituídos de direitos, logo, a questão dos direitos das mulheres foi extremamente relevante na formulação teórica dos movimentos nacionalistas, que as conceberam como potências fundamentais impulsionadoras da nação.

Um aspecto que merece uma consideração à parte acerca da produção cultural do nacionalismo árabe, é o caso da Palestina. Ao contrário dos outros países árabes, que tiveram um destino completamente diferente dos palestinos no pós-guerra, a Palestina ocupada não pode contar com uma estrutura institucional e política estável que pudesse viabilizar sua produção cultural, desse modo, tudo o que foi produzido após a *nakba* (catástrofe) era resultante da articulação do movimento de resistência contra o estado de Israel.

No caso da literatura palestina, além da influência do mundo árabe, ela permaneceu, sobretudo, contaminada pelos acontecimentos históricos locais e pela dispersão dos seus espaços de produção. A ênfase dessa literatura recai sobre a poesia, expressão fundamental da cultura árabe, pois é reflexo dos desejos do povo e expressão fundamental da identidade.

No período compreendido entre as décadas de 1920 a 1940 os poetas adotam como tema a resistência ao Mandato Britânico (1920-1948) e os principais representantes da poesia desse período – Ibrahim Tuqan (1905-1941) 'Abd-Irrahim Mahmud (1913-1948) e 'Abd-Alkarim Alkarmi (1911-1984) – expressam o nacionalismo ainda sob a forma da poesia árabe clássica, ou seja, o conteúdo dessa poesia é revolucionário envolto, no entanto, pela obediência às regras da métrica árabe. Embora a poesia predominasse na literatura palestina antes de 1948, alguns ensaístas, tradutores e prosadores marcaram presença nesse período, com destaque para Khalil Baydas (1875-1953), considerado o primeiro ficcionista palestino. Sua obra "O Herdeiro" retrata o envolvimento de um jovem sírio com uma dançarina judia que o extorque; a narrativa se passa no Egito.

Os lugares de circulação da literatura, sobretudo, da poesia, dado seu

caráter nacionalista, não eram os estritamente literários, nas reuniões políticas ou religiosas os textos eram invocados e lidos buscando a interação tanto de intelectuais como de pessoas comuns. A respeito da importância da poesia para os árabes, o poeta Jabra Ibrahim Jabra (1920-1944) afirma:

> O poeta, para os árabes, sempre foi a voz da tribo: ele celebra suas glórias e elogia suas conquistas. Ele a insta para a guerra, previne-a [de perigos] e a aconselha, além de cristalizar seu conhecimento. Ele tende a ficar em harmonia com ela. Quando, porém, um poeta choca-se com tudo isso e tende a chocar a sociedade – a nova "tribo" –, censurando-a, insistindo em seu próprio julgamento individual ao tentar medir seu valor em termos puramente humanos, não é provável que o choque seja assimilado facilmente. (JABRA, apud FARAH, 2004)

O grande poeta da Palestina, representante da identidade árabe e da resistência palestina foi Mahmud Darwich (1941- 2008), nascido na cidade de Berwa, região da Galiléia. Em 1948, durante aos acontecimentos da guerra que resultou na criação do estado israelense, a família do poeta foge da cidade rumo ao Líbano, na condição de refugiados. Dois anos mais tarde, Darwich retorna clandestinamente à Palestina e se descobre exilado na sua própria terra.

Na Palestina ocupada o poeta passa a fazer parte de grupos de oposição a Israel, como o *Al Ard* (A Terra). Filia-se ao Partido Comunista em 1960, trabalhando como redator-chefe da revista *Al Jadid* (publicação árabe do partido comunista israelita Rakah). A atuação de Darwich e de outros artistas na imprensa foi extremamente relevante para a construção e divulgação da resistência palestina. Darwich fazia parte do grupo de palestinos que adquiriram fama no mundo árabe como 'Os Poetas da Resistência' ou 'Os Poetas da Terra Ocupada'. A causa desses poetas foi seguida com fervor pela imprensa árabe que os via como uma arma poderosa de combate ao sionismo. Eles eram retratados como tendo surgido espontaneamente do solo da Palestina, patrocinados pelo espírito da resistência que repentinamente provocou a emergência desses poetas na terra ocupada. (SALES, 2010)

Após constantes prisões, decorrentes de sua atuação política e pela

condição de clandestino a ele imposta, Darwich se exíla em 1970, vindo a retornar apenas em 1995. O poeta e ativista faleceu em 09 de agosto de 2008 em Houston, Texas, após complicações decorrentes de uma cirurgia cardíaca.

A poesia de Darwich reflete o exílio vivenciado pelo povo palestino, através de seus versos é destacada a experiência mais dolorida, a ausência do lar sentida dentro da própria pátria:

> O significado do termo watan (lar) é restrito na cultura árabe, confinado nas fronteiras da aldeia. Portanto, Darwich descobriu ao retornar que ele havia voltado do exílio no Líbano para um novo tipo de exílio "Eu havia sido um refugiado no Líbano e agora eu era um refugiado em meu próprio país", ele escreveu sobre o retorno para a vila que não existia mais, para o "lar perdido". Aquilo, de fato, é o fio comum conduzido por toda a obra de Darwich ao longo dos anos.

A sensação de exilado em seu próprio país é simbolizada pela alegoria do deserto, lugar em que a palavra se faz necessária para a reconstrução da terra e da identidade:

No deserto, o desconhecido me disse:
Escreve!
Respondi: há outra escrita na miragem
Disse ele: escreve que a miragem reverdece
Respondi: falta-me ausência
Não domino a palavra
Disse-me então: escreve, conhece
Sabe onde estavas, onde estás
Como vieste, quem serás
Põe o teu nome na minha mão
Escreve, sabe quem sou
E espalha nuvens no céu
Escrevi por fim:
Aquele que escreve sua história
Herda a terra das palavras
E se apossa do sentido
Completamente! (MASALA, 2008, p. 23)

A perda do território à qual foi submetido o povo palestino conferiu à sua poesia uma modificação na estética e na temática que resultou na produção e

reprodução de novos e antigos sentidos, como forma de manifestação da experiência do sofrimento e reação à tentativa sistemática de apagamento de um povo e sua história. Desse modo,o papel do poeta será o de atuar através de seus versos como o restaurador da pátria perdida, adotando um discurso nacionalista que recupera a memória da coletividade como mecanismo de resistência e permanência física e simbólica:

Nem precisa de lembrete: o Monte Carmelo está dentro de nós
Em nossos cílios, a grama da Galiléia
Não diga: Se pudesse correr até ela como um rio!
Não diga:
Nossa pátria é carne da nossa carne, sangue do nosso sangue.

Antes deste junho éramos pombas desplumadas
Por entre as correntes, porém, nosso amor não se desfez
Irmã, por vinte anos a missão era a batalha
Não a poesia.

A sombra que encobre seus olhos
– demônio de um deus
que surgiu em junho
para embrulhar nossa cabeça de sol –
Tem cor de martírio
E sabor de oração
Ela mata com primor, ressuscita com primor!

A noite que começou em seus olhos
Em minha alma findou como longa noite
Aqui e agora estamos
Juntos, a caminho do retorno
Da era da seca. (DARWICH, apud FARAH, 2008. p.16)

O ponto de apoio da identidade palestina a ser reconstruída é o espaço, assim, a esperança de se obter novamente a propriedade do lugar de origem significa o retorno à vida e a suspensão da senteça de morte decretada pelo usurpador. A terra está, portanto, na essência de cada sujeito palestino e, assim como o trigo que nasce e morre, a arte poética deve expressar a experiência humana fundamental de viver e morrer na e pela terra:

A terra nos é estreita. Ela nos encurrala no último desfiladeiro
E nós nos despimos dos membros para passar
A terra nos pressiona. Fôssemos nós o seu trigo para morrer e ressuscitar

Fosse ela a nossa mãe para se compadecer de nós
Fôssemos nós as imagens dos rochedos que o nosso sonho levará
Como espelhos. (DARWICH, apud FARAH, 2008. p.16)

A representação mais contundente do exílio é apresentada por Darwish no poema *Carteira de Identidade*, que tem como cenário uma barreira militar que provoca a reação incisiva e apaixonada de um palestino que se encontra diante dela. A reação palestina diante do símbolo da opressão, denota uma imponente e assertiva expressão da afirmação da identidade.

Carteira de identidade[12]

Toma nota!
Sou árabe
Número da identidade: 50 mil
Número de filhos: oito
e o nono... já chega depois do verão
E vais te irritar por isso?

Toma nota!
Sou árabe
Trabalho numa pedreira
Com meus companheiros de dor

Pra meus oito filhos
O pedaço de pão
as roupas e os livros
arranco da rocha...
Não mendigo esmolas à tua porta,
nem me rebaixo
no portão do teu palácio
E vais te irritar por isso?

Toma nota!
Sou árabe
Sou nome sem sobrenome
Paciência sem fim
Num país onde tudo o que é
Ferve na urgência da fúria
Minhas raízes...
Antecedem
o nascimento do tempo
o princípio das eras

12 DARWICH, M. *'Awrāq azzaytūn* (Folhas de oliveira). Beirute: Dir al'awda, 1964, p. 9-16. *Apud* FARAH, P.D. 2004, p.133-135.

o cipreste e a oliveira
a primeira das ervas

Meu pai...
De família na terra
Sem nobreza entre os seus
Meu avô
De presença no arado
Nem distinto nem bento
Sem nome nem renome
Sem papel nem brasão
Minha casa, só choça no campo
de troncos e tábuas
E ela te agrada?
Sou nome sem sobrenome!

Toma nota!
Sou árabe
Cabelos negros
Olhos castanhos
E o que mais?...
A cabeça coberta com keffiyya e cordão
Dura como pedra
Rija no toque
a palma da mão...
E o melhor pra comer?
Azeite e zaatar

O endereço?
Uma aldeia isolada... esquecida
De ruas sem nome
E homem...
No campo e na pedra...
E vais te irritar por isso?

Toma nota!
Sou árabe
Arrancaste as vinhas de meu avô
a terra que eu arava
Eu, os filhos, todos
Nada poupaste...
Pra nós, pros netos
Só pedras, pois não
E o governo, o teu, já fala em tomá-las
Pois então!

Toma nota!
No alto da primeira página
Não odeio ninguém
Não agrido ninguém
Ao sentir fome, porém,

Como a carne de quem me viola
Atenção... cuidado...
Com minha fome... com minha fúria!

O intelectual palestino Edward Said (1935- 2003) faz uma relevante reflexão acerca do papel do exílio na constituição do sujeito que anseia pela reconstrução de sua identidade e nação. De acordo com Said (2003), a concepção nacionalista daqueles que necessitam montar uma nação a partir do exílio requer uma reelaboração histórica e política, que consiste no resgate de determinados elementos, como a língua, por exemplo, como forma de garantir a permanência de uma identidade ameaçada pelo catástrofe da dissolução territorial. Assim, constata-se que a produção literária palestina pós-nakba foi resultante dessa disposição de se reconstruir a nação e a identidade através da arte.

Capítulo 3 Trilogia do Cairo – Crítica Literária e Discurso Literário

Nagib Mahfuz inicia a escrita da *Trilogia do Cairo* em pleno período de convulsão social, que alcançou seu momento decisivo em meados de 1946. Seus romances urbanos ambientados no Cairo expõem uma crítica social realista do Egito entre os anos de 1930 e 1940, crítica esta fundamentada no Socialismo Fabiano[13] originária de seu preceptor Salama Musa[14], a quem o autor atribui as influências científicas e socialistas as quais nunca abandonou em sua obras. A adoção do socialismo Fabiano como um típo utópico de socialismo permitiu a Nagib a proximidade com sua própria subjetividade pequeno burguesa, uma vez que faz parte da classe dos intelectuais modernos educados na Universidade Egípcia, instituição a partir da qual se originou a burguesia dos anos 1930 e 1940.

O socialismo Fabiano foi o mecanismo mais eficaz a promover articulação dos interesses de uma classe contraditória, que era ao mesmo tempo progressista e conservadora. Contudo, foi um tipo de socialismo que, na Inglaterra do início do século XX, conseguiu obstruir o sistema de classes vitoriano e deu origem a uma classe média formada por profissionais liberais, intelectuais dentre outros, componentes semelhantes da pequena burguesia egípcia que por hora surgia. O fundamento dessa nova classe média se opunha à teoria econômica liberal e à intervenção da sociedade nos sistemas de produção, sobretudo no sistema de saúde.

Assim, Nagib Mahfuz, ao ser considerado o romancista da pequena burguesia, expressa o papel histórico que o socialismo delegou ao proletariado como redentor da humanidade. Esse compromisso de classe, relacionado aos eventos que assolaram o Egito na década de 1940, permeia toda a monumental *Trilogia do Cairo*, que para além de ser um tratado documental das transformações pelas quais o Egito passou na primeira metade do século XX, é também uma alegoria[15], sob o formato de saga familiar, da evolução

13 Socialismo Fabiano – movimento de intelectuais (Sociedade Fabiana) surgido na Inglaterra em 1883, que tinha como objetivo o fortalecimento gradual do Estado de modo a torná-lo indutor de políticas públicas.

14 Salama Musa (1887-1958) – pensador copta, adepto do secularismo e principal introdutor do socialismo no Egito.

15 Alegoria – representação de uma ideia, conceito ou dado do mundo real feita de maneira figurada.

política do país manifesta sob o ponto de vista do socialismo Fabiano.

Portanto, Naguib Mahfuz é considerado o grande representante da ficção árabe moderna, porque sua obra abarca, cronologicamente, a presença de diversos estilos correspondentes a diferentes fases de sua produção: a dos romances históricos, a do realismo social, a simbolista e por último a fase experimental. A *Trilogia do Cairo*, embora seja classificada na fase realista do autor, expressa, segundo alguns críticos, como Mattiyahu Peled (1983), reminiscências simbolistas, como a trajetória de Aisha[16] por exemplo. Mas de maneira geral, a *Trilogia* se configura como uma excepcional crônica documental das transformações sociais de um momento crucial da história do Egito.

O crítico Rasheed El-Enany (1993), na sua leitura da *Trilogia*, afirma que há um simbolismo submerso que é justamente ofuscado pela complexidade da obra. Entretanto, a despeito de seu destaque como obra realista, a *Trilogia* pode ser também considerada uma alegoria da evolução política do Egito no século XX, dimensão essa talvez perdida, assim como supõe El-Enany, no seu caráter de ficção realista. Tal disposição realista, indefectivelmente se comprova, de acordo com o crítico Milson (1998) pelo momento em que Mahfuz começa a se debruçar sobre a escrita da *Trilogia*, 1946, ano de intensa repressão do governo às mobilizações populares. Desse ano em diante, os escritos são afetados tanto pelos eventos do período monárquico quanto pelo período nasserista. Assim, a alegoria foi a maneira encontrada pelo autor para lidar com os temas da religião, autoridade e organização social, de modo a construir uma alternativa política imaginária numa perspectiva de esquerda.

Entretanto, a saga familiar ou o romance de geração é, por sua vez, a forma oposta da narrativa alegórica, uma vez que a regularidade de sua estrutura é extremamente necessária à exposição da evolução política da sociedade. Porém, dada a confluência entre tempo/espaço público e tempo/espaço psicológico, sugerida pelo romance de geração, a possibilidade de inscrição da alegoria nas subjetividades das personagens se torna

16 Trajetória de Aisha – Aisha, personagem de caracteríticas otomanas, perde seu marido, Khalil Shawkat, e seus filhos Othman, Mohammed e Naima, mortes que simbolizam, de acordo com o crítico Mattiyahu Peled, a eliminação total do elemento turco da identidade egípcia. In: PELED, M. Rieligion, My Own: The Literaty Works of Najib Mahfuz. London: Transaction Books, 1983, p. 43.

absolutamente possível. Desse modo, Mahfuz apresenta realisticamente o impacto dos eventos políticos na família de Gawaad e, alegoricamente, expressa as implicações subjetivas como resultantes das implicações políticas, como é possível observar neste trecho do segundo volume, *O Palácio do Desejo (PD),* que descreve a postura política de Kamal:

> Ele (Kamal) compreendeu instantaneamente que eles tinham engrenado na politica enquanto ele tinha se distraído. A política! Que assunto ao mesmo tempo penoso e agradável! Ismail o tinha chamado de "representante do Wafd", sem dúvida por ironia... Pois bem, que ironize à vontade! Sua adesão ao Wafd era para ele uma convicção herdada de Fahmi, que permanecia associada em seu coração ao martírio e ao sacrifício dele.
> Ele olhou para Hassan Selim e perguntou-lhe sorrindo:
> - Você, o amigo que só tem olhos para a grandeza, o que pensa de Saad?
> Hassan não se mostrou de forma alguma interessado. Kamal já esperava isso dele. Quantas vezes lhe fora preciso importuná-lo até compreender-lhe o ponto de vista limitado e insolente – sem dúvida idêntico ao pai, o ministro do Supremo – a respeito de Saad Zaghloul, alguém que ele elevava quase ao nível de santo, de tanto amor e de tanta devoção, e que, aos olhos de Hassan Selim, não era nada mais nada menos que um "fantoche de feira". Porque ele proferia essa designação com um nojo e um desdém revoltantes, rompendo assim com sua polidez e sua gentileza habituais, depois prosseguia com seus sarcasmos zombando da política dele e dos seus lendários rasgos de eloquência, sublinhando, nessa oportunidade, o prestígio de Adli, de Tharwat e de Mohammed Mohamoud, ou mais, entre outros liberais constitucionais, que, aos olhos de Kamal não eram nada menos do que "traidores" ou ingleses com o fez[17] na cabeça"! (PD, 238-239)

Uma outra passagem alegórica pode ser encontrada no volume III, *O Jardim do Passado (JP)*, em que Kamal conversa com seu amigo Riyad Qaldas a respeito da rivalidade ideológica que havia entre seus dois sobrinhos: um era da Irmandade Muculmana e o outro era Comunista. Sua irmã Khadija, considera este último o futuro do Egito, ao passo que seu filho religioso, representa a impossibilidade de restauração do Califado Otomano. Além da

17 Acessório de cabeça, geralmente vermelho, chapéu muito usado pelos homens em vários países muçulmanos.

representação simbólica da escolha política dos filhos, os constantes conflitos de Khadija com sua sogra turca expressam o esforço egípcio em romper com o passado, e a personagem o faz por seus filhos, especificamente, aquele que representa o futuro da nação egípcia.

> A residência dos Shawkat, em al-Sokkariyya, não era das que desfrutavam de calma e de tranquilidade. Não apenas porque seus três andares agrupavam agora todos os membros da família, mas por causa de Khadiga, principalmente!
> A dona do imóvel ocupava o térreo; Khalil, Aisha e seus filhos – Naima, Othman e Mohammed – o andar de cima. Mas a confusão devida à presença de todo esse pessoal reunido não era nada comparada à confusão engendrada por Khadiga sozinha, quer se originasse dela diretamente ou dos outros … por culpa dela!
> Algumas mudanças tinham ocorrido na organização da casa que poderiam ter reduzido ao máximo as causas do tumulto: notadamente o fato de que Khadiga tivesse dado para si mesma seus próprios aposentos e sua própria cozinha; que tivesse usurpado o terraço para nele criar suas galinhas e cultivar um modesto jardim como o da antiga casa, depois de ter expulsado de lá sua sogra e toda a criação dela.
> Tudo isso teria podido certamente contribuir largamente para alcalmar o tumulto. Mas este não se acalmou. Ou se acalmou tão pouco que ninguém chegou anotar!
> A verdade é que hoje o temperamento de Khadiga se ressentia de uma certa apatia. A razão disso não era um mistério.
> Aisha e Khalil tinham ido aos aposentos dela para ajudar a desfazer – digamos – a crise que havia provocado. Estavam sentados no salão, os dois irmãos na frente das duas irmãs, em dois canapés opostos. Os rostos permaneciam sérios. Khadiga mostrava uma expressão carrancuda. Trocavam-se olhares cheios de significação. Mas ninguém queria entrar diretamente no assunto, quando Khadiga declarou subitamente, num tom que misturava o consolo com irritação:
> - Esse tipo de briga acontece em todas as casas! Assim é o mundo desde que Nosso Senhor o criou! O que não quer dizer, contudo, que a gente deva avisar todo mundo dos nossos problemas, sobretudo as pessoas a quem não vale a pena dar oportunidade de falar para não dizerem nada! Mas o que vocês querem! Ela faz questão absoluta de desabafar nossos problemas em praça pública. Deus do céu, ajudai-nos! (PD, 353-354)

No primeiro volume da Trilogia, *Entre Dois Palácios (DP)*, a alegoria política de caráter nacionalista não se mostra tão aparente até o momento da

revolução, no entanto, o tradicionalismo se manifesta de maneira veemente na forma como a esposa Amina recebe seu marido Gawwad quando este acabara de chegar da rua. No ambiente privado do lar, o ritual de despir as vestes e o cuidado da esposa com o marido demonstram a distribuição de papéis e de poder dentro do sistema do patriarcado, que representa a ordem social e política da sociedade tradicional islâmica, na qual a os direitos desiguais entre homens e mulheres se contrasta com a aparente harmonia do funcionamento regular da casa.

> Alguns instantes depois, ambos se achavam juntos no quarto, e Amina foi colocar a lamparina em cima da mesa. Enquanto isso, ele pendurou a bengala na beira da trave horizontal da cabeceira e tirou o fez e colocou em cima da almofada no meio do divã. Depois disso, a mulher aproximou-se para retirar as roupas dele. De pé, ele mostrava-se dotado de uma bela estatura, com ombros bem largos, num corpo altivo com a barriga proeminente e compacta, duplamente coberta por uma *djoubba* e por um *cafetã*[18]. Elegância e naturalidade que evidenciavam seu bom gosto e sua generosidade. Quanto aos cabelos negros, caindo uniformemente de um lado e de outro da risca da cabeça, o penteado não era dos melhores, mas o anel com um grande brilhante engastado e o relógio de ouro bastavam para atestar o cuidado consigo mesmo. O rosto, alongado e cheio, bastante expressivo, com traços firmes, era o reflexo de uma personalidade marcante cuja beleza se afirmava nos grandes olhos azuis, no nariz majestoso – em harmonia, apesar de grande, com o tamanho do rosto –, na boca larga nos lábios carnudos e no bigode negro e espesso, enrolado em ponta nas duas extremidades com insuportável perfeição.
> Quando a mulher se aproximou, ele esticou os braços e ela lhe retirou a *djoubba*, dobrando-a com cuidado e colocando-a em cima do divã. Depois desamarrou o cinto do cafetã, e com igual esmero começou a dobrá-lo para colocá-lo em cima da *djoubba*, enquanto ele vestia uma camisa de dormir e colocava na cabeça um barrete branco. (DP: p. 17-18)

Não só a relação marido-esposa reflete a desigualdade de poder, mas também a própria organização da casa, em que se observa no primeiro volume, DP, que o pai ocupa o andar superior da casa e os filhos o andar

18 A *djoubba* é uma espécie de manto longo aberto na frente com mangas largas. O *cafetã* é de origem turca e designa um longo manto com mangas, aberto na frente e apertado por um cinto.

inferior. Porém, seguindo a evolução histórica da *Trilogia*, no segundo volume, PD, esta ordem é suspensa, indicando a diminuição do poder da tradição, agora, toda a família dorme no andar superior. No último volume, JP, o poder inverte-se totalmente, o pai é obrigado a ocupar o piso inferior da casa, enquanto o superior é agora ocupado pelo filho mais novo Kamal. Assim, a casa em DP representa a totalidade da sociedade egípcia que, progressivamente, vai assumindo um modelo de casa mais adequada à modificação política que passa a se apresentar.

Considerando o fato de que a família representa a ordem tradicional islâmica, Mahfuz nos apresenta um romance com lendas, superstições e surratas do Corão, em que a fronteira entre o universo físico e metafísico é bastante tênue, tanto a ponto de se constatar que à família de Gawwad interessa mais o universo metafísico. Daí a obra é permeada por uma simbologia mítica que alude a diversos episódios da tradição islâmica, por exemplo, a passagem fatídica em que Amina, sem a permissão do marido, vai acompanhada pelo filho à mesquita de Al-Husayn e fica maravilhada com sua arquitetuta, a ponto de sentir-se no Paraíso; porém esse encanto é quebrado no momento em que retorna para casa e é atropelada por um veículo. Essa queda na rua, simboliza o desejo de vingança do status divino do patriarcado, uma vez que aquele ato de singela liberdade expresso pela "fuga" de Amina do espaço privado, resulta numa punição recebida pelo marido.

> - Meu pai está a caminho de Port Said – respondeu Yasine rindo. - Ele só estará de volta depois de amanhã, e você poderia, por precaução, pedir emprestada a grande melayiê de Oum hanafi. Assim, se por acaso alguém a vir deixando a casa ou voltando, tomará você por uma visitante...
> Ela lançou um olhar aos filhos, envergonhada e temerosa, como se procurasse um incentivo. Khadiga e Aisha se entusiasmaram com a ideia. Dir-se-ia que elas exprimiam assim seu desejo contigo de sair e sua alegria de ir visitar Maryam, saída que, depois dessa proposta inesperada, ficava praticamente decidida. Foi então que Kamal disse, do fundo do coração:
> - Vou com você, mamãe, para lhe mostrar o caminho!
> (...)
> - Dê uma olhada no mundo! - disse-lhe Fahmi com incentivo e desenvoltura. - Não se preocupe! Receio que você perca a capacidade de andar, de tanto ficar enclausurada nesta casa!

> (...)
> Ela sentia uma alegria ingênua em associar-se aos vivos, a seu movimento e à sua liberdade, a alegria de alguém que passou 25 anos emparedada, exceto por algumas visitas bem raras, todo ano, à mãe, no bairro de al-Khoranfish, que ela fazia no interior de uma carruagem na companhia de seu marido, sem ter a coragem de lançar um só olhar que fosse sobre a rua.
> (...)
> Chegavam à altura da loja, ele ainda entregue aos seus pensamentos, quando, sem que tivesse tido tempo de raciocinar, a mãe soltou-lhe de sua mão. Ele se virou, procurando-a com o olhar, mas foi para vê-la cair, primeiro a cabeça, depois que um arquejo profundo escapou dela. Ele arregalou os olhos, bestificado, e ficou petrificado de horror. Todavia, apesar de seu estupor e do seu terror, teve tempo de ver, mais ou menos no mesmo instante, um carro que freava num barulho violento, levando atrás de si uma nuvem de fumaça e de poeira; faltou pouco para que esmagasse a mulher esticada no chão, parando apenas a dois dedos dela. (DP, p. 241-243)

Ao contrário dessa ortodoxia familiar, está a personagem Fahmy, que devido à sua formação jurídica é adepto das ideias de 'Abduh e da escola dos modernistas islâmicos, por isso despreza a superstição e o tradicionalismo da família. Ao longo da narrativa, Fahmi é supostamente apresentado como o oposto do que sua família representa, porém, no casamento de Aisha fica surpreso com a revelação de Yasine, que lhe confessa o posicionamento moral duplo do pai – devasso e ao mesmo tempo guardião da família – fazendo com que seu papel de representante do patriarcado islâmico tradicional passe a ser visto pelo filho como apenas aparente.

> Esperou que Khalil saísse de perto, inclinou-se para o ouvido do irmão e disse-lhe abafando o riso:
> - Escondi de você coisas que me incomodavam revelar-lhe quando ocorreram, mas agora que vi o que vi e que ouvi o que ouvi, vou lhe contar.
> E começou a contar o que tinha ouvido e visto na casa de Zubaida, a almeia[19]. Fahmi o interrompia de vez em quando, dizendo-lhe atordoado: "Não diga isso... Você perdeu o juízo? Como quer que eu acredite em você?..." até que o outro acabasse seu relato nos mínimos detalhes. Fahmi com a fé e o idealismo nos quais crescera, não estava preparado para

19 Almeia – dançarina de estilo sensual, muito comum no Oriente.

> compreender e ainda menos para "digerir" essa conduta secreta que lhe era revelada pela primeira vez, tanto mais que o próprio pai era integrante das bases de sua fé e dos pilares de seu idealimo. Talvez se pudesse comparar seu sentimento, no momento em que enfrentava à queima-roupa esta descoberta, com o do feto – se a imagem é possível – no momento de sua passagem do mundo estável do útero ao mundo agitado fora dele. Ou talvez se lhe tivessem dito que a mesquita de Qalawun tinha sido reconstruída de cabeça para baixo, com o minarete para baixo e o túmulo para cima, ou qye Mohammed Farid tinha traído a mensagem de Mustafá Kamel e tinha vendido sua alma aos ingleses, isso não tivesse provocado mais a sua recusa e sua perturbação.
> - Meu pai vai à casa de Zubaida para beber, cantar, tocar tamborim!... Meu pai faz brincadeiras e safadezas com Galila! Meu pai comete os pecados da bebida e do adultério! Os três ao mesmo tempo!... Ele é, então, outro, diferente do pai que conheci em casa como modelo de piedade e de força! Qual dos dois é verdadeiro? Tenho a impressão de ouvi-lo repetir neste instante: "Deus é maior! Deusé o maior!" Mas como é que ele pode repetir esse refrão? Uma vida de dissimulação e hipocrisia! E, no entanto, ele é sincero quando levanta a cabeça para rezar, sincero quando fica encolerizado!... Meu pai seria um vício e a fornicação uma virtude? (DP, 387-388)

Esse é o primeiro momento da *Trilogia*, em que a questão política se projeta de forma intensa na narrativa, e é através da personagem Fahmi que Mahfuz expressa as contradições do nacionalismo egípcio da primeira geração que atuou até 1919, momento em que, segundo o autor, teve início a história política do Egito. Assim, tais contradições se manifestam nessa personagem ora em suas posições tradicionalistas, relacionadas à obediência ao pai e à questão da mulher, ora em sua moderna sensibilidade política. Portanto, Fahmi não se mostra disposto a desafiar a ordem estabelecida e sua morte ao final do volume I, representa a inabilidade política do Egito constatada após a revolução de 1919, sendo assim, tais eventos se configuram como dois cataclismos que irrompem, um sobre a família de Gawaad e outro sobre a história do Egito.

> Ele prestou atenção ao que se passava à sua volta sem, todavia, reencontrar a calma. Apenas alguns segundos depois, uma outra detonação ecoou. Ah!... Não há mais dúvida: um tiro como o anterior. Onde foi que atiraram? Sentiu um

> movimento de confusão propagar-se entre os manifestantes vindo da frente, como uma onda forte empurrada para a margem por um barco que cortava as águas no meio do rio. Depois milhares de pessoas afluíram e se dispersaram, mandando em todas as direções golpes incoercíveis e loucos de confusão e de pânico, desferidos em meio a gritos terríveis de cólera e de medo. Num piscar de olhos, as fileiras se dispersaram e a construção arquitetada desmoronou. Uma série de gritos se sucederam. Um grito de cólera e um gemido de dor se fez ouvir. A maré humana se sublevou desenfreada e lançou-se em ondas para todos os pontos de fuga, varrendo tudo à sua passagem... mas então fuja! É preciso fugir! Se as balas não o materem, os braços e pernas é que irão fazê-lo!
> Ele ia fugir, recuar, ou pelo menos mudar de lugar. Mas não fez nada... O que você está fazendo aí de pé, quando todo mundo já se dispersou? Você está sozinho, a perigo! Então fuja!
> Seus braços e pernas iniciaram um lento, fraco e frouxo movimento. Que confusão! Mas por que esses gritos? Você se lembra? Como as lembranças fogem de você velozmente! O que você quer? Gritar? O quê?... Ou pelo menos chamar? Quem? O quê? Pois sim! Você ouve? Vê? Mas onde? Nada, mais nada ... Está cada vez mais escuro ... Um doce movimento se desengata, regular, como o tique-taque de um relógio com o qual o coração se funde ... Um sussurro o acompanha. A porta do jardim, ora, quem diria! Ela ondula, se afunda, se desfaz lentamente; a grande árvore balança indolentemente ... O céu … O céu? Ele se mostra inteiro lá em cima. Mais nada, a não ser o céu, pacífico, sorridente, irradiando a paz. (DP, 703-704)

A alegoria do nacionalismo permite então a crítica severa à sociedade egípcia e sua evolução política, desvelando ideologias, culturas e valores que estruturam as relações sociais públicas e privadas. Nesse sentido, o papel do patriarcado, por exemplo, se estende para além do ambiente interno da casa, uma vez que sua atuação é exercida em diversas esferas da sociedade.

O crítico Hisham Sharabi (1988), em sua obra *Neopatriarchy*, discute o conceito de estado neopatriarcal na sociedade árabe como uma variação moderna do patriarcado tradicional do sultanato, assim, Sharabi entende o patriarcado não apenas como uma opressão de homens sobre mulheres, mas como um comportamento que é estruturado em termos de classes sociais e relações de poder, que se manifestam nas interações familiares, de vizinhança, profissionais como também na esfera pública e no estado, desse modo, temas que poderiam ser tratados isoladamente são abordados numa perspectiva

interseccional, ou seja, numa perspectiva em que tais temas aparecem relacionados, como gênero, raça, classe, religião e política.

Mahfouz, por sua vez, adere a essa proposta interseccional ao afirmar que a *Trilogia* opera em torno de três eixos, religião, gênero e política, que permeiam a estrutura material do patriarcado e do novo patriarcado, conforme definido por Sharabi.

No que se refere à abordagem da questão de gênero feita por Nagib Mahfuz, a escritora Miriam Cooke (1993) afirma que o autor poderia ser considerado um adepto do movimento feminista, por destacar em sua produção crítica à sociedade egípcia a desigualdade de poder existente entre homens e mulheres. Assim, como afronta ao patriarcado, Mahfuz apresenta na *Trilogia* o divórcio entre Haniyya e al-Saiyyd, e como exemplo de manutenção da estrutura patriarcal seu novo casamento com Amina, mantido durante toda a obra sob moldes tradicionais.

Haniyya e Amina são dois exemplos de mulheres que correspondem, respectivamente, à ação da emancipação e à ação da sujeição do indivíduo diante da ordem estabelecida. Entretanto, ainda que a agência das personagens seja considerada, em termos de libertação ou mesmo resignação, o que a profundidade discursiva do romance sugere a partir desses exemplos é o impasse no qual se encontra a própria história do Egito, impasse esse apreendido sobretudo pelas referências temporais.

No início do segundo volume, PD, uma nova abordagem do tempo é estabelecida, ao contrário da abertura atemporal de DP, o uso do discurso indireto livre estabelece uma ligação entre as vozes internas e o mundo exterior, expressando um aumento da mediação narrativa, especialmente no que se refere à personagem Kamal. Desse modo, o segundo volume se estrutura em torno da temporalidade emocional de Kamal, que tem sua progressão permeada pelos eventos históricos e políticos.

> Virei-me … tomado do maior estupor. Quem era? Como uma moça podia assim aparecer subitamente num círculo de estranhos? Mas logo parei de me fazer perguntas, esforçando-me para esquecer todas as tradições. Achei-me então diante de uma criatura que não podia ser desse mundo … Como ela fosse conhecida de todos e eu fosse o único a não conhecê-la,

> Hussein nos apresentou um ao outro: 'Meu amigo Kamal …, minha irmã Aida'. Nessa noite, eu soube por que vim ao mundo. Porque a vida tinha me poupado até então … por que o destino tinha me levado para al-Abbassiyyê, Hussein, o palácio dos Sheddad. Mas quando exatamente? Infelizmente, o momento exato se esvaiu na névoa do tempo. Menos o dia! Era um domingo, dia de descanso de sua escola francesa e que coincidia com uma festa nacional, talvez o aniversário do nascimento do Profeta … De qualquer forma, sem dúvida, era meu nascimento. E depois, para que saber a data? O fascínio enganador do calendário consiste em nos dar a ilusão de que a lembrança pode nos voltar, mesmo que nada mais volte. Teime em achar a data, repetindo-se incansavelmente: 'Sim... era na volta às aulas do segundo ano em Fuad I …, outubro, novembro … no momento da viagem de Saad para o Alto Egito, antes do seu segundo exílio', interrogando a memória, as testemunhas, os acontecimentos; você não fará mais nada, a não ser dedicar-se desesperadamente a fazer renascer uma felicidade e uma época para sempre passadas. (PD, 30-31)

Richard Myers (1986), ao comparar Mahfuz a Kafka, sugere que ambos os escritores estão comprometidos com um mundo regrado e essa ideia de regra está inevitavelmente estabelecida em termos de autoridade, cujo fortalecimento do poder é o que permite a uma ordem prevalecer sobre a outra. Desse modo, os escritores constróem e são construídos por suas experiências sociais advindas de sua percepção dos diversos momentos históricos (SAID, 1995).

Essa também é uma característica do pensamento de Salama Musa. Como qualquer Fabiano ele acreditava não apenas na bondade inerente ao universo, mas também ao princípio elementar de uma ordem governada por leis científicas. Essa linha de raciocínio de Musa, relativa ao determinismo histórico, foi adotada por Mahfuz que em sua *Trilogia*, mostra o deslocamento do poder universal de Deus para a História (e por extensão para a Ciência) através da individualidade humana. (EGGER, 1986)

Assim, DP representa a primeira geração da história política do Egito, enquanto PD se concentra na geração intermediária que dominou a política egípcia durante o período liberal da década de 20. A personagem Kamal é uma síntese dessa última geração e a crítica literária chega a afirmar que ele é a autobiografia de Mahfuz, uma vez que suas crises subjetivas são equivalentes

às crises enfrentadas pela geração do escritor. Porém, Mahfuz afirma que a despeito das similaridades, elas não confirmam que ele é Kamal.

Ao comparar-se os dados biográficos, toma-se conhecimento que Kamal nasceu quatro anos depois de Mahfuz. Embora esse intervalo pareça pequeno na narrativa da *Trilogia*, esse período corresponde ao da terceira geração, que é a dos sobrinhos de Kamal. No que se refere ao fato de ambos serem escritores, Mahfuz tem seu primeiro conto publicado em 1935, já Kamal tem seus escritos de estreia publicados em 1944. Por outro lado, tanto Kamal quanto Mahfuz iniciam sua carreira como escritores em gêneros não ficcionais e ensaios filosóficos. Portanto, Kamal pode ser ou não Mahfuz, assim como seu sobrinho Ahmad, personagem que também apresenta similaridades biográficas a Mahfuz. (EL-ENANY, 1993)

Alguns críticos notam similaridades entre Kamal e seu sobrinho Ahmad: i) ambos se apaixonam por mulheres pertencentes a um extrato social superior ao deles; ii) ambos escrevem artigos e estão ligados a causas modernas e iii) ambos rejeitam a autoridade tradicional do Islã. Porém, ao contrário de Kamal, Ahmed Ahmad e seu irmão Abd al-Munim alegoricamente representam uma geração ideologicamente determinada, ao contrário da geração de Kamal que é dotada de uma letargia crítica que a conduz a um impasse. Essas personagens são extremamente significantes no que se refere aos dados biográfcos de Mahfuz, Ahmad Shawak representa uma solução imaginária à própria indefinição psicológica e intelectual de Mahfuz e por meio da ficção ele expressa um lado seu que gostaria de ter mas, no entanto, não consegue:

> Exato! – respondeu Adili Karim com seriedade. – Cada um de nós deve cumprir seu dever, ainda que seja o único na arena!
> Ahmed assentiu, em sinal de aprovação. O homem continuou:
> - Estude literatura como achar melhor. Mas cuidando mais de sua inteligência que das ideias recebidas. E não despreze a ciência moderna. Sua biblioteca deve conter, ao lado de Shakespeare e Schopenhauer, Comte, Darwin, Freud, Marx e Engels! Tenha o fervor das pessoas religiosas, mas lembrando-se de que cada época tem seus profetas e de que os profetas de nossa época são os sábios!
> A essas palavras, o professor esboçou um sorriso que se anunciou como um sinal de conclusão. Ahmed levantou-se, estendeu a mão, cumprimentou seu mestre e deixou o escritório, embriagado de vida e de felicidade. (JP, 122)

Contudo, a alegoria de Kamal não representa a "nova escola" mas a velha "safra", que corresponde à geração de intelectuais nacionalistas e liberais que somatizou a crise política do regime liberal.

> - Nos aproximamos, você e eu, para a casa dos 30 anos sem nos termos casado ainda. Nossa geração está cheia de solteiros. A geração da crise. Você ainda mantém suas ideias?
> - Não me afastei um milímetro delas.
> - Não sei por que, mas tenho a convicção de que você nunca se casará...
> - Você vê longe. Deus o conserve …
> Ao que Fuad respondeu, com um sorriso amável, como que para se desculpar por antecipação.
> - Você é um ser egoísta. Faz questão de guardar sua vida só para si. Sabe, meu caro, o Profeta foi casado, o que não o impediu de se dedicar à sua sublime vida espiritual.
> Depois, continuando, num sorriso:
> - Desculpe-me por tomar o exemplo do Profeta … Eu esqucia que você … Você não é mais o ateu de antigamente. Seu ceticismo acabou por atingir o próprio ateísmo. Igual ganho para a fé!
> - Uma trégua de filosofia! - replicou Kamal num tom calmo. - Ela não é do seu gosto. Me diga antes por que você mesmo não se casou, já que esse é seu ponto de vista sobre a solterice! (JP, 130-131)

No segundo volume, a rejeição de Kamal a crenças e valores estão significativamente situadas em 1926 e 1927, anos que se seguiram à publicação de dois textos marcantes dessa geração, *Sobre a Poesia Pré-Islâmica* (1926), de Taha Husayn e *O Islã e os Princípios da Governança* (1925), de Ali Abd al-Razig. Assim, PD articula o período de auto-confiança intelectual tanto da sociedade egípcia quanto de Kamal, porém a perda da esperança emerge ao final deste volume com a morte de Saad Zaghlul, daí encontramos no terceiro volume, JP o impasse tanto de Kamal quanto do sistema político.

Portanto, através do desenvolvimento emocional e intelectual de Kamal, o segundo volume, PD, se configura como uma alegoria da fase liberal da

evolução política do Egito, na qual se constata a urgência de uma alternativa de poder secular, como o nacionalismo, que estivesse comprometida com a identidade política do Egito.

A figura da personagem Aida surge então como o novo símbolo da nação, em oposição a Gawwad. Kamal encontra-se totalmente atraído por ela, que representa uma nova imagem do Egito, de acordo com o crítico Richard van Leeuwen:

> "Aida é facilmente reconhecida como o símbolo da nova ordem social e corresponde a uma certa visão do Egito destituída das intervenções impostas pela tradição, alimentando uma filosofia secular e racional irrrestritamente orientada para a Europa" (LEEUWEN:1995, p. 103)

Nesse contexto, em DP, o desejo é contido por meio da institucionalização do casamento, cujo monopólio legal é mantido pela religião e pelo estado, já em PD, o desejo se transforma num tipo de poder, no entanto, o potencial subversivo dessa visão moderna é negado pela ação das forças externas que levam o indivíduo à impotência. Assim, a pungente idealização do desejo de Kamal teve como resultado o nacionalismo liberal utópico. Portanto, o motivo do desejo, tanto em DP como em PD é cooptado pela emergência do poder externo, ou seja, aquele oriundo da tradição.

> "Aída e Hussein na Europa! Imagine um homem perdendo ao mesmo tempo sua amada e seu amigo. Sua alma em busca de seu ídolo e não o encontrando. Sua mente em busca do seu dublê e não o encontrando. Você vivendo sozinho no velho bairro, como o eco de uma de uma nostalgia vagando ao abandono há gerações. Pense um pouco nas dores que o aguardam. Chegou para você o tempo de recolher os frutos dos sonhos que você semeou no seu coração inexperiente. Reze a Deus para que ele faça das lágrimas um remédio para a mágoa. Suspenda seu corpo, se você puder, na corda da força. Ou então ponha-o a serviço de uma força destruidora com a qual você atacaria seus inimigos. Amanhã sua alma achará um grande vazio! Como o que ela achou ontem no túmulo de al-Hussein. Que desilusão! Assassinam-se os justos enquanto os filhos dos traidores são nomeados embaixadores!" (PD, 402)

Porém, no terceiro volume, JP, o pensamento Fabiano relativo ao caráter inexorável do progresso histórico se manifesta. Aqui o passado aparece como um realidade alternativa à verdade da realidade material histórica, simbolizada, por exemplo, pela reestruturação do café de Ahmad Abdul's e pela morte de Gawwad, confirmando a ressignificação do passado no decorrer da narrativa.

Mahfuz talvez represente o retorno ao passado como um esforço para lá permanecer como possibilidade de desbloqueio de sua neurose emocional e paralisia intelectual, para a partir daí encarar o futuro e prosseguir. Assim, a resignação de Kamal à casa sugre um indício de terapia coletiva da sociedade egípcia na sua tentativa de se exorcizar do passado, contexto no qual se constata a substituição de toda uma organização social pela constituição de uma classe burguesa.

> Logo retirou-se, com o coração pesado de muitas mágoas. Acompanhar uma família até seu declínio é por demais aflitivo. Não é pouco ver um pai reduzido à fraqueza depois de ter reinado como amo e tirano; ver a mãe definhar, apagar-se atrás da velhice, e uma irmã afundar-se no nada. Essa atmosfera assombrada pela infelicidade e pelo começo do fim … Ele subiu a escada até o último andar - "seus aposentos" -, onde vivia sozinho entre o quarto de dormir e a biblioteca, cujas janelas davam para Bayn al-Qasrayn. (JP, 19)

Daí a reunião nostálgica de todos os habitantes em uma nova configuração da casa, desta vez não simbolizada como aparelho estatal, representa o futuro e as instituições que ainda estão por se formar. Ahmed Sawkat representa essa disposição futura, ao ser caracterizado como a única personagem que está livre das agruras do passado por rejeitar tudo que tenta impedir o livre curso da humanidade. Ahmed estava disposto a convencer Kamal a se comprometer com uma metodologia políta específica, e esse posicionamento na *Trilogia* corresponde à consciência ideológica exterior necessária ao questionamento do próprio projeto nacionalista, cuja saída, para Mahfuz era indubitavelmente o socialismo Fabiano.

> Para Bakhtin, o autor-criador é a consciência de uma consciência, uma consciência que engloba e acaba a consciência do herói e do seu mundo; o autor-criador sabe mais do que o seu herói. Temos aí um excedente de saber, e um primeiro pressuposto da visão de mundo bakhtiniana, um princípio básico: a exotopia, que podemos simplificar definindo-a como o fato de que só um outro pode nos dar acabamento, assim como só nós podemos dar acabamento a um outro. Cada um de nós, daqui onde estamos, temos sempre apenas um horizonte; estamos na fronteira do mundo que vivemos - e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar. (TEZZA, 2001, p. 218)

Embora o socialismo Fabiano tenha absorvido as ideias do comunismo, Mahfuz na *Trilogia* atém-se à representação simbólica da polarização entre direita e esquerda. A despeito do fato de o escritor dar destaque no romance à articulação comunista, faz-se necessário ressaltar que a mesma, enquanto instituição, passou a existir apenas após o término do período histórico da obra, ou seja, depois de 1944, no entanto, o autor se dispôs a dar visibilidade a uma forma política que se mostrou bastante ativa no período compreendido pela narrativa, 1914-1944. (BOTMAN, 1988)

Desse modo, em JP, Mahfuz antecipa alguns eventos repressivos que passaram a ocorrer somente após 1946, ou seja, após o fechamento da saga familiar. A razão dessa antecipação diz respeito ao contexto no qual Mahfuz escreve, um contexto extremamente repressivo, no qual o cárcere dos irmãos Shawkat na obra, aponta para a prisão da nação egípcia por um sistema politico que lança mão do aparato do estado para oprimir cidadãos e negar-lhes direitos políticos básicos. Assim, a *Trilogia* se propõe a demonstrar, por meio da saga da família Gawwad, a dificuldade de estabelecimento do socialismo no Egito, por isso, tais percalços estão expressos, além do formato histórico, pelo formato alegórico.

O tema da condição da mulher na *Trilogia* expressa essas dificuldades de mudança, uma vez que a maior parte das personagens femininas da obra, ainda que apresentem indícios de avanço na sua relação com o patriarcado, estão confinadas no ambiente doméstico. Aisha, por exemplo, apresenta um

traço de beleza feminina que a torna "visível", ao contrário de outras mulheres tradicionais cujo hijab lhes confere "invisibilidade". Porém, a despeito do fato de ser "moderna", é uma mulher sem perspectivas para a qual Mahfuz não reservou nenhum grande plano.

> Para Aisha, tudo o que vinha de sua flha querida estava bom. Ela era seu raio de luz e esperança. Admirava-lhe tanto a fé quanto a voz. Não era só pela dedicação da menina – a qual podia parecer desmedida – que ela incentivava e gostava sem a menor restrição. De um modo geral, era também porque não suportava críticas, por mais insignificantes e bem intencionadas que fossem! Entre elas, a de não ter mais a fazer em casa senão ficar sentada numa cadeira fumando e bebendo café. E se a mãe recorria a ela – não por precisar de ajuda, mas para distraí-la de seus pensamentos – , zangava-se e repetia a frase costumeira: "Ora! Deixe-me em paz!" Da mesma forma, proibia Naima de trabalhar, como se temesse o menor movimento dela. Se pudesse rezar no lugar dela, certamente o faria, para poupar-lhe o trabalho! Quantas vezes sua mãe lhe falava a respeito, afirmando que Naima tinha se tornado uma "moça casadoira" e que era preciso ensinar-lhes os deveres de "dona de casa". Ela lhe respondia, num tom irritado: "Você não vê que ela é frágil como uma sombra? Ninguém vai impor nenhum esforço a minha filha! Deixe-a em paz. Ela é a única esperança que me resta nesta vida!". (JP, 10-11)

Desse modo, muitas das mulheres da *Trilogia* são idealizadas enquanto seres maternais, cujo sina é o confinamento doméstico, assim Amina, Khadija, Aisha e Naima são tipicamente representantes desse confinamento e nenhuma delas aparece no romance fora do âmbito do lar, e ainda que tenham voz, essa voz é constantemente apagada ou marginalizada. À medida que a narrativa avança o papel dessas mulheres permanece estável, e a prova contundente dessa estabilidade é o fato de que mesmo as mulheres das gerações posteriores não recebem uma educação além da primária, acatando a determinação de Gawwad seguida por seu filho Yasine:

> E você? - perguntou o homem, buscando plêmica. - O que planeja para Karima? Deixe-me ver...; que idade ela tem?
> Apesar da irritação, o rosto de Yasine se iluminou com um sorriso.

> - Onze anos! Ela deve obter seu diploma do primário no próximo verão.
> Depois, contando nos dedos:
> - Estamos em novembro, dentro de sete meses exatamente.
> - Já que vai passar no primário, deve passar também no secundário, não é? Hoje em dia as moças são mais seguras de si que os rapazes!
> O secundário? Era o desejo de Zannuba. Mas nem pensar! Ele nunca suportaria ver sua filha andando pela rua com os seios balançando! E depois... e os gastos?
> - Em nossa casa, as moças não fazem o secundário. E depois, para quê? Ela não vai trabalhar de qualquer modo.
> - Pode-se falar assim em 1938? - perguntou um colega.
> - Na nossa família pode. E até em 2038! (JP, 2015)

Vê-se, portanto, que as relações de gênero expressas pela *Trilogia* não apontam para uma mudança, uma vez que são revestidas pela dominação do patriarcado que lhes conferem imutabilidade. Assim, o casamento na perspectiva crítica de Mahfuz é uma instituição na qual vários investimentos políticos são feitos, logo, dada a sua naturalização, torna-se quase impossível desafiar seu poder constituído.

Assim, a concepção política de poder para Mahfuz se relaciona à ideia de ação coletiva dotada de significado, no caso da *Trilogia*, as atitudes tiranas de Gawwad sobre sua família e a completa falta de reação dos indivíduos a ele submetidos apontam para um relativo determinismo histórico, decorrente da concepção filosófica seguida pelo autor – o Socialismo Fabiano – que prevê a suspensão da agência humana no processo histórico de mudança.

Contudo, essa falta de agência, cuja alegoria é a família, não significa necessariamente imutabilidade dos fatos, assim, o fator preponderante que assinala as marcas da história é justamente o tempo, precisamente demarcado ao final de cada volume da *Trilogia*, indicando as diferentes etapas do processo político. Evidentemente, as mudanças são de fato resultados da ação humana na História, porém no romance os agentes da mudança não são vistos como sujeitos, mas como mediadores do processo social. É óbvio que os idealizadores desse processo são sujeitos, como Zaghlul e al-Nahas, mas no interior da narrativa o homem e a mulher comum se encobtram destituídos de poder para agirem na História.

Tal impossibilidade de ser sujeito na história se materializa através das

diversas prisões simbólicas que permeiam a narrativa – o patriarcado, a indefinição, a imutabilidade. Essa presença constante do cárcere remete ao posicionamento de Mahfuz acerca do processo nacionalista no Egito que, ao invés de conceder espaço à liberdade e à igualdade teve como consequência uma maior repressão. Desse modo, o significado da ação política é reduzido ao debate nos bares, nos cafés, nas edições de jornais e nos parlamentos, revelando a impossibilidade de o discurso político, por si só, destruir as estruturas de poder do estado, sobretudo a estrutura patriarcal, conforme pode ser constatado neste trecho de DP ocorrido após o exílio de Zaghlul:

> A evocação do nome de Deus teve o efeito de um pólo imantado. Atraiu para si as ideias difusas deles e reuniu seus pensamentos esparsos pelo desespero. Aliás, na tarde desse dia, e pela primeira vez em 25 anos ou mais, o círculo dos amigos fiéis, submerso num silêncio aflito, parecia distante do divertimento e da alegria. Todos os assunto da conversa giraram em torno do chefe exilado. A tristeza os esmagava, mesmo que houvesse no meio deles algum indeciso entre a tristeza e a vontade de beber, por exemplo. No entanto, a primeira prevaleceu por algum tempo sobre a segunda, por respeito ao sentimento geral e em conformidade com a situação. Mas, quando a conversa se alongou a ponto de esgotarem o assunto, todos se retraíram numa espécie de silêncio. No entanto, não demoraram a ser tomados de uma angústia subjacente, reflexo da força desse hábito que começava a manifestar-se neles, e eles pareciam esperar o sinal do temerário que se antecipasse. Mas o Sr. Mohammed Iffat declarou subitamente:
> - É hora de voltar para casa.
> Suas palavras não refletiam nada em suas intenções. Era como se quisesse adverti-los de que, se deixassem passar o tempo como acabavam de fazer, só lhes restaria voltar para casa. O longo hábito de se verem lhes ensinara a compreenderem-se perfeitamente por meio do jogo da alusão. Ali Abd el-Rahim, o mercador de farinha, ousou lançar o que era um convite disfarçado:
> - Voltar para casa sem um copinho para adoçar as agruras do dia?
> (...) e Ahmad Abd el-Gawwad não demorou a declarar, comovido pelo espetáculo das garrafas:
> - Saad se insurgiu apenas em favor da felicidade dos egípcios, não pelo seu sofrimento. Então, não tenham vergonha de entregar-se à bebida no momento em que vocês sentem tristeza por ele.
> Essa tristeza não o impedia de brincar. Todavia, nessa noite,

> como não pudesse divertir-se com a alma leve, nosso homem descreveu-a mais tarde como "uma noite doente que eles trataram com copos de vinho". (DP, 503-504)

Portanto, a ênfase no tempo e no espaço na análise da *Trilogia do Cairo* torna-se essencial à compreensão das relações entre o sistema político egípcio e a saga da família de Ahmad Abd el-Gawwad. Assim, as delimitações espaciais, entre público e privado, e as temporais, entre presente e passado, conduzem ao entendimento da construção do processo nacionalista no Egito, permeado por contradições, instabilidades, paralisias e dilemas.

3.1 A Trilogia do Cairo e o Discurso Literário

A obra literária é a expressão de um aspecto sobre o mundo construído pelo autor. Nesse processo de construção da literatura, o escritor representa o *rapsodo* que é portador das vozes de um agrupamento social, do qual se encarrega de disseminar sua mensagem e materializar, através da obra de arte, a existência da consciência coletiva desse grupo. Desse modo, ao representar uma coletividade, o autor submete sua criação às determinantes sociais e históricas, que atravessam o discurso literário e inscrevem na obra, sob uma estética particular, a história de um povo ou de uma nação. Assim, faz-se necessário abordar, do ponto de vista da teoria e da crítica literária, as relações entre literatura e sociedade.

A partir das contribuições do estruturalismo e da nova crítica literária a análise das obras passou a fundar-se nas condições de produção e, consequentemente, na observação das relações sócio-históricas existentes na constituição do texto literário. Nesse cenário de ruptura, Bakhtin (1895-1975) é o autor que empreende uma tentativa de propor algo novo que pudesse superar o formalismo russo e o marxismo predominantes na história literária.

Bakhtin, portanto, considera que uma análise crítica dos enunciados literários deve levar em consideração suas condições de produção de modo a explicitar a correspondência existente entre o universo criador do artista e o

grupo ou o meio a partir do qual ele escreve ou está inscrito. Com relação a essa constatação de Bakhtin, Cândido (2006) afirma que a relevância desse debate deve-se à superação da análise da obra literária fundada apenas sob bases estéticas, daí a importância de se considerar fatores de outras ordens, como o social, na constituição do texto literário.

Nessa formulação de Antônio Cândido estão situadas as primeiras concepções acerca da noção de discurso literário formuladas pela nova crítica literária, que objetivava a proposição de um novo projeto de crítica social da literatura que pudesse superar a dicotomia entre história literária e análise textual. Assim, a introdução do termo "discurso literário" não se configura como uma mera utilização das ferramentas linguísticas na abordagem literária, mas a adoção de um método de análise fundado na observação das relações entre língua, literatura e sociedade:

> Os avanços alcançados em matéria de gêneros do discurso, de polifonia enunciativa, de marcadores de interação oral, de processos argumentativos, de leis do discurso, de relações anafóricas e assim por diante, levam a postular em termos bem distintos as relações entre pesquisa sobre a língua e pesquisas sobre a literatura. Passa doravante a haver uma "ordem do discurso" específica, uma passagem obrigatória para toda a compreensão do fato literário. (MAINGUENEAU, 2006, p. 39)

Dado o caráter de difícil abordagem do conceito discurso, convém demarcar a noção adotada no presente estudo, que é a de um conjunto de enunciados que se apoia em formações discursivas semelhantes, o que pressupõe que o mesmo é regido por normas compartilhadas pelos envolvidos na atividade de enunciação, sendo, desse modo, a formação discursiva algo que possa ser descrito pelo seus conceitos, posições, funcionamentos e transformações de modo a apresentar uma regularidade e cumprir uma função enunciativa. (Foucault, 1971).

A função enunciativa à qual se refere Foucault possui uma base linguística e uma base histórica, ou seja, à maneira como determinados discursos são constituídos corresponde uma cadeia de significantes e uma cadeia histórica, aspectos intrínsecos ao funcionamento discursivo e sua

inscrição histórica.

No entanto, o discurso só significa dentro do universo de outros discursos que serviram como porta de entrada para este discurso. Assim, interpretar um enunciado, só faz sentido quando o mesmo é remetido a outros enunciados que lhe são anteriores, aos quais são denominados interdiscurso.

O interdiscurso diz respeito à heterogeneidade enunciativa, em que o analista do discurso é levado a apreender as formas como o "Outro" aparece no discurso. Dentre essas formas, há a heterogeneidade mostrada – explícita no texto através de citações, palavras entre aspas etc... – e a heterogeneidade constitutiva, que dilui o "Outro" no enunciado apagando as marcas visíveis de sua presença. É nessa perspectiva que se inscreve a hipótese do primado do interdiscurso, a heterogeneidade constitutiva, segundo Maingueneau (2005, p.33) "amarra, em uma relação inextrincável, o Mesmo do discurso e seu Outro".

Faz-se necessária a apresentação da noção de interdiscurso empregada por Maingueneau (2005, p.35), segundo o autor "será preciso tornar menos grosseiro este termo muito vago e substituí-lo por uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo".

De acordo com Maingueneau, "universo discursivo" é o conjunto de formações discursivas difusas do qual pode ser apreendido os "campos discursivos", conjunto de formações discursivas que delimitam um ponto determinado do universo discursivo, daí podendo se tratar do campo literário, político, gramatical etc... Para o autor, o discurso se constitui no interior dos campos discursivos e essa constituição pode ser descrita sob a forma de regularidades observadas em formações discursivas anteriores. Por fim, espaço discursivo, segundo Maingueneau, é o conjunto de formações discursivas relevantes para o propósito do analista de discurso, que faz seu recorte baseado no seu conhecimento de textos e no seu saber histórico, a fim de que a hipótese formulada na pesquisa seja confirmada ou não.

No espaço discursivo, o reconhecimento do primado do interdiscurso implica o reconhecimento de um discurso na sua relação com seu Outro, segundo Maingueneau:

> No espaço discursivo, o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. É o que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite fechar-se em um todo. É aquela parte de sentido que foi necessário que o discurso sacrificasse para construir sua identidade. (MAINGUENEAU, 2005, p.39)

Dado que a interação entre os discursos está necessariamente associada ao funcionamento intradiscursivo daí advém o caráter essencialmente dialógico de todo enunciado do discurso, em que a relação com o Outro existe independentemente de haver ou não marcas de alteridade.

Desse modo, o Outro, em *Trilogia do Cairo*, corresponde ao discurso nacionalista, que é esbatido enquanto voz autônoma preponderante em lugar da sublimação deste mesmo nacionalismo inscrito sob a forma da saga da família de Gawaad. Tal forma de enunciação legitima o espaço da obra literária como portadora das vozes do universo social em questão, desse modo, a literatura institui o discurso do nacionalismo como discurso constituinte.

Portanto, o discurso literário, enquanto um estilo correspondente a uma situação de enunciação específica, apresenta uma função determinada com relação às funções que outros discursos desempenham (filosófico, religioso ou científico), nesse sentido, dentro do seu campo de atuação, o discurso literário possui um papel constituinte com relação a outros discursos:

> Os discursos constituintes têm a seu cargo o que se poderia denominar o *archeion* de uma coletividade. Esse termo grego, étimo do termo latino *archivum*, apresenta uma interessante polissemia para a nossa perspectiva: ligado a *arché*, "fonte", "princípio", e, a partir disso, "mandamento", "poder", o *archeion* é a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas igualmente os arquivos públicos. Ele associa, dessa maneira, intimamente, o trabalho de *fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar vinculado com um *corpo de locutores consagrados* e uma elaboração da *memória*. (MAINGUENEAU, 2006, p.61)

Assim, os discursos constituintes são os discursos que, ao emanar de

uma coletividade, se revestem de sentido por iniciarem ou instaurarem uma ordem de enunciação através de uma multiplicidade de gêneros. Assim, são ao mesmo tempo *autoconstituintes* e *heteroconstituintes*, na medida em que auto se constituem e constituem outros discursos. Por essa razão, os discursos constituintes podem se autolegitimar, pois sua constituição reflete seu próprio funcionamento.

Uma análise da constituição dos discursos deve apresentar em seu corpo a relação inexorável entre o discurso interno sua receptividade numa atividade enunciativa, isso significa dizer que esta análise deve dar conta da dimensão institucional dos discursos, no que se refere à sua organização textual e sua forma de inscrição numa esfera social. Inscrever aqui corresponde ao sentido de instaurar como forma de enunciação exemplar, ou seja, que se configura como um exemplo ao mesmo tempo em que segue um exemplo.

No caso do discurso nacionalista inscrito no discurso literário, a constituição se dá sob a forma de algo que fala em nome de um Outro invisível, que a despeito de se encontrar imaterializado na obra literária, se configura como um enunciado que serviu de porta de entrada para outros que foram constituídos a partir dele, estamos aí na dimensão do interdiscurso.

A obra *Trilogia do Cairo*, ao reconstruir o percurso que levou à construção da idéia da unidade árabe, remete à memória do discurso nacionalista que viria posteriormente a ser intensificado sob a liderança de Gamal Abdel Nasser:

> O conceito de unidade árabe não implica o estabelecimento de um sistema constitucional uniforme de aplicação inevitável. É mais um caminho a ser percorrido com vários estágios até que se atinja o objetivo máximo. No mundo árabe, todo governo que representa verdadeiramente a vontade popular no nível da luta pela independência nacional, já constitui um passo no sentido da unidade. Toda e qualquer união parcial do mundo árabe, que expresse a vontade popular e nacional de dois ou mais povos árabes, já constitui um passo a mais no sentido da unidade total. (NASSER, 1963, p. 231-232)

Em *Trilogia do Cairo* a unidade nacional a qual Nasser faz menção está inscrita nas ações das personagens que participam do processo de

emancipação do Egito, nesse sentido a luta popular está inscrita na forma como os corpos se movimentam no tempo e no espaço:

> A caminho da praça da Estação, pôs-se a observar as ruas e os carros. Todo mundo – ele achava – tomava a mesma direção que ele, estudantes, operários, funcionários, pessoas do povo; de carro ou a pé, todos mergulhavam na tranqüilidade própria de pessoas que vão a uma manifestação pacífica e oficial. Ele estava com eles, animado pelo mesmo sentimento, não como outrora, quando procurava caminho para o local de concentração da manifestação, com o espírito em efervescência, o coração batendo cada vez mais forte à medida que se agitava diante dos seus olhos o espectro da morte. Porque isso era uma época passada. Hoje ele ia tranqüilo, com um sorriso na boca. A luta tinha acabado? Ele saíra dela são e salvo, nada tendo de que se censurar nem se orgulhar...Nada de que se orgulhar? Ah! Se ao menos tivesse podido sofrer do que milhares dos seus semelhantes tinham sido vítimas, como a prisão, a surra, uma ferida não mortal! Não era sem graça que a mais perfeita saúde fosse a recompensa de alguém dotado de um coração como o seu, de um entusiasmo como o seu? Enquanto estudante em luta, não lhe fora dado cobrir-se do menor título de glória... (DP, p.697-698)

Constata-se, portanto que a obra literária se constitui através do ordenamento social e das forças concorrentes nos locais a partir dos quais ela emerge. Nesse sentido, *Trilogia do Cairo* se configura como um discurso literário constituinte na medida em que, enquanto expressão essencialmente local, exprime as relações entre o escritor e a sociedade da qual ele faz parte. Desse modo, ao enunciar algo sobre o mundo a obra literária reflete seu caráter de pertencimento e comprometimento com um lugar, e, ao funcionar como discurso constituinte, materializa por sua historicidade sua condição de ser produto de um lugar. (CERTEAU, 1982)

3.2 Nagib Mahfuz e a Paratopia do Escritor

O escritor enquanto produto de um lugar, conforme assinala Certeau (1982), tem seu pertencimento condicionado ao campo literário por meio de uma contradição entre fazer ou não parte desse um lugar, a partir do qual

estabelece uma relação parasitária. Nesse sentido, o campo literário absorve o escritor como um parasita, que diante da impossibilidade de ser incluído no discurso literário, passa a ter sua existência condicionada à sua diluição no interior da enunciação literária, daí a constatação de sua condição paratópica.

A paratopia de Nagib Mahfuz, enquanto representante das vozes de uma coletividade, resulta do fato de que ele participa de um empreendimento de dimensão coletiva como construtor do gênero romance. Assim, a partir de *Trilogia do Cairo*, o autor constrói a realidade sob uma malha ficcional, inserindo-se, desse modo, num lugar simbólico que se configura como uma forma de expressão social que necessita ser inaugurada e sistematizada, enquanto ponto de partida para outras vozes que anunciarão, sob este mesmo formato, a unidade do mundo árabe. Daí seu título de "pai do romance árabe":

> Mahfuz é considerado o pai do romance árabe e seu principal representante; moldou esse gênero literário e contribuiu para sua evolução depois de formar-se em filosofia, em 1934. Em suas obras, Mahfuz recorre à história a partir da visão doméstica de um egípcio lúcido e utiliza diversas técnicas narrativas e inovações formais, sem preservar a imagem mítica que envolve o velho bairro cairota como a personificação da autenticidade egípcia. (FARAH, 2006, p.)

O tratamento que Mahfuz dá aos bairros retratados tanto em *O Beco do Pilão* como na *Trilogia do Cairo*, a despeito de sua enorme carga de verossimilhança e autenticidade, não conferem ao escritor uma passagem sem conflitos entre o universo do discurso literário e sua receptividade pelo público. O escritor e sua obra acabam assumindo um compromisso com a sociedade que ambos retratam, de lhe conferir existência a partir da materialização da realidade através do discurso literário (VASCONCELOS, 2009).

Esse compromisso do escritor com o público interfere na visibilidade que o mesmo passa a ter a partir de sua inserção num universo coletivo através da obra de arte. Isso significa dizer que, dele lhe serão cobradas posturas e posicionamentos acerca de sua impressão da coletividade, desse modo, sua condição de parasita no sistema literário estará marcada pela oscilação entre aceitação e repúdio, diante dos efeitos que a obra de arte produzirá.

No caso específico de Mahfuz, ao tornar-se intérprete da sociedade egípcia, lhe foram cobrados deveres acerca de seu posicionamento individual, e na ocasião em que manifestou publicamente seu apoio ao acordo de paz entre Sadat e Israel, em 1979, um clima de insatisfação popular criou-se em torno dele, tendo como consequência um atentado – cometido quase duas décadas depois dessa declaração – que quase lhe ceifou a vida.

Por fim, constata-se, a partir desse dado biográfico de Mahfouz, que a condição parasitária do escritor no discurso literário coloca a obra de arte e o autor em cheque toda vez em que os mesmos ousam ultrapassar os limites traçados pela institucionalidade, que corresponde aos grupos que operam com os efeitos desse discurso. Daí, segundo Maingueneau (2006) advém a tensão da "negociação entre o lugar e o não-lugar", marcada historicamente pela imposição da condição de réus a romances e romantistas resultante de sua prática discursiva.

A ideia de prática discursiva remete à ação empreendida pelas instituições na formação de seu pensamento, assim o processo de constituição dos discursos está necessariamente ligado à formação dos grupos que produzem e mantém o funcionamento desses discursos. Cabe aqui, portanto, articular discurso e instituição pela via de um sistema de restrições comuns.

Considerando que o estatuto do enunciador e seu modo de enunciação são dados pela sua posição social, constata-se, portanto, a confluência entre discurso e instituição. Esse sistema de relações compreende a prática discursiva que orienta a localização institucional dos inúmeros posicionamentos ocupados pelo sujeito na enunciação.

Desse modo, o escritor, ainda que seja livre para produzir determinados tipos de textos, o faz condicionando seu ato ao momento no qual escreve ou às regularidades da instituição a qual pertence. A obra *Trilogia do Cairo* tem seu conteúdo semântico condicionado pela instituição do nacionalismo egípcio e o autor, independentemente de sua disposição criativa, está inscrito na discursividade de seu momento histórico.

A influência da instituição do nacionalismo egípcio no conteúdo semântico da literatura consistiu em direcionar a partir de um determinado momento a arte para uma finalidade que por ora se anunciava e exigia,

portanto, uma transformação da sua perspectiva:

> Mais importante foi o desenvolvimento do romance e do conto, destacadamente no Egito, onde vários escritores nascidos na última década do século XIX e na primeira do século XX criaram um novo veículo para análise e crítica da sociedade e do indivíduo; em suas histórias, descreviam a miséria e a opressão dos pobres na aldeia e na cidade, as lutas do indivíduo para ser ele mesmo numa sociedade que tentava confiná-lo, o conflito das gerações, os efeitos perturbadores dos estilos de vida e valores ocidentais. (HOURANI, 2006, p. 447).

Nesse novo contexto a literatura tende a tornar aceitáveis novas perspectivas, considerando-se os sistemas de valores que agora são colocados em questão (sobrevivência, apego à memória e à história, afirmação da identidade). Portanto, conforme ressalta Bakhtin (2003), forma e conteúdo fundem-se no discurso literário, daí a razão pela qual a prática discursiva, ou seja, a inscrição de uma obra numa instituição histórica – no caso o nacionalismo egípcio – vem a ser um fenômeno estritamente social. Portanto, na análise da constituição histórica do romance *Trilogia do Cairo*, a abordagem dos aspectos temporais e espaciais se faz imprescindível para a compreensão dessas relações entre literatura e sociedade.

Capítulo 4 A Construção do Nacionalismo Egípcio em Trilogia do Cairo

A constituição histórica do romance *Trilogia do Cairo*, centrada nos aspectos temporais e espaciais, exprime no discurso literário – tendo como destaque o relato da saga da família de Gawaad – a indissolubilidade entre espaço e tempo. Apesar da sugestão biográfica, as abordagens espaço-temporais funcionam como mecanismo para a expressão das relações existentes entre o romance e a sociedade que se pretende relatar. Assim, de acordo com Goldman (1979) a biografia vem a ser um subterfúgio essencial à representação das visões de mundo de determinadas classes sociais que constroem no romance a articulação entre ficção e realidade.

Desse modo, considerando os aspectos espaciais e temporais presentes na *Trilogia*, constatamos que a percepção da fusão dessas categorias narrativas nos auxilia na compreensão do modo como organizações, grupos sociais e instituições (aqui a própria instituição do nacionalismo) são constituídos por aspectos cronotópicos.

O cronotopo consiste então, no equilíbrio existente entre as dimensões espaciais e temporais, e através dessa harmonia se observa de maneira nítida como as marcas do tempo estão inscritas no espaço, ou seja, se depreende do cronotopo a junção inseparável do tempo do acontecimento com seu espaço concreto de realização:

> No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico. (BAKHTIN, 2003, p. 211)

Bakhtin (1998) discute os três tipos fundamentais de unidade no romance que por sua vez estabelecem três metodologias distintas de trabalho com o tempo e o espaço no gênero em questão. Tratam-se de três tipos clássicos que influenciaram o desenvolvimento do romance na Europa: o

romance de aventuras de provações, o romance de aventuras e de costumes e o romance biográfico.

O romance de aventuras de provações, segundo Bakhtin, desenvolveu-se na Grécia no intervalo compreendido entre os séculos II-IV e tem como expoentes as obras *A Novela Etíope* ou *Etiópica* de Heliodoro, *Leucippes* e *Clitofontes* de Aquiles Tatius, *Chereas e Callirhóe* de Chariton, *As Efesíaquas* de Xenofonte de Éfeso, *Dafnes e Chloé* de Longus, dentre outros. Quando obras do mesmo caráter são analisadas nos dias de hoje, constata-se que o método de trabalho com o tempo e o espaço empregado nesses romances permaneceu praticamente inalterado.

Assim Bakhtin, exemplifica esse método com o seguinte esquema narrativo: dois jovens de origem não revelada se encontram de modo repentino numa festa e se apaixonam perdidamente; porém vários entraves impossibilitam o casamento dos apaixonados e em meio a encontros e desencontros – permeados por fugas, naufrágios, cativeiros, raptos e mortes – ambos acabam encontrando seus pais, até então desconhecidos. Além do encontro com os pais, amigos e inimigos também surgem de forma inesperada e o fim do romance é a concretização do sonho do casamento.

As referências espaciais do enredo abrangem os territórios da Grécia, Pérsia, Fenícia, Egito, Babilônia e Etiópia, espaços muitas vezes descritos com riqueza de detalhes que aparecem entreaçados a reflexões que tratam de temas religiosos, filosóficos, científicos e existenciais, cujo foco é a elegia amorosa. Assim, esse tipo de romance funde-se a outros gêneros (retóricos, historiográficos, dramáticos) tendo como elemento fundamental o tempo da aventura que inaugura um cronotopo essencialmente original – o do mundo estrangeiro no tempo da aventura.

O fundamento do romance grego de aventura baseia-se nos acontecimentos que envolvem os jovens, e não necessariamente na biografia deles, desse modo, a disposição amorosa de ambos mantém-se inalterada ao longo de todo romance, que tem como destaque as referências temporais e espaciais através das quais sem desenrolam os fatos, chamados por Bakhtin de motivos. Portanto, os encontros, as separações, as perdas e as descobertas são fundamentalmente motivos cronotópicos, pois ocorrem num tempo e num

lugar devidamente estabelecidos, a exemplo do motivo do encontro, este ocorre necessariamente num mesmo tempo e num mesmo lugar, tendo sua ocorrência impossibilitada caso haja o deslocamento de um desses referenciais. Assim, o cronotopo se configura numa unidade indissociável que é responsável pela manutenção da unidade do romance.

O segundo tipo de romance descrito por Bakhtin é o chamado romance de aventuras e de costumes, cujos exemplos únicos, segundo o teórico russo, são *Satiricon,* de Petrônio e *O Asno de Ouro*, de Apuleio.

O autor então elege *O Asno de Ouro* como exemplo para análise desse segundo tipo de romance, que tem o tempo de aventuras e o tempo de costumes completamente transformados, resultando num cronotopo bastante original. O herói do romance em questão, Lúcio, tem sua vida como o mote decisivo do romance, em que sua carreira e peregrinações sob a forma de asno constroem o enredo principal bem como o paralelo, a novela *Amor e Psiquê*. Assim, a metamorfose da personagem Lúcio em asno, corresponde aos motivos da transformação e da identidade, elementos, de acordo com Bakhtin, pertencentes ao folclore mundial que se relaciona com a natureza do mundo como também às criações dos homens.

Entretanto, a metamorfose deve ser entendida na sua relevância para a construção do romance e não no seu significado em si, que, segundo Bakhtin, é bastante complexo, desse modo, a função da metamorfose na construção do romance de aventuras e de costumes é a de representar os momentos de ruptura e os momentos de crise enfrentados pelo homem, no que se refere à condição de transformação de um homem em outro homem.

Portanto, os acontecimentos que atravessam a vida do herói determinam como será sua trajetória, assim as relações temporais e espaciais nesse tipo de romance não apontam para uma regularidade biográfica, mas a uma construção identitária que será resultante de crises e transformações, tornando, por isso, um romance cujo formato não está condicionado pelo "devir".

O terceiro tipo de romance, o romance biográfico, não é propriamente uma biografia, uma vez que tal gênero não foi desenvolvido na Antiguidade, mas Bakhtin destaca formas biográficas e autobiográficas que influenciaram na

posteridade o desenvolvimento de biografias, por serem obras clássicas que abordam o tempo do ponto de vista biográfico e demarcam o caminho que determinado sujeito percorreu ao longo de sua vida. Assim, o autor oferece como exemplos de romances biográficos as obras de Platão, a *Apologia de Sócrates* e *Fédon*, nas quais se observa o cronotopo da saga de indivíduos na busca pela verdadeira sabedoria.

Nesse esquema cronotópico apresentado por Platão há também a presença de crises e transformações, aqui envolvidas numa estrutura mítica (oráculo, ascensão da alma) que demarca a metamorfose biográfica expressa pelo tempo ideal e abstrato, porém num espaço essencialmente concreto, a praça (ágora), local em que os sujeitos manifestavam publicamente seu caráter pessoal ou político.

No entanto, essa manifestação pública do caráter particular do indivíduo correspondia diretamente ao caráter de uma coletividade, representada aí pela família romana, signatária da consciência coletiva ancestral, desse modo, o romance clássico autobiográfico, de acordo com Bakhtin, traduzia no tempo e no espaço uma disposição de registro público de uma história e uma consciência nacional:

> A família romana (patrícia) não é uma família burguesa, símbolo de tudo o que é privado e íntimo. Precisamente enquanto família, ela se une diretamente ao Estado. Cargos importantes do domínio estatal eram confiados ao chefe da família. Os cultos religiosos da família (ancentrais) cujos papeis eram enormes, funcionavam como prolongamenteo direto dos cultos nacionais. Os ancestrais eram representantes do ideal nacional. A consciência é orientada para uma lembrança concreta da linhagem e da descendência, e ao mesmo tempo é orientada para a hereditariedade. As tradições familiares-patriarcais devem ser transmitidas de pai para filho. A família possui seu arquivo onde são conservados os documentos manuscritos de todos os descendentes da linhagem. A autobiografia é escrita com o objetivo de transmitir as tradicões familiares-patriarcais de descendente a descendente e é colocada em arquivos. Isso faz da consciência autobiográfica um fato público-histórico e nacional. (BAKHTIN: 1998, p. 256)

A partir da análise de Bakhtin acerca desses três tipos de unidade no

romance, é possível afirmar que o modelo da *Trilogia do Cairo,* de Nagib Mahfuz apresenta em sua constituição dois dos três tipos de unidade descritos pelo teórico russo. A trajetória de Kamal, por exemplo, permeada por crises e transformações que resultaram em rupturas não tão significativas, pode ser associada ao tipo de romance de aventuras e de costumes, em que a construção identitária da personagem é condicionada pelos acontecimentos históricos apreendidos por ela num espaço e num tempo definidos. Já o terceiro tipo de unidade, o romance biográfico, abrange a própria saga da família de Gawaad que se configura como uma alegoria da própria trajetória histórica do Egito.

Desse modo, para a análise crontópica da *Trilogia do Cairo* faz-se necessária a distinção das unidades cronotópicas a serem discutidas separadamente, no intuito de se identificar os motivos cronotópicos que permeiam as biografias de Kamal, da família, do Egito e, por extensão, os motivos cronotópicos que constroem na obra literária o nacionalismo egípcio. Assim, o cronotopo da casa, da rua, do café e da transição serão analisados nos trechos dos três volumes da *Trilogia*, de modo a identificar em sua formulação os motivos cronotópicos constituintes do nacionalismo egípcio.

4.1 Cronotopo da Casa

No cronotopo da casa, é possível considerar o conceito analítico de *topoanálise*, proposto por Bachelard (1998, p. 28) que consiste no "estudo psicológico sistemático dos recantos da nossa vida íntima", desse modo na *Trilogia*, se constata que a configuração sistemática da casa em muito se relaciona à forma como as personagens são constituídas, ao mesmo tempo em que se constituem através do espaço doméstico, que é revelador das relações de poder, historicidade, identidade como também da própria estética do romance. Assim, são inerentes a este espaço os motivos da permanência e da decadência, que correspondem, respectivamente, à clausura das personagens femininas e à evolução do patriarcado.

> Na paz da manhã nascente em que a aurora ainda retém seu rastro nos primeiros raios de luz, subiram do pátio e da casa do forno as pancadas surdas da masseira, tão ritmadas quanto as batidas de um tambor. Amina estava de pé havia meia hora. Já tinha feito suas abluções, a prece e descido ao forno para acordar Oum Hanafi, mulher de 40 anos, admitida muito jovem no serviço dessa casa que ela só deixara uma vez, pelo tempo que durou um casamento seguido do repúdio que a trouxera de volta. Enquanto ela se levantava para fazer o pão, Amina se ocupava do preparo do café-da-manhã. O pátio da casa compreendia um grande espaço, em cujo o fundo, à direita, estava cavado um poço, fechado com uma tampa de madeira desde que o chão vira os primeiros passos das crianças e, em seguida, equipados com tubos para pegar água. À esquerda, dois grandes cômodos confinavam, com a entrada da sala do harém, um reservado ao forno e, funcionando como copa, o outro servindo como despensa. Embora um pouco isolado, o cômodo no forno calava fundo no coração de Amina. Quanto tempo tinha passado nesses lugares? No fim das contas, provavelmente uma vida inteira; entre essas paredes que se enfeitavam com cores de festa à chegada dos *Mussems*[20], quando os corações se abriam às alegrias da vida e as bocas se estendiam, seduzidas pelo leque de pratos saborosos que eram oferecidos então, de estação em estação, como o suco das uvas do ramadã e seus *qatayef*[21], as rosquilhas e os pãezinhos da festa do fim do jejum ou o carneiro da festa do Sacrifício, engordado e mimado antes de ter a garganta cortada sob a vista das crianças, que nunca lhe recusavam uma lágrima de adeus sobre um fundo de alegria. (DP, 25-26)

A descrição da casa se relaciona diretamente à forma como as personagens femininas descritas nesse trecho, Amina e Oum Hanafi, se movimentam no tempo e no espaço, movimentação que expressa uma condição de vida de confinamento e resignação aos papéis sociais que desempenham. Assim, ainda que as mesmas participem dos momentos de celebração nacional, como a festa típica descrita no trecho, as personagens a desfrutam encerradas no espaço privado, no qual são responsáveis pela organização da casa e pela concretização dos eventos culturais. Além da mãe e da empregada Oum Hanafi, as filhas Khadiga e Aisha também têm sua rotina condicionada aos afazeres domésticos e ao atendimento primordial das

20 Festas celebradas por ocasião da peregrinação a Meca.

21 Doce em forma de rolo recheado com uma pasta de nozes, amêndoas e mel. Originalmente, pasta fibrosa com o aspecto de aletria, obtida por aspersão sobre uma placa quente.

necessidades dos homens da casa:

> Amina deu a última mão na preparação do café-da-manhã, deixando às duas filhas o cuidado de arrumar a bandeja. Depois subiu para o quarto dos rapazes, onde encontrou Kamal ainda adormecido. Aproximou-se com um sorriso e colocou a palma de sua mão na testa dele recitando a Fâtiha. Depois chamou-o, sacudindo-o delicadamente até que abrisse os olhos, e não o deixou enquanto não o viu de pé. Fahmi entrou nesse ínterim, sorriu para mãe ao vê-la e cumprimentou-a. Ao seu bom-dia ela respondeu, com os olhos radiantes de amor:
> - Manhã de luz, ó luz dos meus olhos!
> Depois, com a mesma doçura, deu bom dia a Yasine, 'o filho de seu marido', que lhe respondeu com toda a afeição que merecia uma mulher que ocupava no seu coração o lugar de uma mãe digna desse nome. (DP, 31-32)

Com relação à condição das mulheres, o pensador do nacionalismo egípcio, Quasim Amin (apud HOURANI, 2005), considerava que a base da sociedade egípica era a família, e sendo a família uma instituição na qual as relações de poder entre homens, mulheres e filhos são absolutamente desiguais tal condição impossibilitava o exercício da liberdade a todos os seus membros, resultando numa sociedade segregada que estava em desacordo tanto com a modernidade quanto com a tradição estabelecida pela *charia*. A teórica Miriam Cooke (1993) também destaca a importância de o autor da *Trilogia* descrever minuciosamente a desigualdade entre os gêneros e a condição de resignação da mulher, como forma de revelar uma realidade social que em muito dificultava a transição do Egito para uma sociedade fundada no socialismo e na liberdade:

> Nada nesse pano de fundo prendia o olhar, exceto os minaretes dos colégios de Qalawun e de Barquq[22], altivos como silhuetas de gigantes montando guarda sob a abóboda estrelada; um quadro que cativara seus olhos durante 25 anos, sem nunca cansá-la - ainda que tivesse ignorado o cansaço ao longo da sua vida monótona. Pelo contrário, descobria nesse espetáculo um companheiro de solidão e um amigo de que se julgara privada durante um extenso período de sua vida. Foi antes do nascimento dos filhos, na época em que este casarão

22 Os colégios dos sultões Muhammad Ibn Qalawun e Barquq datam da época dos mamelucos, construídos respectivamente no fim do século XII e no fim do século XIV.

> com seu pátio poeirento, seu poço profundo, seus andares e cômodos imensos, de pé direito desmedido, só a ela abrigava a maior parte do dia e da noite.
> Na época do casamento, ela era uma mocinha que mal completara 14 anos. Mas depois da morte dos sogros, logo se viu sozinha a frente dessa enorme construção, ajudada em suas tarefas unicamente por uma mulher idosa que a deixava ao cair da noite para ir dormir no recanto do forno de assar pão, na outra extremidade do pátio, abandonando-a ao mundo das trevas povoado de espíritos e de espectros e ela adormecia, ora procurava o sono, até que o seu venerável marido voltasse de suas intermináveis saídas.
> Para se tranquilizar, ela adquirira o hábito de dar uma volta completa pelos cômodos na companhia de sua criada, brandindo a lamparina diante de si, inspecionando os cantos e recantos com um olhar penetrante e temeroso. Depois, fechava cuidadosamente as portas, uma atrás da outra, começando pelo andar térreo e subindo, enquanto recitava que sabia do Corão para repelir os demônios. Em seguida, retirava-se para o quarto, fechava a porta e se deitava, continuando a recitação até cair finalmente no sono. (DP, 9-10)

O motivo da permanência, manifesto no romance pela resignação resultante da clausura da personagem Amina, é a expressão mais contundente do patriarcado que, de acordo com Sharabi (1998), consiste numa relação que extrapola os limites do ambiente doméstico para além do qual são manifestas as relações de poder que abrangem religião, classe e política, produzindo, desse modo, um efeito significativo na constituição material da sociedade e na subjetividade das personagens.

Assim, tanto Amina quanto Gawwad têm suas subjetividades constituídas a partir dos papéis ocupados por ambos na estrutura do patriarcado, a ela cabe a aceitação de sua condição enquanto a ele, refugiado na certeza de sua fé, cabia a plena satisfação pela sua posição de chefe de família, comerciante e devoto:

> Com efeito, ela ouvia dizer uma vez que um homem como Abd el-Gawwad, com sua fortuna, força e beleza, a julgar pelas noites contínuas fora de casa, não devia sentir falta de mulheres na vida. Naquele momento, o ciúme tinha a envenenado e a deixara imersa numa profunda tristeza e, como lhe faltava a coragem de dizer uma palavra diretamente ao marido, foi levar sua dor à mãe, que a consolou com as

> palavras mais doces que pôde encontrar: 'Ele se casou com você depois de ter repudiado a primeira mulher, poderia tê-la de volta se a quisesse, ou casar-se com duas, três, quatro mulheres, além de você. O pai dele passou a vida se casando. Então, agradeça ao céu que ele a tenha como única esposa.' Mesmo que as palavras de sua mão tivessem surtido efeito naquele momento, no auge da tristeza, com o tempo, ela pode ao menos reconhecer sua sabedoria e sua propriedade. E ainda que esses mexericos fossem verdadeiros, talvez indicassem um desses traços essenciais do caráter masculino, da mesma forma que as escapadas noturnas e o despotismo. Como quer que fosse, um mal isolado era melhor do que numerosos males, e custava-lhe deixar uma suspeita minar sua vida feliz e satisfeita. E, além disso, esses mexericos talvez não tivessem, afinal, nenhuma consistência, nenhum fundamento. Ela se dava conta de que sua posição em relação ao ciúme não ia além de uma aceitação estrita, como um julgamento executório que para ela não tinha apelação. Eis porque não tinha encontrado outro meio de se defender a não ser confinado na paciência e apelando para o seu poder de resistência pessoal. Era o único refúgio onde podia superar suas repugnâncias. Desde então o ciúmes e o seu objeto, assim como os outros traços do caráter de seu marido e a promiscuidade dos demônios, entraram no domínio do suportável. (DP, 14-15)

> Deixara-se levar pela onda ininterrupta de sua vida, mergulhando nela por inteiro, e nunca observara de si mesmo senão seu próprio reflexo na superfície dela. Em consequência, seu impulso vital nunca afrouxara apesar da incidência da idade, e chegava aos 45 anos dotado de uma vitalidade exuberante e juvenil, cujos assaltos só acometem o jovenzinho florescente. Por isso sua vida abarcava um conjunto de contradições que oscilavam entre a devoção e o vício. Todas, no entanto, obtinham o seu assentimento a despeito de sua natural incompatibilidade, sem que ele a apoiasse na escora de uma filosofia subjetivista ou de qualquer compromisso, entre outras faces da hipocrisia ostentada pelo comum dos mortais. Ao contrário, ele agia segundo a sua própria natureza, de um impulso espontâneo, a consciência limpa, com candura em cada uma de suas ações. Nunca a tormenta da incerteza viera a resolver-lhe o peito. Era simplesmente um homem feliz! Sua fé era profunda seguramente. Uma fé inata onde não havia esforço. (DP, 66-67)

Esses perfis psicológicos de Amina e Gawwad indicam a progressão e, ao mesmo tempo, a falta de desenvolvimento dos caracteres essenciais das personagens, daí, de acordo com Lukáks (2000), o romance vir a narrar uma

"aventura da interioridade". Assim, na *Trilogia,* esse "interior" que é expresso pela descrição do caráter psíquico dos membros da família corresponde, na elaboração do autor, à subjetividade e aos valores que também são compartilhados pela sociedade egípcia de maneira geral.

O motivo da permanência, para além da constituição subjetiva das personagens femininas, estabelece também a demarcação entre os espaços público e privado, este, sob a condição da clausura, relegado exclusivamente às mulheres da família, enquanto público, a despeito da tirania de Gawwad exercida sobre os homens no ambiente privado, lhes é facultado:

> Os três sentaram segundo a regra da educação e da obediência, abaixando a cabeça como se assistissem a uma prece comum, pondo em pé de igualdade o escriturário da escola de el-Nahhasin, o estudante de direito e o aluno de Khalil Agha, cada um evitando a temeridade de olhar o pai de frente. Eles chegavam até mesmo a ponto de evitar cruzar seus olhares na presença dele, no caso de, por uma razão ou outra, um deles ser apanhado à revelia com um sorriso que o submeteria, seguramente, a uma terrível e implacável advertência. O círculo do café-da-manhã era o único a reunir os filhos na presença do pai, pois eles voltavam para casa no fim da tarde, quando ele já tinha almoçado e fazia a sesta antes de sair de novo a caminho da loja. E ele só retorna depois da meia-noite. Mas essa pausa matinal, ainda que de curta duração, tinha para eles o efeito de um calvário por causa da disciplina militar que eram obrigados a observar, sem falar do terror que se abatia sobre eles, que lhes punha os nervos a flor da pele e os predispunha a uma série de embaraços que só a obsessão em querer evitá-los tornava inevitáveis. Com isso, o café da manhã ocorria em um ambiente propício a estragar o prazer que pudesse ter. (DP, 33)

> A mãe e as duas filhas apressaram-se a ir ao muxarabiê e se colocaram atrás da clarabóia que dava para al-Nahhasin para ver, através dos orifícios da madeira, os homens da família no caminho. O pai apareceu primeiro andando a passos lentos, com o ar digno, aureolado de nobreza e de beleza, levantando aqui e ali a mão em um sinal de saudação. Amm Hassanein, o barbeiro, levantou-se à passagem dele, seguido por Hajj Darwish, o vendedor de *ful*[23], por al-Fuli, o leiteiro, e por Bayumi, o vendedor de sopa. A mãe e as duas o seguiam, com os olhos cheios de admiração e orgulho. Fahmi ia atrás, seguindo os passos precipitados do pai, depois vinha Yasine,

23 Ou, mais precisamente, *ful mdemmes*, favas cozidas em óleo, prato nacional egípcio.

> com a estatura de um touro e a elegância de um pavão. Finalmente chegou Kamal, que, sem ter dado dois passos, virou-se e levantou a cabeça para a janela gradeada do muxarabiê onde ele sabia que a mãe e as duas irmãs se escondiam. Sorriu e continuou seu caminho apertando a sacola debaixo do braço, desenterrando do chão detritos para atirá-los longe como um pontapé. Era esse um dos instantes mais felizes de Amina, embora o seu medo de ver a malevolência abater-se sobre os seus homens ultrapassasse medidas. 'Deus nos guarde da infelicidade, do invejoso que nos inveja', ela não parava de recitar até que eles saíssem do alcance da sua vista. (DP, 39)

Entretanto, à medida que a narrativa avança, a própria evolução do patriarcado, sob o formato de alegoria da sociedade egípicia, se vê alterada. Tal alteração é reflexo da nova configuração política que a nação egípcia passa a apresentar, assim, a partir das instabilidades sociais e das diversas tentativas de acerto político, a decadência do patriarcado, substituído pela emergência de uma incipiente classe burguesa, se manifesta na nova configuração que a casa passa a apresentar ao longo do romance, em que Gawwad passa da posição superior do casarão ao térreo:

> Nada mais natural, nessas condições, que Oum Hanafi aproveitasse, ela também, sem que a sua corpulência perturbasse, todavia, seu ardor pelo trabalho. Tão logo era despertada pela patroa, pulava do leito pensando no trabalho, voando para a masseira de barro e maltratando a massa cujos lamentos serviam de despertador para a casa inteira.
> Esses chegavam às crianças no primeiro andar, para elevar-se até o pai, lá em cima, avisando à gente da casa que era hora de levantar. E o senhor Ahmed Abd el-Gaweard virou-se e revirou-se na cama, abriu os olhos e por um momento fez cara feia para o barulho que perturbara seu sono. (DP, 27)
>
> É preciso que se diga que alcançar o banheiro do primeiro andar não era mais tarefa difícil desde que, em virtude da nova ordem que reinava na casa – e isso havia cinco anos -, decidira-se mudar os quartos para o andar de cima, exceto a sala de recepção e o salão contíguo, que constituindo sua antecâmara, tinha sido mobiliado com sobriedade. E embora Yasine e Kamal tivessem recebido muito mal a ideia de partilhar um mesmo andar com o pai, não tinham podido fazer outra coisa a não ser conformar-se com a decisão e isolar o primeiro andar, no qual ninguém mais pôs os pés, a não ser

> quando havia um convidado.
> (PD, 23)
>
> O andar tinha, assim, adquirido uma nova configuração, a sala do café passara ao cômodo debaixo, e com ela todo o segundo andar fora trazido, para a comodidade do pai, cujo coração não permitia que ele subisse a grande escadaria.(JP, 7)

Portanto, constata-se na análise da passagem do tempo na*Trilogia* que o espaço da casa se configura como um dos mais importantes elementos alegóricos da decadência da sociedade egípcia, representada pela saga da família de Gawwad. A família, ainda que tenha continuidade a partir de sua nova geração, tem no seu patriarca a figura central da narrativa que remete à evolução política do Egito, desse modo, o motivo da decadência, muito mais que um pessimismo realista que permeia toda a obra, é reflexo também do posicionamento filosófico do escritor, que enquanto adepto do Socialismo Fabiano, expressa através desse motivo (como também do da permanência) o determinismo histórico, que justifica a falta de ação humana nos processos irrevogáveis de mudança social: "O método Fabiano reconstrói a sociedade pela educação e pelo argumento, não pelo confronto direto" (EGGER, 1986:25)

4.2 Cronotopo da Rua

Na *Trilogia*, a rua é o espaço que materializa os carcteres nacionais do Egito bem como é o local através do qual as personagens se inscrevem de acordo com seu papel desempenhado no sistema de relações de poder. Assim, estão presentes no cronotopo da rua os motivos da permanência, do encontro e da separação.

A permanência nesse cronopoto também é representada pela clausura da personagem Amina, em que através de seus olhos, "presos" nas grades do muxarabiê, são oferecidas as imagens de um bairro típico do Cairo assim como as percepções subjetivas de sua condição:

O muxarabiê dava para a fonte de Bayan al-Qasrayn[24] e dominava a interseção da rua do mesmo nome, que subia para o norte, com a rua al-Nahhasin[25] na direção sul. À esquerda, a rua parecia estreita, sinuosa, escondida pela sombra densa dos andares superiores onde se alinhavam as janelas das residências e pela sombra mais difusa dos pavimentos térreos, por causa da luz das lanternas dos carros de mão, dos letreiros dos cafés ou de um punhado de lojas que abriram à noite e iam até a aurora. À direita, ela mergulhava numa zona escura desprovida de cafés e cheia de grandes lojas que fecham cedo. Nada nesse pano de fundo prendia o olhar, exceto os minaretes dos colégios de Qalawun e de Barquq[26], altivos como silhuetas de gigantes montando guarda sob a abóboda estrelada; um quadro que cativara seus olhos durante 25 anos, sem nunca cansá-la - ainda que tivesse ignorado o cansaço ao longo da sua vida monótona. Pelo contrário, descobria nesse espetáculo um companheiro de solidão e um amigo de que se julgara privada durante um extenso período de sua vida. Foi antes do nascimento dos filhos, na época em que este casarão com seu pátio poeirento, seu poço profundo, seus andares e cômodos imensos, de pé direito desmedido, só a ela abrigava a maior parte do dia e da noite. (DP, 9-10)

A voz do garçom do café lá na rua chegou até o quarto silencioso enchendo-o de um eco sonoro. Amina sorriu, olhando discretamente o seu senhor... O que lhe era mais caro no mundo do que esta rua que ficava em vigia noites inteiras falando à sua alma? Ela era a amiga que ignorava esse coração batendo por trás de uma janela por onde entrava luz. Suas paisagens lhe enchiam o espírito, os transeuntes noturnos eram uma presença viva, como esse garçom de língua incansável, esse homem de voz rouca que rotineiramente comentava os acontecimentos do dia; ou um outro, que falava agitado, ou ainda o pai de Haniyya, a menina que sofria de coqueluche, o qual, quando lhe perguntavam por notícias da filha, respondia, invariavelmente, noite após noite: "Em Deus está a cura!" Ah, era como se o muxarabiê não fosse outra coisa senão um cantinho do café em que ela estivesse sentada à mesa... E as imagens da rua desfilavam por trás de seus olhos, enquanto repousava a cabeça no encosto do canapé. (PD, 10)

---

24 Literalmente: "Entre dois palácios". O nome do bairro do velho Cairo que dá título ao romance original é um vestígio da época fatímida (século X), cujos califas tinham mandado construir nesse bairro dois palácios (qsar) hoje desaparecidos. A palavra árabe bayn significa "entre", pois se trata aqui do espaço situado entre os dois palácios e que ainda existe atualmente.

25 Literalmente, "rua dos Caldeireiros".

26 Os colégios dos sultões Muhammad Ibn Qalawun e Barquq datam da época dos mamelucos, construídos repectivamente no fim do século XIII e no fim do século XIV.

Desse modo, o espaço (e seu percurso através do tempo) expressa os perfis subjetivos das personagens, demonstrando como elas se constituem e são ao mesmo tempo constituídas pelos elementos que as rondam. No caso das personagens femininas, tal constituição é passível de sua sujeição a uma relação de poder estabelecida, na qual se encontram completamente destituídas de agência, porém, com relação às personagens masculinas (evidentemente, elas também se encontram inscritas na ordem do patriarcado) seu posicionamento diante dessa ordem se configura numa total liberdade de ação que é reveladora de suas intenções mais recônditas de interação com o mundo exterior:

> Quando saiu de casa, Yasine sabia naturalmente aonde ia, porque era para lá que seguia noite após noite, mas invariavelmente, como toda vez que andava na rua, dava a impressão de não ir a parte alguma. Era naturalmente predisposto a se locomover a passos lentos, medidos, entrincheirados num orgulho altivo, como se não perdesse de vista por um só instante que era o proprietário do corpo imponente, do rosto repleto de vivacidade, e de virilidade, das roupas distintas e também do enxota-moscas de marfim que ele sempre levava na mão ao sair, tanto no verão quanto no inverno, e do fez alto, inclinado para a direita até tocar a sombrancelha. Entre os seus hábitos ao caminhar, estava o de levantar os olhos - mas não a cabeça - à espreita do que acontecia atrás das janelas, em busca de fantasias… De modo que ele nunca chegava ao fim de uma rua sem ficar tonto, de tanto remexer os olhos para as mulheres que se encontravam em seu caminho, uma doença incurável. Pela frente, ele as despia com o olhar; por trás, escoltava-lhes o traseiro com os olhos. Ficava excitado, como um touro espumando, até perder a consciência de si mesmo e não fazer mais nada para mascarar suas intenções, o que acabou por suscitar a desconfiança de Amm Hassanein, o barbeiro; de Hajj Darwish, o vendedor de ful; de al-Fuli, o leiteiro; ou de Bayumi, o vendedor de sopa, assim como de Abu Sari, o torrador de sementes de abóbora[27], e de muitos outros ainda. Entre eles, alguns o levavam na brincadeira, outros viam-no com um olhar crítico, ainda que os vizinhos e a posição Ahmed el-Gawwad pesassem a seu favor no absolvição e na indulgência. (DP, 105)
>
> O tempo de sua entrada nas funções do governo fora um

27 Elementos identitários, ofícios recorrentes nas ruas do Cairo.

> período rico em lembranças que ele viveu depois de uma longa ascese forçada, padecida em clima de desconfiança, sob a sombra terrível do pai. Depois ele jorrara como uma cascata na colina dos lugares de prazer de Ezbekiyyê, apesar das diabruras dos soldados que a guerra lançara no Cairo[28]. Então foram os australianos que apareceram na Grande Praça, e ele se vira obrigado a manter-se afastado dos botequins para evitar-lhes a provocação. Sem outro jeito, logo se pôs a circular pelas ruelas de seu bairro como um alienado, procurando, como se fosse a maior das delícias, uma vendedora de laranjas ou uma das ciganas leitoras da sorte. Até o dia em que viu Zannuba e a seguiu deslumbrado até a casa dela, e se pôs com assiduidade em seu caminho, sem realmente obter dela nada que pudesse acalmar-lhe a chama. Era uma mulher, e para ele toda mulher era objeto de desejo. Além disso, era bela e lhe fez perder a cabeça. Nele o amor era só um apetite cego ou um apetite clarividente, a forma mais elevada que dele se conhece.(DP, 107-108)

Yasine é o espelho de seu pai Gawwad, sua altivez, liberdade de circulação e trato com as mulheres demonstram a transmissão hereditária dos caracteres da instituição patriarcal. Desse modo, nesses trechos, a descrição do caráter de Yasine expressa a naturalização do perfil masculino, resultante da assimilação, pelo indivíduo, dos elementos de construção social que são produtos do patriarcado. Em comparação à marginalidade de Amina, constata-se que "o filho do marido" desfruta de um amplo espaço de circulação, no qual ele conta com diversas possibilidades de exercício de sua misoginia.

Com relação aos elementos identitários mencionados no percurso de Yasine, observa-se ao longo da *Trilogia* uma constante repetição desses mesmos ofícios:

> Kamal estava ao lado da mãe, de pé, no muxarabiê. Ambos observavam o Sr. Ahmed que seguia seu caminho, devolvendo sucessivamente – com uma seriedade complacente – os cumprimentos a Amn Hassanein, o barbeiro, Hajj Darwish, o vendedor ful, al-Fuli, o leiteiro, e Bayumi, o vendedor de sopa, sem esquecer Abu Sari, o assador de sementes. (PD, 38)

> Nenhuma mudança notável sobreveio na velha casa de Bayn

28 Durante a Primeira Guerra Mundial, por volta de 1917, os militares da Austrália e da Nova Zelândia ocuparam o Cairo, Alexandria e o Canal de Suez.

> al-Qasrayn, exceto que os vizinhos, entre os quais Hassanein, o barbeiro, Darwish, o vendedor de ful, al-Fuli, o leiteiro, Abu Sari, o assador de pevides e Bayoumi, o mercador de sopas, tinha ouvido por fontes diversas que a neta do Sr. Ahmed se casava hoje com seu primo em primeiro grau Abd el-Monem. (JP, 158-159)

> Como sua permanência na casa sempre se limitara, por assim dizer, às horas de sono, nunca lhe fora dado ver a rua a partir desse recanto. Mas, hoje, esse recolhimento no muxarabiê, através do qual ele espiava à direita e à esquerda, permanecia, depois do rádio, seu único passatempo.
> Que rua viva, recreativa, agradável! Além disso, ela possuía seu cunho particular que a distinguia da rua de Al-Nahhassine, que ele se acostumara a ver de sua ex-loja por quase meio século. Lá se sucediam as tendas de Hassanein, o barbeiro, de Darwish, o vendedor de *ful,* de al-Fuli, o leiteiro, de Bayoumi, o mercador de sopas, de Abu Sari, o assador de pevides, moldando a rua como os traços moldam um rosto, tão bem que se identificava uma em relação às outras e vice-versa...
> Que intimidade, que vizinhança! Que idade você acha que têm essas pessoas? Hassanein, o barbeiro, é um sólido folgazão! As marcas do tempo raramente afetam essas naturezas. Ele não mudou quase nada, exceto os cabelos. Em todo caso, ele certamente já passou dos 50! Deus é muito bom com essas pessoas para lhes conservar a saúde. E Dawish? Careca. Ele sempre foi careca. Mas tem 60 anos. Que robustez! Eu era assim, na idade. Mas já tenho 67.... (JP, 220)

A reiteração desses elementos típicos da identidade egípcia relaciona-se à abordagem essencialista culturalista presente nas teorias sobre o nacionalismo; assim, a ênfase nesses elementos culturais reflete uma relativa cosão social, manifesta na estabilidade de seus símbolos culturais (GEERTZ, 1997), existintindo em tempos distintos, porém ocupando o mesmo lugar no espaço, representação bem acabada na obra do cronotopo da permanência.

A rua é também, por excelência, o espaço do motivo do encontro e da separação. No motivo da separação, a aversão ao espaço da memória se manifesta na biografia de Yasine através de sua resistência em voltar à casa da mãe Hanyyia. Essa permanente separação da figura materna, ocorrida ainda em sua infância, é suspensa abruptamente pela visita que Yasine é obrigado a fazer na tentativa de convencer sua mãe a não contrair núpcias pela quarta

vez. A vergonha da condição de Hanyya e a situação desconcertante da visita expressam o martírio de Yasine, que revive naquele espaço do antigo bairro a experiência repulsiva do passado e do presente da mãe:

> Quando ele chegou a à rua al-Gamaliyya, seu peito comprimiu-se a ponto de sentir-se sufocado. Onze anos de ausência… onze anos passados sem que nunca o seu coração o trouxesse ali ou passasse por ele uma de suas lembranças, a não ser uma nuvem escura e opressora, tecida na trama do pesadelo. Na verdade, ele não tinha abandonado a rua, mas quando a oportunidade aparecia, ele a evitava, sem nada dizer. Desde então, voltava-lhe as costas, furioso, desesperado, evitando-a com todas as suas forças e chegando até a não aceitá-la como lugar a que tivesse que ir ou como passagem para outra rua. No entanto, era o mesmo bairro que ele conhecera em sua infância e adolescência. Nada nele tinha mudado. Era a mesma rua estreita, um carrinho de mão quase podia bloqueá-la toda se ficasse atravessado entre as calçadas. As casas? Os muxurabiês quase se encostavam, e as minúsculas quitandas, coladas umas às outras, no meio da multidão inquieta e do seu burburinho, pareciam colméias. O chão poeirento com os sulcos cheios de lama, as crianças que pisavam a meios-fios imprimiam na terra as marcas dos seus pés descalços, os passantes cujo fluxo nunca parava, e a loja de Amm Hassan, o assador de sementes, e o restaurante de Amm Sulaiman, tudo conservava a imagem de outrora. Um sorriso de nostalgia quase lhe aflorou nos lábios, um sorriso que teria ornamentado sua infância, não fossem a amargura do passado e a dor do presente. O beco de Qasr el-Shawq apareceu. Seu coração pôs-se a bater com grandes pancadas que quase lhe ensurdeceram os ouvidos. Depois, no centro da esquina, à direita, viu os cestos de laranjas e de maçãs alinhados na calçada diante da loja de frutas. Mordeu os lábios e abaixou a cabeça de vergonha. O passado, disse ele com seus botões, está manchado de vergonha: com a cabeça enfiada na vergonha, na lama, gemendo sem cessar sua queixa de vergonha e de dor. A loja sozinha estava num e noutro prato da balança! E é ela que faz pender a balança, porque ela é o símbolo vivo dessa balança, além do tempo. No proprietário, nos cestos, nas frutas, no ponto, nas lembranças, ela é a vergonha que se pavoneia e a dor que anuncia a derrota com trinados de alegria. E se o passado é feito de acontecimentos e lembranças, ameaçados por natureza de esfacelamento ou de esquecimento, essa loja se ergue como testemunho vivo para soldar os pedaços e avivar a ausência. À medida que ele dava um passo para aproximar-se da alameda, dava dez para distanciar-se do presente, disparando no tempo, sem o querer. Era como se visse na loja "um rapazinho" levantando a cabeça para o proprietário para dizer: "Mamãe pede para o senhor ir lá

> esta noite", e depois visse este último voltar com um cesto cheio de frutas com o rosto alegre. Via-o no caminho, lançando para o homem o olhar da mãe, enquanto ela o afastava de lá, puxando-o pelo braço, com medo de que os olhos se voltassem para eles, ou ainda explodindo em soluços diante do espetáculo desse arrebatamento estúpido que ele reconstruía oda vez que, à luz de sua jovem experiência, ele lhe vinha ao espírito para se constituir na própria imagem do horror. Essas imagens ardentes começaram a perturbá-lo, ainda que ele se esforçasse para evitá-las. (DP, 163-164)

Os perfis femininos de Hannya e Amina expressam dois modelos inconciliáveis de posição da mulher na sociedade egípcia, em que a recusa à normas do patriarcado é punida com o banimento da vida familiar e a condenação à eterna instabilidade conjugal, pena atribuída à Hannya. Já a maternal Amina, àquela que se submete ao poder da instituição do casamento, é "premiada", através de seu confinamento, com a segurança de permanecer sob a tutela de um homem ao lado de seus entes queridos. Constata-se nessa representação dos perfis femininos uma alegoria da impossibilidade de conciliação dos meios modernos com a tradição, expressão do impasse no qual se encontra na obra a situação política do Egito.

A política da nação, no que se refere ao espaço da rua, é expressa pelos anseios de uma coletividade que concretiza através da manifestação pública o motivo do encontro. Assim, na *Trilogia*, os únicos encontros bem-sucedidos são aqueles resultantes do impeto e do afeto das multidões, representação máxima do nacionalismo:

> A rua al-Nahhasin não era uma rua calma. Era tudo, menos isso! Seu barulho ensurdecedor que nascia com a aurora só parava um pouco antes do barulho do dia seguinte. A arenga dos camelos, o regateio dos fregueses, as invocações dos visionários de passagem, a brincadeira dos pândegos se fundiam num concerto de vozes agudas. Falava-se lá como num sermão. As perguntas mais íntimas penetravam nos seus menores recôncavos, elevavam-se até os minaretes, sem contar a algazarra invasora, proveniente ora dos rangidos dos suares, ora do martelar das carroças. Não era de forma alguma uma rua tranquila. No entanto, um clamor súbito subiu aos ares. Primeiramente de longe, com o rugir das ondas; depois começou a engrossar, a ampliar-se até parecer-se com

> uma queixa sibilante do vento, quando então já envolvia todo o bairro, próximo e longínquo. Parecia estranho, insólito, até nessa rua barulhenta. O Sr. Ahmed achou que fosse uma manifestação desencadeada, como era de se esperar de um homem que vivia essa época. Nosso homem adiantou-se, intrigado, até a soleira da porta e, mal a atingiu, esbarrou no xeque do bairro, que sorria impelido por seu entusiasmo, gritando, com a alegria estampada no rosto:
> - Está sabendo da novidade?
> - Não! – respondeu Ahmed abd el-Gawwad, com os olhos irradiando otimismo, antes mesmo de ter ouvido qualquer notícia. – O que é que você nos está escondendo de bom?
> - Saad paxá foi libertado! – exclamou o homem com entusiasmo.
> - Não! – não pôde deixar de exclamar nosso homem com um grito. (DP, 680-681)

> Será um grande dia. O Egito inteiro sairá para recebê-lo. O dia de hoje não será nada mais que uma gota no oceano. Oh, Senhor! Aí está, a praça está cheia. As ruas Abbas, Nubar Paxá, al-Fajala, que levam até ela, também. Nunca se viu uma manifestação como esta. Cem mil pessoas … e muito fez ... e turbantes … estudantes … operários … funcionários; xeques padres, juízes … Quem poderia imaginar? Eles nem ligam para o sol! É assim o Egito. (DP, 700)

Essa manifestação ocorrida ao final do volume I da *Trilogia,* em comemoração à libertação de Zaghlul, demostra a união e o entusiasmo de pessoas que ocupam posições sociais diversas, que ao se encontrarem na rua expressam sua ligação à causa nacional motivadas pelo afeto e pela paixão decorrentes do iminente alcance de um ideal comum de nação (DURKHEIM, 1958).

Desse modo, somadas as potencialidades da multidão absolutamente diversa aí reunida na praça, contata-se uma homogeneidade resultante da causa comum do nacionalismo, que transforma por ora essa massa numa *comunidade étnica* (SMITH), que dirigiu seus anseios e paixões à concretização do sentimento de pertença a um lugar, comprovada pelo encontro na manifestação de rua.

4.3 Cronotopo do Café

No cronotopo do café, os motivos do encontro e do desencontro apresentam conotações mais subjetivas do que objetivas, uma vez que esse espaço se configura como um local de expressão dos mais diversos tipos de sentimentos, expressos sob o formato de debates, divagações, constatações e lamentos acerca de temas variados: política, história, amor, religião, família e até mesmo esporte. Desse modo, na ficção de Mahfuz, o café (*naqha*) desempenha um papel fundamental na poética espacial da construção identitária do Egito bem como na das personagens (EL-ENANY, 1993).

Assim, enquanto elemento primordial da identidade egípcia, o café transforma a capital Cairo numa efervescente cidade cuja vida ativa se realiza justamente nesses espaços. Assim, logo pela manhã, as cadeiras de metal já estão dispostas do lado de fora à espera de clientes, que durante todo o dia, podem ocupar o espaço interno ou o externo, nos quais são vistos fumando, tomando chá, jogando dado ou dominó como também lendo e conversando sobre política. (FAHMY, 2011)

> Ele seguiu para o lado do bairro dos Ourives e de lá para o de al-Ghuriya, para virar, finalmente, na direção do café de Si Ali, na esquina de al-Sanadiqiyya. Era uma venda de médio porte cuja entrada dava para al-Sanadiqiyya, e uma clarabóia fechada com barras que ficava na direção de al-Ghuriya. Era mobiliada com banquinhos ao longo das paredes, num dos quais ele se sentou, debaixo da clarabóia, seu lugar favorito havia uma semana. Pediu um chá. (DP, 107)

Desse modo, o café desempenha na *Trilogia* um importante papel, ao conferir às personagens formas de reconhecimento de si próprias e das outras oferecidas pela temporalidade que é inerente tanto ao motivo do encontro quanto à própria existência histórica do café:

> O café, construído debaixo da terra, parecia-se com o ventre de um animal de espécie extinta enterrado sob os escombros da história, exceto pela enorme cabeça erigida à superfície, cuja bocarra escancarada, servindo de entrada, parecia,

> através dos degraus da escadaria profunda, descobrir uma fileira de dentes aguçados. No interior, um grande salão quadrado, com piso de cerâmica de Al-Maasara[29], contendo ao centro uma fonte de água em cuja beirada se alinhavam vasos de cravos e que era cercada por uma moldura de banquetas cobertas de almofadas e de esteiras multicores. Quanto às paredes, elas eram, em intervalos regulares, encavadas de pequenos nichos vizinhos uns dos outros, semelhantes a grutas, sem portas nem janelas, tendo, por única mobília, uma mesa de madeira, quatro cadeiras, assim como uma pequena lamparina que queimava noite e dia numa cavidade preparada no alto da parede, em frente à entrada.
> Era como se o lugar adquirisse de sua situação insólita até algumas de suas qualidades: embalava-o uma calma que outros cafés raramente conheciam. A luz não cansava os olhos. O ar era úmido e fresco. Cada grupo de amigos se comprimia no fundo do seu nicho ou numa banqueta, fumando o narguilé, bebericando seu chá, abandonando-se a uma conversa interminável, como se mergulhando num zunzum monótono e surdo, cortado somente ao longe por uma tosse, um riso ou um borbulhar irritadiço de um cachimbo de água...
> Na opinião de Kamal, o café de Ahmed Abdu era um ancoradouro de meditação para o pensador, uma curiosidade para o sonhador. Quanto a Fuad, se não tinha ficado insensível nos primeiros tempos à sua originalidade, não via lá mais do que um local de reunião sinistro, invadido pela humidade e por um ar insalubre. Mas ele não tinha outro jeito senão aceitar o convite de Kamal quando este lhe pedia para acompanhá-lo até lá.(PD, 109-110)

Vê-se, portanto, que o café é o espaço que condensa o tempo que está em construção e, nesse processo, o percurso do nacionalismo corresponde à validação do tempo histórico, a partir do qual se tornam possíveis leituras acerca das perspectivas de futuro oriundas de um presente instável e inacabado, que, por isso, necessita do retorno ao passado para que o tempo cíclico seja completo. (BAKHTIN, 2003):

> Ele tem razão? Sem dúvida! No entanto, o coração tem seus apegos!... Oh, meu caro café, você é um pedaço da minha alma! Entre suas paredes sonhei tanto, pensei tanto. Entre suas paredes Yasine viveu durante anos, Fahmi reuniu-se com os revolucionários para pensar e agir, visando a um mundo melhor. Aliás, eu o amo porque você é feito de matéria do sonho. Mas tudo isso para quê? De que vale a nostalgia do

29 Nome de uma aldeia situado ao sul do Cairo. Grande centro de olaria.

> passado? Sem dúvida, continuará sempre o ópio dos sentimentais! E há pior calamidade que aliar um coração nostálgico a um espírito cético? Mas... é melhor responder qualquer coisa, quando não acreditamos em nada...
> … Você tem razão! Proponho que se destruam as pirâmides, se acharem que suas pedras sejam de alguma utilidade no futuro.
> - As pirâmides? Qual é a relação delas com o café Ahmed Abdu?
> - Falo dos vestígios em geral... Quero dizer que se poderia destruir tudo em benefício do presente e do futuro. (JP, 69)

Essa recorrência ao tempo cronológico, em que Kamal apela ao passado para tentar consertar o presente e o futuro, é apenas aparente, uma vez que as reminiscências desse passado ainda são a única possibilidade de reconhecimento de um ação concreta realizada em prol do futuro (a morte de Fahmy na manifestação). Assim, numa concepção mítica, o passado ainda não está suspenso, pois ele se revela no presente e no devir (ROSENFELD, 1969), fazendo com que essa ausência de linearidade seja manifesta nos sucessivos desencontros que ocorrem ao longo da narrativa.

Desse modo, a detruição do café de Ahmed Abdul encerra uma etapa no tempo, porém sendo este inconcluso (o rumo da situação política do Egito) ele sempre é reconstruído sob as bases do passado:

> Numa das saletas do café de Ahmed Abdu, a mesma em que, no tempo de sua tenra juventude, ele vinha instalar-se ao lado de Fuad al-Hamzawi, Kamal sentou-se na companhia de Ismail Latif. Apesar do frio, um calor suave reinava ali. Era natural que, estando a entrada hermeticamente fechada e com ela a única saída que levava ao térreo, o ar fosse morno, embora muito úmido. À parte seu desejo de satisfazer Kamal, ainda predispunha Ismail Latif a achar o café Ahmed Abdu um lugar agradável.[30](JP, 65)

> Fazia muito frio, e o úmido Khan el-Khalili não era o lugar ideal no inverno. No entanto, fora o próprio Riyad Quldus que, essa noite, tivera a ideia de ir ao café de mesmo nome, construído em um só andar, no lugar do velho café Ahmed Abdu, dizendo, para se justificar: "Foi Kamal quem acabou por me dar o gosto

30 Lembremo-nos de que o café Ahmed Andu fica localizado no subsolo.

das esquisitices". (JP, 307-308)

4.4 Cronotopo da Transição

Nas relações espaciais e temporais do cronotopo da transição constata-se a materialização do caráter histórico do romance, expresso sob os motivos da permanência, instabilidade e imutabilidade. Assim, a partir do desenvolvimento desses motivos na obra, que se referem à forma como as personagens se movimentam no tempo e no espaço, o nacionalismo egípcio se constrói obedecendo a uma ordem ora subjetivo-psicológica ora linear-cronológica. Desse modo, a *Trilogia* se configura como uma exemplar representação do romance moderno, por apresentar ao mesmo tempo uma narrativa da interioridade e um registro documental histórico:

> Antes de perguntar, por sua vez:
> - A que novidades recentes você se refere?
> Fahmi respondeu-lhe, sempre preocupado:
> - Uma notícia surpreendente se espalhou hoje entre os estudantes, e foi assunto da conversa do dia: uma delegação[31] egípcia composta por Saad Zaghlul paxá, Abdelaziz Fahmi bei e Ali Shaarawi foi ontem à Casa do protetorado ter com o vice-rei para exigir o fim do protetorado e a proclamação da independência...
> Yasine ergueu as sobrancelhas, preocupado, e um clarão de dúvida misturada com o estupor brilhou em seus olhos. O nome de Saad Zaghlul não tinha novidade para ele, embora não evocasse nada notável, exceto algumas lembranças obscuras associadas a acontecimentos há muito tempo mergulhados no esquecimento, e não deixara em seu coração - que praticamente nada tinha a ver com os problemas públicos - nenhum toque sentimental suscetível de revelar-lhe a existência, nem de longe. De qualquer maneira, a estranheza dos nomes não tinha nada de notável em comparação com o movimento iniciado por seus donos, se fosse verdade o que dizia Fahmi. Porque, como se podia conceber que se pedisse aos ingleses, no dia seguinte ao de sua vitória sobre os alemães e o califado, que dessem a independência ao Egito? (DP, 460)

31 Em árabe, *wafd*. Nome que designa o partido nacionalista egípcio, fundado por Saad Zaghlul, mas que teve origem nessa "delegação" da Assembleia Legislativa que foi procurar o alto comissariado inglês no dia 13 de novembro de 1918 para efetuar uma vigem a Londres.

Com relação ao motivo da permanência, manifesto na continuidade da família e na duração da resistência anti-colonial, no cronotopo da transição, ele se desenvolve por meio de uma longa descrição da saga familiar, permeada pelos acontecimentos históricos que influenciaram direta ou indiretamente a vida de cada um de seus membros. Assim, a despeito das mortes, (Fahmy, vol. 1; marido e filhos de Aisha e filho de Yasine, vol. 2; filha de Aisha, Gawwad e Amina, vol. 3) a nova união entre os membros da família (casamento de Ahmed, filho de Khadiga com Karima, filha de Yasine) garante a continuidade da linhagem de Gawwad.

> Na sala de jantar, tinha sido preparado um pequeno bufê para a família; e ainda um outro, no pátio, para os convidados barbudos de Abd el-Monem dos quais ele não se diferenciava em nada, desde que deixara crescer a barba. Khadiga até dissera, nessa ocasião.
> - A religião é uma coisa bonita, mas que necessidade ele tem dessa barba? Até parece Mohammed al-Agami, o mercador de sêmola.
> Os membros da família sentaram-se na sala de estar, à exceção de Abd el-Monem, que fazia companhia aos seus convidados, e de Ahmed, que ficou um momento com ele para recebê-los.
> (JP, 362)

> Passando diante da loja de al-Sharqawi, Yasine parou e disse:
> - Karima me encarregou de comprar alguns artigos para o futuro recém-nascido … Se me der licença …
> Entraram na loja e Yasine começou a escolher os artigos encomendados: um cueiro, um gorro e uma camisola. (JP, 429)

Apesar de todos os reveses, nesse aspecto essencialmente "natural" de permanência da instituição familiar (alegoria da continuidade da resistência do Egito na sua missão de se estabelecer como nação autônoma) está inscrita a ideia do perenealismo, teoria proposta pelo cientista político Walker Connor, que justifica a continuidade das nações como resultado das mobilizações sociais travadas ao longo da história (CONNOR, 1994). Desse modo, a própria

noção de resistência e continuidade diz respeito à concretude do nacionalismo, uma vez que ele que se manifesta nos valores e elementos culturais compartilhados entre a família e na própria dinâmica social responsável pela existência da nação egípcia.

> O grupo saiu da mesa e Ahmad Abd el-Gawwad voltou para o quarto. Quanto a Amina e Zainab, não demoraram a ocupar-se de suas tarefas cotidianas, e, como o dia estava ensolarado, um dos últimos desse mês de março em que se condensavam os tépidos eflúvios do hálito da primavera, os três irmãos subiram para o terraço e sentaram-se sob a cobertura de hera e de jasmim. Kamal acho no galinheiro um meio de distração, e que distração! Ele instalou-se lá e se pôs a jogar grão para as galinhas, a correr atrás delas, encantado com suas rixas cacarejantes, a pegar os ovos que lhe caíam à mão, enquanto os dois irmãos começavam a conversar sobre as notícias instigantes que se espalhavam sobre essa revolução que inflamava todo o vale do Nilo, do extremo norte ao extremo Sul.
> (DP, 532)

No que se refere às mortes que acometem os membros da família, elas ocorrem na narrativa segundo duas condições: uma é a própria condição natural (Gawwad e Amina) decorrente do envelhecimento das personagens; a outra é motivada pelos eventos que afetaram o Egito durante o tempo descrito pela obra: as manifestações políticas (Fahmy) e a febre tifóide (marido e filhos de Aisha). Ainda, há a ocorrência de mortes que não são necessariamente naturais, mas estão ligadas a fatores da natureza, como a morte do filho de Yasine logo após o nascimento e as mortes de Naima e de seu filho durante o parto. Assim, as mortes naturais são descritas de modo breve e objetivo, uma vez que são situações já previstas de acordo com a condução dos fatos:

> Ahmed Abd el-Gawwad deu um profundo suspiro e a cabeça caiu sobre o peito. Então Aisha gritou com a voz vinda de suas entranhas: "Você, papai! Você, Naima! Você Othman! Você, Mohammed!" Oum Hanafi correu até ela e a empurrou suavemente para fora. No mesmo instante, Amina levantou sua face pálida para Kamal, indicando-lhe a saída. Como ele não se mexeu, ela disse num murmúrio cheio de desespero:
> - Deixe-me cumprir meu último dever para com seu pai!

> Ele estremeceu e saiu. (JP, 288)

> Ele pediu-lhes alguns minutos, o tempo de dar uma olhada na mãe, e foi para o quarto onde a encontrou no mesmo estado de inconsciência em que a havia deixado. Khadiga estava sentada na cama a seus pés, com os olhos vermelhos por causa do choro, o rosto recoberto por essa angústia que não a deixara desde que o governo pusera a mão em seus filhos. Zannuba, Aisha e Oum Hanafi estavam sentadas, silenciosas, no canapé. Aisha fumava um cigarro com uma pressa angustiada, os olhos percorrendo o lugar num movimento febril.
> - Como ela está? - pergunou ele.
> - Ela não quer recuperar a consciência! - respondeu Aisha numa voz áspera, que refletia a angústia e a dor. (JP, 427-428)

Já as mortes decorrentes dos acontecimentos históricos da transição do Egito, apresentam um suporte narrativo mais elaborado; no caso da morte de Fahmy, por exemplo, dado o seu caráter épico, por revestir-se de uma simbologia extremamente relevante à representação do nacionalismo – sua transformação em mártir, aquele que morre pela pátria – a descrição é permeada pelo fluxo psicológico da personagem e pela pulsação das ruas, confluência de dois momentos de êxtase que definem a manifestação nacional que comemora a libertação de Saad Zaghlul:

> *Sua* manifestação se aproximava pouco a pouco do jardim do Ezbekiyyê, cujas árvores altas lançavam suas copas acima das bandeiras que enfeitavam a rua em toda sua extensão, enquanto aparecia ao longe a praça da Ópera, como um oceano de cabeças aglutinadas, como se impelidas por um só e único corpo que engolia o chão. Ele gritava com força e entusiasmo, enquanto a multidão repetia sua aclamação com uma voz que enchia o ar como um ronco de trovão. Quando chegaram a ver o muto do jardim, uma detonação ecoou. Sua garganta gelou ele olhou à sua volta, interrogando-se a si mesmo, inquieto. Um barulho familiar que tantas vezes tinha espocado em seus ouvidos no mês anterior e cujo eco ressoara tantas vezes em sua memória no meio do silêncio da noite. Ma nunca pudera acostumar-se a ele; mal o ouvia, seu sangue gelava e seu coração parava de bater.
> - Um tiro!
> - Que absurdo! A manifestação não é oficial?

- E a traição? Você talvez não tenha pensado nisso!
- Mas eu não vejo soldados!
- O jardim de Ezbekkiyyê é um acampamento gigantesco cheio deles.
- Quem sabe não foi um pneu que estourou?
- Talvez.
(…) Uma série de tiros secos se sucederam. Um grito de cólera e um gemido de dor se fez ouvir. A maré humana se sublevou desenfreada e lançou-se em ondas para todos os pontos de fuga, varrendo tudo à sua passagem...Mas então fuja! É preciso fugir! Se as balas não o matarem, os braços e pernas é que irão fazê-lo!
Ele ia fugir, recuar, ou pelo menos mudar de lugar. Mas não fez nada...O que você está fazendo aí de pé, quando todo mundo já se dispersou? Você está sozinho, a perigo! Então fuja!
Seus braços e pernas iniciaram um lento, fraco e frouxo movimento. Que confusão! Mas por que esses gritos? Você se lembra? Como as lembranças fogem de você velozmente! O que você quer? Gritar? O quê?... Ou pelo menos chamar? Quem? O quê? Pois sim! Você ouve? Vê? Mas onde? Nada, mais nada...Está cada vez mais escuro...Um doce movimento se desengata, regular como o tique-taque de um relógio com o qual o coração se funde...Um sussurro o acompanha. A porta do jardim, ora, quem diria! Ela ondula, se afunda, se desfaz lentamente; a grande árvore balança indolentemente...O céu...O céu? Ele se mostra inteiro lá em cima. Mais nada, a não ser o céu, pacífico, sorridente, irradiando a paz.

O Sr. Ahmed ouviu um barulho de passos na entrada da loja. Levantou a cabeça da escrivaninha e viu três jovens avançarem em sua direção em aspecto sério e grave, depois pararem em frente à escrivaninha, dizendo:
- A paz esteja com o senhor!
- A paz esteja com vocês. Deus os tenha em Sua misericórdia e os abençõe!
(…)
- O senhor é Ahmed Abd el-Gawwad?
- Sim, senhor – respondeu ele com um sorriso, embora a interrogação estivesse em seus olhos.
(…)
- Fahmi? Você vieram para vê-lo...ao menos!
O jovem baixou os olhos e disse, numa voz trêmula:
- Nossa missão é penosa, senhor. Mas é de nosso estrito dever. Possa Deus inspirar-lhe a força da alma!
- A força da alma? E para quem? Fahmi?
- Temos a dor – continuou o rapaz com uma profunda tristeza – de participar-lhe a morte de nosso irmão, o combatente Fahmi Ahmed.
- Fahmi? - gritou com denegação, ainda que seus olhos exprimissem já claramente sua disposição para acreditar em seu sofrimento.

> - Morreu como herói na manifestação de hoje.
> - Entrou no rol dos justos como um valente patriota e um santo mártir... - acrescentou o rapaz à sua direita. (DP, 702-706)

Em *PD*, as mortes dos filhos e do marido de Aisha em consequência da febre tifoide se configuram como acontecimentos que se referem a duas alegorias importantes na narrativa: o efeito da ocupação britânica no Egito, simbolizado pela febre tifoide, e a aniquilação de qualquer possibilidade de permanência do elemento otomano (PELED, 1983), simbolizada pelo exterminio completo da família de Aisha (personagem cujos traços claros remetem à aristocracia turca):

> O que há de extraordinário com o bacilo da febre tifoide é que, como todos os bacilos, ele é incrivelmente pequeno, invisível a olho nu, mas capaz de sozinho interromper o rumo de uma vida, decidir o destino da criatura e dizimar uma família inteira. O pobre pequeno Mohammed tinha sido o primeiro afetado. Seu irmão Othman veio depois e finalmente – o que era imprevisível – o pai deles!
> (…)
> Examinando o rosto do filho, a viúva do pranteado Shawkat gritou: "Piedade, Senhor! Leve-me em lugar dele!" Sua mãe tinha voltado. Mas a velha nem prestou atenção...Ela só acrescentou, numa voz rouca: "Eis o que parecem os Shawkat na hora da morte! Já vi o pai dele, o tio dele e o avô dele antes dele!" Khalil não é mais que uma sombra, e seus dois filhos também. Por Deus Todo-Poderoso!
> Kamal engoliu seco e disse:
> - Talvez o que vem por aí nos contradiga...
> Talvez. Kamal, você não é mais uma criança. Você precisa saber tanto quanto eu...Aí está...o médico diz que é muito grave.
> - Para todos os três?
> - É. Para todos os três. Khalil, Othman e Mohammed. Senhor! Como você não tem sorte, minha pobre Aisha!
> Ele imaginou na escuridão a pequena família de Aisha, sorridente como a tinha visto tantas vezes. Esses seres felizes e risonhos que manipulavam a vida como um jogo...
> "Quando Aisha vai rir de novo às gargalhadas? Foi assim que Fahmi se foi! Os ingleses e a febre tifoide são iguais" (PD, 635-638)

> Naima abriu os olhos. Pareciam cobertos de trevas. Ela esboçou o gesto, como se desejasse sentar-se. Sua avó ergueu-a, depois pegou-a nos braços. Então a jovem mulher soluçou, emitiu um profundo gemido, e exclamou subitamente, como num apelo de socorro:
> - Mamãe! Estou partindo! Estou indo embora!
> E sua cabeça caiu sobre o peito da avó. Um coro de lamentos encheu o quarto, enquanto Khadiga dava tapas nas faces da pequena... Para acabar, Anima pronunciou a *Shahada*[32] sobre o rosto infantil.
> Então Aisha foi debruçar-se à janela que dominava al-Sokkariyya e, fixando seus olhos sobre não se sabe o quê, com a voz soando como um estertor:
> - O que significa isso, Senhor? O que o Senhor está fazendo? Por quê? Por quê? Eu queria entender! (JP, 206-207)

A repulsa ao elemento estrangeiro (destruição da família de Aisha) fortalece os traços identitários e reafirma o direito de a nação ocupada ter como princípio político a ação violenta (KEDOURIE, 1986), como forma de demonstração de um sentimento nacionalista fortemente construído pelo desejo de suspensão da ocupação.

> A família reuniu-se na sessão tradicional num clima de consternação como nunca houvera antes. Fahmi se lançou a um longo discurso revolucionário, com lágrimas nos olhos, e Yasine o ouviu triste e desolado. Amina bem que desejou dispersar a nuvem de amargura, atenuar-lhe a desolação, mas temeu que seu objetivo se voltasse contra ela. Depois, o contágio do abatimento não demorou a atingi-la, por sua vez, e ela encheu-se de pena do velho xeque arrancado de sua casa e de sua mulher para um exílio longínquo.
> - Que sujeira! – declarou Yasine. – Todos os nossos homens ao mesmo tempo, Abbas, Mohammed Farid e Saad Zaghlul... exilados, longe da pátria...
> Fahmi prosseguiu numa forte irritação:
> - Que bando de canalhas, esses ingleses! Fala-se com eles numa linguagem com que eles enterneciam as pessoas quando estavam na pior, e agora respondem com ultimatos militares, com a deportação e com o exílio!
> Amina não pôde suportar ver o filho nesse estado de comoção, esqueceu a tragédia do líder e dirigiu-se a ele com doçura e ternura:
> - Poupe-se, meu filho! Deus é bom conosco.

32 A profissão de fé mulçumana: "Eu afirmo que há um só Deus que é Alá e que Maomé é o seu Enviado."

> Mas esse tom atencioso recobrou sua fúria, e ele gritou sem nem ao menos olhar para ela:
> - Se não respondermos ao terrorismo com a cólera que ele merece, a partir de hoje a pátria irá se acabar! O país não pode decentemente ter paz quando seu chefe, que se sacrificou por ela, enfrenta as agruras da prisão!
> - É muito bom – disse Yasine, pensativo – que Bassel paxá esteja entre os exilados. É o xeque de uma tribo temida, não creio que seus homens fiquem de braços cruzados diante de sua deportação.
> - E os outros? Replicou Fahmi secamente. – Não têm homens atrás de si também? O problema não afeta só uma tribo, mas a nação inteira!
> (DP, 504 - 505)

Entretanto, a construção do nacionalismo na *Trilogia* se torna mais intensa no motivo da instabilidade, que se refere à própria transição política do Egito, marcada recorrentemente por altos e baixos. Assim, no cronotopo da transição, constata-se o percurso do nacionalismo egípcio submetido a uma ordem linear-cronológica, na qual a participação das personagens na narrativa, dado seu caráter documental, é enfatizada sob o formato de relato da situação política do Egito:

> Antes de perguntar, por sua vez:
> - A que novidades recentes você se refere?
> Fahmi respondeu-lhe, sempre preocupado:
> - Uma notícia surpreendente se espalhou hoje entre os estudantes, e foi assunto da conversa do dia: uma delegação[33] egípcia composta por Saad Zaghlul paxá, Abdelaziz Fahmi bei e Ali Shaarawi foi ontem à Casa do protetorado ter com o vice-rei para exigir o fim do protetorado e a proclamação da independência...
> Yasine ergueu as sobrancelhas, preocupado, e um clarão de dúvida misturada com o estupor brilhou em seus olhos. O nome de Saad Zaghlul não tinha novidade para ele, embora não evocasse nada notável, exceto algumas lembranças obscuras associadas a acontecimentos há muito tempo mergulhados no esquecimento, e não deixara em seu coração - que praticamente nada tinha a ver com os problemas

33 Em árabe, wafd. Nome que designa o partido nacionalista egípcio, fundado por Saad Zaghlul, mas que teve origem nessa "delegação" da Assembleia Legislativa, que foi procurar o alto comissário inglês no dia 13 de novembro de 1918 para efetuar uma viagem a Londres.

> públicos - nenhum toque sentimental suscetível de revelar-lhe a existência, nem de longe. De qualquer maneira, a estranheza dos nomes não tinha nada de notável em comparação com o movimento iniciado por seus donos, se fosse verdade o que dizia Fahmi. Porque, como se podia conceber que se pedisse aos ingleses, no dia seguinte ao de sua vitória sobre os alemães e o califado, que dessem a independência ao Egito?
> - Que é que você sabe sobre esses homens? - perguntou.
> Fahmi respondeu-lhe num tom não desprovido de amargura, digno de quem gostaria que esses senhores fossem membros do partido nacionalista:
> - Saad Zaghlul é vice-presidente da Assembléia Legislativa, e Abdelaziz Fahmi e Ali Shaarawi também são membros dela. De fato não sei nada sobre esses dois. Quanto a Saad, tenho motivos para não fazer um juízo muito ruim dele, segundo o que me disseram muito dos meus amigos estudantes nacionalistas que têm sobre ele opiniões divergentes: alguns o consideram um testa de ferro dos ingleses e mais nada, enquanto outros reconhecem neles grandes qualidades dignas de alçá-lo ao nível dos homens do Partido Nacionalista. De qualquer modo, o passo que ele deu com os seus colaboradores - dizem até que ele foi o seu mentor - é uma ação heróica que ele é talvez o único a poder levar a bom termo hoje, depois da expulsão das grandes figuras do nacionalismo, com o seu chefe Mohammed Farid em primeiro lugar.
> Yasine mostrou-se sério, com o medo de que o outro pudesse pensar que ele fazia pouco de seu entusiasmo, e repetiu como se falasse consigo mesmo:
> - Exigir o fim do protetorado e a proclamação da independência!
> - Corre o boato também de que eles pediram para ir a Londres para estabelecer as balizas da independência e de que eles se encontram com essa finalidade com Sir Reginald[34] e Najat, o vice-rei!
> Yasine não pode continuar a dissimular sua perplexidade: exibiu-a em sua fisionomia ao perguntar ao irmão, num tom excessivamente alto:
> - A independência!... É isso que você quer dizer? O que você quer dizer exatamente?
> - Quero dizer a expulsão dos ingleses do Egito - respondeu Fahmi num tom exasperado - ou a retirada, se você preferir, segunda a expressão de Mustafá Kamel, que lançou essa idéia…
> - Puxa vida, que esperança! (DP, 460-462)

O plano de organizar uma formal delegação, em setembro de 1918, veio de alguns membros do antigo partido Ummah, particularmente Abd al-Aziz

34 Trata-se de Sir Reginald Wingate, alto comissário inglês desde 1916.

Fahmi, Muhammad Mahmud e Saad Zaglul. Saad Zaghlul (1859-1927) foi educado na Universidade Islâmica de al-Azhar, (segunda mais antiga do mundo, fundada no ano 975) no Cairo, e teve como principais influenciadores os teóricos do pan-arabismo al- Afghani e Abduh.

No período de agitação da Revolução de Urabi,[35] Saad auxiliou na edição do jornal do governo e se manteve bastante ativo durante o período da revolução. Com o mal êxito da revolta, assim que os britânicos ocuparam o Egito, em 1882, Saad foi preso, indo depois de liberto estudar direito na França. É diplomado juiz e casa-se com a filha do primeiro-ministro egípcio Mustafa Fahmi. Nomeado ministro em 1906 e 1910, respectivamente, da educação e justiça, assume o cargo de vice-presidente da Assembleia Legislativa em 1914.

A Assembleia é destituída no início da Primeira Guerra Mundial e permaneceu fechada durante o conflito, não sendo mais autorizada pelos britânicos a funcionar. Assim, os nacionalistas, liderados por Saad, deram início a um movimento rumo à autonomia política do Egito e encabeçaram um abaixo-assinado no intuito de recolher 100.000 assinaturas que os autorizava, como partido (Wafd), a falar pelo povo egípcio. Essa petição fez com que o Wafd, enquanto organização política, se revestisse de um caráter ainda mais formal (GOLDSCHMIDT, 2004)

> Nós, abaixo assinados, nomeamos nossos bastantes procuradores os Senhores Saad zaghlul paxá, Ali Shaarawi paxá, Abdel Aziz Fahmi bei, Mohammed Ali Alluba bei, Abdel-Latif al-Mekabbati, Mahmud paxá e Ahmed Lufti bei, com o poder de associarem-se às pessoas de sua escolha, com o objetivo de procurar pelas vias pacíficas e legais, em qualquer parte em que possam fazê-lo, os meios de conceder ao Egito uma independência plena e total. (DP, 470)

A fim de dissuadir o incipiente movimento nacionalista, os britânicos exilam Saad e mais três líderes do Wafd para a Ilha de Malta, medida que

35 Revolta nacionalista ocorrida entre 1879 e 1882 no Egito, liderada pelo coronel Ahmed Urabi. A derrota dos nacionalistas resultou no início da ocupação britânica no país.

causou grande revolta no povo egípcio. Estudantes de direito entraram em greve, seguida por servidores públicos, juízes e advogados. No intervalo de uma semana, os egípcios incendiaram prédios, saquearam lojas, bloquearam estradas e cortaram cabos telefônicos. Seis oficiais britânicos forma assassinados. As violentas manifestações tornaram-se frequentes, resultando em mortes, ferimentos graves e prisões de diversas pessoas que ocupavam as ruas. Pela primeira vez na história, as mulheres participaram das mobilizações. Religiosos também se unem em favor da causa nacional, assim coptas e muçulmanos adotam o discurso nacionalista em suas orações e também comparecem às ruas:

> As aclamações se elevavam em nome do Egito, da independência e de Saad. A cada passo, a participação espontânea e a adesão natural que encontravam em toda parte reativavam seu ardor, sua confiança e sua fé; não só a deles, como também a de todas essas almas prontas para o combate, que passavam por seu caminho, tão abaladas pela cólera que achavam nesta uma válvula de escape em sua marcha revoltada. Quase mais estupefato do que comovido pelo nascimento da manifestação, ele se perguntou: 'Como tudo isso aconteceu?' Apenas algumas horas se tinham passado desde a manhã em que que fora testemunha de seu desespero e de sua aflição, ele estava ali, agora, um pouco antes do meio-dia, participando de uma manifestação eletrizante, em que cada coração fazia eco para o seu, repetindo seu grito, e lhe suplicava com uma fé inquebrantável que fosse até o fim. Que alegria a sua! Que entusiasmo o seu! Sua alma se banhava, livre, num céu de esperanças a que nenhum horizonte impunha limites, lamentando o desespero que a tinha dominado, envergonhada das suspeitas que tinha lançado nos espíritos bem-intencionados. No centro da praça de Sayyeda Zainab, ofereceu-se a ele um dos espetáculos novos desse dia extraordinário: ele viu com os outros um trabalho da polícia montada que se aproximava, com um inspetor inglês à frente, arrastando atrás de si um rolo de poeira, fazendo tremer a terra sob o choque dos cascos. (DP, 512-513)

> "Os ingleses!" As balas não tardaram a estalar, abafando as aclamações. O primeiro morto caiu. Seguiu-se um grupinho que os precedia, num entusiasmo desenfreado, enquanto outros permaneciam fixos no lugar. Um grande número de participantes se dispersou, refugiando-se nas casas, nos cafés. (DP, 514)

> O pessoal dos bondes, motoristas, cocheiros, varredores, não demoraram a entrar em greve, a capital exibia um aspecto aborrecido, irritado, selvagem... Depois a onda das informações trouxe a boa nova da greve iminente dos advogados e funcionários. O coração do país palpitava de vida e de revolta. O sangue não correria em vão, os exilados não seriam esquecidos em seu exílio. O despertar da consciência tinha abalado a terra do vale do Nilo. (DP, 515)
>
> As mulheres participam das manifestações! – exclamou Yasine com um sorriso nos lábios.
> Fahmi citou então, para a circunstância, estes versos do poema de Hafez[36] sobre a manifestação das mulheres:
>
> "De punho erguido, saíram as belas
> E para segui-las fui atrás delas.
> Mas eis que de seus véus negros, com arte,
> Elas fizeram, então, seu estandarte
> E erguem-se como astros, num escarcéu,
> Cintilantes, no mais negro céu
> Antes de se porem a caminho, assim,
> Tendo a casa de Saad como fim" (DP, 533)

Com o propósito de restaurar a normalidade, o general Edmund Allenby, novo alto comissário, decide libertar os exilados e deixá-los comparecer à Conferência de Paz em Paris. No entanto, na França, os nacionalistas se surpreendem com uma declaração americana reconhecendo o protetorado britânico sobre o Egito. Desse modo, Allenby, por medo de ser assassinado, se esforçava para escolher um egípcio que pudesse conduzir o governo, enquanto isso, as manifestações continuavam:

> Se os ingleses não tivessem cedido às nossas reivindicações – respondeu Fahmi, que parecia banhado numa alegria infantil -, eles nunca teriam libertado Saad! Desta vez ele vai à Europa e trará a independência. É o que todo mundo afirma. Seja como for, o dia 7 de abril de 1919 ficará como o símbolo da vitória da revolução. (DP, 684)

36 Trata-se de Hafez Ibrahim (c.1932), poeta egípcio cuja arte poética se caracteriza pela introdução de problemas sociais e temas modernistas na poesia. Traduziu para o árabe Os miseráveis, de Victor Hugo.

> Ele chegou à praça por volta de uma hora da tarde, ou seja, duas horas antes do horário fixado para a formação do cortejo, e ficou no lugar que lhe haviam designado: a porta da estação. Só estavam presentes na praça os responsáveis e grupos dispersos de diferentes credos[37]. O tempo era temperado e o sol de abril só queimavam os que estavam expostos aos seus raios. A espera não foi longa. Os grupos se puseram logo a chegar à praça por diferentes caminhos de acesso. Cada um deles se dirigiu para a sua bandeira, o que incitou Fahmi a começar seu trabalho com prazer e orgulho. Apesar do caráter modesto de sua tarefa, que consistia, em colocar em fileiras as escolas atrás de sua bandeira, esta não encheu menos de altivez e de orgulho, tanto mais que ele tinha sob sua autoridade numerosos estudantes mais velhos que ele e que os 19 anos que ele arrastava atrás de si faziam pouca figura nessa multidão de estudantes que se aproximavam, em grande número, de 22 a 24 anos, com seus bigodes enrolados em ponta. Ele notou olhares fixos nele com interesse, lábios cochichando a seu respeito. Ouviu também seu nome – adequado ao seu título popular – correr em certas línguas: "Fahmi Ahmed el-Gawwad, delegado do alto comitê", o que fez vibrar sua corda sensível a ponto de ele morder os lábios, sem que o menos sorriso de perturbação ou de embaraço, capaz de prejudicar seu prestígio, forçasse sua boca. Certamente, ele devia conservar a postura de um delegado do alto comitê, a seriedade e a gravidade dignas dos jovens combatentes de primeira linha, a fim de abrir um vasto campo à imaginação de seus espectadores, onde eles pudessem pressentir os atos de heroísmo e de luta que ele escondia atrás de si. Afinal, esses atos extraordinários que ele tinha sido incapaz de realizar na vida, eles bem que podiam realizar em sua imaginação! Nunca nele se embaçara o desejo de se ver alçado na mais alta conta, mesmo se o seu sentimento agudo da realidade nua lhe cortasse o coração: ser apenas um simples distribuidor de panfletos, um soldado de retaguarda e nada mais! (DP, p. 698-699)

Os britânicos então, anunciaram que iriam enviar uma missão conduzida pelo oficial egípcio Lord Alfred Milner, para analisar a conjuntura e pensar uma nova Constituição sob o protetorado. Os egípcios contudo, não queriam a continuação da ocupação britânica e a missão de Milner foi boicotada tanto no palácio quanto no gabinete ministerial, obrigando o oficial a negociar pessoalmente com Zaghlul em Londres no ano de 1920. Eles redigiram um documento que reconheceria a independência formal do Egito mediante um

37 Para afirmar a vontade unânime do Egito de ascensão à independência, as diversas comunidades religiosas participaram dessa manifestação histórica.

tratado Anglo- Egípcio, que previa a continuidade da presença militar britânica e a manutenção dos conselhos ingleses de justiça e finanças. Saad não aceitou os termos do documento, sob a alegação que ele deveria ser submetido à consulta pública no Egito.

Em 1921, a disposição de os ingleses desistirem do protetorado era praticamente nula. Assim, Allenby tenta negociar com o sultão Fuad a futura natureza da relação anglo-egípcia por meio da constituição de uma comissão nacional, representada agora pelo primeiro ministro Adli Yakan, rival de Saad. Essa tentativa de negociação com os britânicos não obteve êxito, uma vez que essa nova representação não dispunha de elementos carismáticos suficientes para competir com o Wafd.

Allenby nomeia Abd al-Khaliq Tharwat como sucessor de Adli, a partir daí, os britânicos reconheceriam a independência do Egito, expectativa que resultou em novas greves, atos e conflitos nas ruas. As manifestações aclamavam Saad como o símbolo responsável pelo resgate da dignidade nacional, assim, diante das pressões, em 28 de fevereiro de 1922, os ingleses redigem um tratado formal encerrando o protetorado e declarando o Egito independente. Os pontos do tratado previam a proteção militar do Egito pelos ingleses, em caso de agressão externa, a observância dos direitos das minorias estrangeiras em território egípcio e privilégios aos britânicos no setor de comunicações.

Nos anos seguintes ao acordo, os egípcios continuaram a demandar uma maior independência, sobretudo política e militar, porém, era fato que as forças armadas egípcias eram reduzidas e mal equipadas demais para defenderem o Egito e o Sudão sem a ajuda dos britânicos. No efetivo militar egípcio, a maior parte dos oficiais de alto escalão eram britânicos, enquanto os muçulmanos eram de origem turca ou circassiana. Considerável parcela dos serviços públicos, indústrias, transportadoras, hotéis e companhias de seguro eram dirigidas por estrangeiros. Na importante Companhia do Canal de Suez, nenhum egípcio ocupava um posto de destaque na administração. (GOLDSCHMIDT, 2004)

Assim, tendo em vista esse cenário de falta de protagonismo, a Constituição de 1923, se propôs a concretizar os anseios de autonomia por

parte dos egípcios, desse modo, com o fim da lei marcial e a permissão para eleições livres, o ambiente parecia favorável à instauração de uma independência de fato; nesse contexto, o sultão Fuad altera seu título para rei Fuad.

Nas eleições de 1924, Saad Zaghlul é eleito primeiro-ministro, deixando o cargo ao final deste mesmo ano, diante da crise política que se instaurou após o assassinato do comandante do exército egípcio e governador do Sudão Sir Lee Stack. Allenby responsabilizou Saad, enquanto representante político do Egito, pelo assassinato.

> -O assassinato de Sir Lee Stack[38]foi um golpe realizado contra o ministério de Saad.
> - Deixe-me relatar os comentários de Hassan Selim sobre isso. Ele disse que essa agressão é apenas a manifestação do ódio que alguns, entre os quais os autores do assassinato, têm contra os ingleses e que Saad Zaghloul é o principal responsável pela exasperação desse ódio.
> Kamal abafou a cólera que o "ponto de vista" de Hassan Selim tinha provocado nele, e respondeu com a calma que a presença de sua adorada lhe ditava:
> - Esse é o ponto de vista dos ingleses. Você não leu os despachos de Ahram? Não há nada de espantoso no fato de os liberais constitucionais assumirem isso. Excitar a hostilidade contra os ingleses é verdadeiramente uma das coisas de que Saad pode se vangloriar! (PD, 280)

Depois da morte de Saad Zaghlul, em 1927, Mustafa al-Nahhas (1879-1965) assumiu a liderança do Wafd. Quando o Partido Trabalhista conquistou o governo britânico em 1929, o Wafd venceu a eleição livre no Egito, e a partir daí, as negociações anglo-egípcias se resumiram essencialmente à rivalidade entre o Palácio e o Wafd, fator que levou posteriormente à queda de Nahhas. O Rei Fuad escolheu como primeiro ministro Ismail Sidqi, que suprimiu a influência do Wafd no parlamento e modificou a constituição no sentido de concentrar um maior poder nas mãos do rei.

---

38 Em julho de 1924, a segunda negociação entre o Wafd e a Inglaterra tinha fracassado, em particular por causa do problema do Sudão cuja soberania egípcia a Inglaterra contestava. No dia 19 de novembro do mesmo ano, Sir Lee Stack, comandante chefe do exército egípcio (*sirdar*) e governador do Sudão, foi assassinado no Cairo. A Inglaterra, que vê no crime uma ligação direta com o governo sudanês, exige reparação e aproveita o pretexto para ordenar a evacuação das tropas egípcias do Sudão. Saad Zaghloul pede demissão.

Fato notável: ele via na vida política uma réplica em grande escala de sua própria vida. Acompanha as notícias da política nos jornais como outras tantas situações vividas por ele em Bayn el-Qasrayn ou em al-Abbassiyyê: Saad Zaghloul – como ele – estava detido e às voltas com as intrigas ultrajantes, os ataques injustos, a traição e a felonia de seus companheiros. Ambos – Saad e ele – enfrentavam mil dificuldades por estarem misturados com pessoas nobres pelo nascimento e vis pela conduta. Ele se identificava com a pessoa do chefe em sua desgraça e com a pátria em seu martírio. Abordava a situação política e a sua própria com o mesmo sentimento, a mesma indignação. Era como se falasse de si mesmo quando dizia de Saad Zaghloul: "Pode-se decentemente tratar um homem tão sincero de uma maneira tão injusta?"; como se falasse de Hassan Selim quando dizia de Ziwer: "Ele faltou à confiança e legalizou o reino da infâmia com a intenção de apoderar-se do poder"[39] como se falasse de Aída dizendo do Egito: "Ela se afastou do fiel servidor porque ele defendia seus direitos?" (PD, 352-353)

-Edição especial? – espantou-se Kamal.
- Oh! Sim... eu sei o que é – respondeu Yasine numa voz triste. – Ouvi as pessoas espalharem a notícia ao vir aqui... Saad Zagloul morreu.[40]
- Saad? – exclamou Kamal num grito do fundo do coração,
Yasine parou e, virando-se para ele:
- Ei! Sossegue! – disse. – Já temos de sobra os nossos próprios problemas...
Mas ele permaneceu com os olhos arregalados na escuridão, mudo, petrificado, como se Khalil, Othman, Mohammed, Aisha, nada mais tivesse importância, exceto que Saad estava morto!
Yasine continuou a andar, dizendo:
- Ele morre levando sua porção de vida e de grandeza! O que você queria a mais para ele? Deus tenha sua alma...
Kamal seguiu-o, ainda não refeito de seu estupor. Se tivesse tomado conhecimento disso fora dessas circunstâncias penosas, não sabia como teria recebido a notícia. Mas as infelicidades, quando se encontram, disputam nossos corações... Foi assim que sua avó, que os tinha deixado pouco depois da morte de Fahmi, não teve ninguém para chorá-la.
Assim, pois, Saad estava morto! O homem do exílio, da revolução, da liberdade e da Constituição estava morto! Como podia ele não sentir tristeza quando tudo o que sua alma

39 Trata-se de Ahmed Ziwer Paxá, encarregado pelo reu Fuad de formar o novo ministério após a demissão de Saad Zaghloul. Esse ministério é uma aresta fincada no regime liberal: o Parlamento é dissolvido, a Constituição violada, o Wafd despojado do poder. É, além disso, para esse partido, o período mais difícil de sua história (parlamentares wafdistas presos, reuniões proibidas, etc.)
40 23 de agosto de 1927. Ironicamente, o *Moqattam* tinha sido desde sua criação o jornal mais contrário ao nacionalismo egípcio e ao Wafd.

> continha de melhor foi Saad que lhe inspirou e ensinou? (PD, 640)

Por cinco anos o Egito permanceu sob a ditadura do Palácio, contexto no qual tanto wafidistas quanto liberal-constitucionalistas boicotaram as eleições. O alto-comissário, Sir Percy Loraine, manteve enfraquecidas as negociações entre britânicos e egípcios. Mas em 1934, o novo comissário, Sir Miles Lampson, exigiu que o Palácio restaurasse a constituição de 1923 e instituísse eleições livres, no intuito de formar um governo egípcio com o apoio popular suficiente que pudesse dar suporte às negociações com os britânicos. Após um ano de protestos sangrentos protagonizados por estudantes, o Rei Fuad acatou a solicitação de Lampson e restaurou a antiga constituição. Um conselho de observadores foi instituído, formado por ministros representantes de partes diversas do Egito, e as negociações foram retomadas.

> As pessoas, sem se conhecerem, falavam entre si, comentavam a situação, apoiando-se no destino comum e no lado do Wafd, que unia seus corações:
> - Este ano – disse um deles – a festa Jihad merece com justiça o seu nome... pelo menos deveria!
> Um outro exagerou:
> - É preciso responder a Hoare [41]e à sua declaração desastrosa!
> O nome de Hoare exasperou um terceiro, que exclamou:
> - Esse filho-da-mãe disse: "Aconselhamos não reestabelecer a constituição de 1923, nem a de 1930!" E por acaso a nossa constituição é da conta dele?
> - Não se esqueça – retorquiu um quarto homem – de que ele havia precisado antes: "Como nos consultaram, aconselhamos..."
> - Está certo, mas que foi consulta-lo?
> - Pergunte isso a esse governo de rufões!
> - Ou a Tewfik Nassim, [42]simplesmente! Esqueceu-se dele? Por que diabos o Wafd fez tréguas com ele?
> - Todas as coisas têm seu tempo! Esperemos o discurso de hoje.
> Kamal ouvia, até participava da conversa, e, o que é ainda

41 Em 9 de outubro de 1935, Sir Samuel Hoare, secretário do Estado dos Negócios Estrangeiros, tinha dado a entender que, tendo sido consultado, o governo de Sua Majestade se opusera ao retorno do Egito a um regime constitucional, alegando que a constituição de 1923 tinha comprovado sua impraticabilidade (!) e que a de 1930 era totalmente impopular (o que era na verdade, pois transformava a lei eleitoral tornando-a sufrágio censitário)

42 Primeiro-ministro de um segundo ministério de transição, após a demissão de Sidqi, suspeito de ter incitado o rei a suprimir a constituição.

mais espantoso, com tanto entusiasmo quanto essas pessoas! Era a oitava festa do Jihad a que ele assistia, tão imbuído quanto os outros da amargura deixada pela experiência política dos anos anteriores.
"Sim...", dizia ele a si mesmo, "vivi a época de Mohammed Mahmoud, que suspendeu a constituição durante três anos 'renováveis' e confiscou a liberdade do povo em troca da promessa de realizações faraônicas; como vivi os anos de terror que Ismail Sidki infligiu no país. O povo tinha confiança em pessoas que desejavam como chefes, mas só encontrava, acima de sua cabeça, esses infames carrascos, protegidos pelos cassetetes e pelas balas dos policiais ingleses! Ele queria falar? Diziam-lhe logo, numa língua ou na outra: 'Você é um povo de menoridade, e nós somos os seus tutores!' Mas ele entregava batalha após batalha, decorrendo de cada uma um suspiro abafado, ante de entrincheirar numa atitude passiva, elegendo como slogan: 'Paciência e ironia!' Só ficaram na arena, de um lado, o Wafd, do outro, os tiranos. O povo, agora, se contenta com bancadas que incitavam timidamente seus homens sem estender-lhes a mão..."
No entanto, seu coração não podia permanecer insensível à vida do povo e, apesar do espírito embaçado pela dúvida, o coração ainda pulsava, ininterruptamente.
Ele desceu a rua Sad Zaghloul e andou no meio de uma coluna na direção do pálio de honra, erguido nos arredores da Casa do Povo.[43] A cada dez metros, cruzava com uma tropa de soldados de rosto sério e estúpido, sob o comando de um condestável inglês.(JP, 46-47)

Um velho entrou no café e declarou, antes mesmo que alguém lhe fizesse uma pergunta:
- As balas dos policiais chovem em cima dos estudantes. Só Deus sabe o número de vítimas!
O homem sentou-se, com o peito arfando, e prosseguiu, com um tremor na voz:
- Traidores pegaram os inocentes! Se sua verdadeira intenção tivesse sido dispersar a manifestação, eles teriam atirado para cima de seus postos afastados! Mas seguiram o cortejo com uma calma sonsa e começaram a dividir entre si as saídas da rua. Então, de repente, apontaram os revólveres e atiraram. Naqueles que estavam na frente, atiraram sem piedade. Os caros rapazes caíam, patinando no próprio sangue. Os ingleses são selvagens, mas os soldados egípcios não valem mais que eles! Senhor Deus, foi um massacre organizado!
Do fundo do café uma voz exclamou:
- Eu pressentia que o dia acabaria mal!
Uma outra responde:
- Esses dias cheiram a desgraça! Desde que Hoare publicou sua declaração, as pessoas já esperavam incidentes graves.

43 Nome dado à antiga residência de Saad Zaghlul.

> Isso é uma batalha e haverá outras, eu lhe asseguro!
> - Os estudantes são sempre as vítimas! Os filhos mais queridos da nação! Deus, que dó!
> - Mas parece que parou. Escutem!
> - O coração da manifestação está na Casa do Povo. Isso durará horas! (JP, 54)

> - Senhores! – exclamou Ali Abd el-Rahim num sobressalto de entoação que anunciava mudança de conversa. – O que pensam de Mustafá al-Nahhas, o homem que não se deixou comover pelas lágrimas do velho rei doente e recusou-se a esquecer, por um segundo que fosse, sua suprema exigência, a constituição de 1923?
> Mohammed Iffat estalou os dedos e respondeu, divertido:
> - Tiro o meu chapéu! Realmente, ele é ainda mais teimoso do que o próprio Saad Zaghloul, esse homem que, vendo o rei tirano doente e choramingando, o enfrentou com uma rara coragem e lhe disse, traduzindo imperturbavelmente a voz da nação que o investiu de sua autoridade: "A constituição de 1923 primeiro!" E foi assim que ela foi reestabelecida! Quem poderia imaginá-lo?
> - Pense só na cena! – disse Alfar, sacudindo a cabeça maravilhado. O rei Fuad, alquebrado pela doença e pela velhice, pondo a mão com extrema ternura no ombro de Nahhas, pedindo-lhe para formar um governo de coalizão, e Nahhas, permanecendo insensível, não esquecendo seu dever de chefe fiel e leal, não negligenciando nem por um segundo a constituição que as lágrimas reais quase iam enterrar, permanecendo impassível e declarando com audácia e firmeza: "Nosso amo, primeiro a constituição de 1923!" (JP, 58-59)

A iminência da Segunda Guerra Mundial e a autonomia política pela qual todos ansiavam com o fim da ocupação, eram constantes objetos de debate entre as classes educadas, que possuíam a nítida percepção que nenhum gabinete tentou formular medidas dirigidas à resolução efetiva dos problemas econômicos, sociais e políticos do Egito, cada vez mais insustentáveis. O Egito entre os anos 1920 e 1930 apresentava uma agricultura altamente dependente da exportação do algodão, além de uma enorme desigualdade social, decorrente da concentração de terras e riquezas por parte dos estrangeiros. A introdução de uma cultura diversificada no campo e a industrialização poderiam a curto prazo amenizar o impacto da desigualdade, que tinha como consequência direta o desemprego de jovens educados e politizados, condição

para a criação permanente de potências intelectuais revolucionárias.

> - Estamos em 1935. Faz oito anos que Saad morreu, 15 que a revolução começou, os ingleses ainda estão aí, por toda parte, nas casernas, na polícia, no exército, nos ministérios. As capitulações que fazem do menor vigaristazinho de garras afiadas um "senhor" respeitado ainda estão em vigor. Essa situação aflitiva tem de acabar!
> - E não se esqueça dos carrascos do tipo Ismail Sudqi, Mohammed Mahmoud e al-Ibrachi!
> - Se os ingleses forem embora, esses caras estarão acabados! Termina a valsa dos mistérios!
> - É. E se o rei pensasse em bancar o malandro, não acharia ninguém para apoiá-lo.
> - O rei vai ser obrigado a escolher: ou o respeito à constituição, ou adeus, senhoras e senhores! - explicou Mohammed Iffat.
> - E você acha que os ingleses o abandonarão se ele lhes pedir proteção? - perguntou Alfar, com ar cético.
> - Se eles se resignarem a ir embora, por que você queria que protegessem o rei?
> - Mas eles vão mesmo se resignar?
> Ao que Mohammed Iffat respondeu, com a segurança de um homem orgulhoso de sua ciência política:
> - Eles nos pegaram friamente com a declaração de Hoare, e isso originou as manifestações. Houve os mártires, que Deus guarde a alma deles, depois o apelo à coalizão e o reestabelecimento da constituição de 1923... Eu lhe asseguro que os ingleses agora desejam negociar. Certamente, ninguém sabe como poderá dissipar-se o mal-estar, como os ingleses poderão partir ou como poderá cessar a influência dos estrangeiros. Aconteça o que acontecer, temos uma confiança sem limites em Mustafá al-Nahhas!
> - Seria possível pôr fim a 53 anos de ocupação com duas ou três palavras em torno de uma mesa?
> - Palavras, com muito sangue inocente derramado antes!
> - Mesmo assim!
> - Eles vão se encontrar em posição difícil, no meio de uma situação mundial grave – disse Mohammed Iffat com um piscar de olhos.
> - Eles sempre conseguirão encontrar alguém que os ajude! Ismail Sadki não morreu!
> Mohammed Iffat continuou num circunspecto:
> - Já conversei com muitas pessoas bem informadas e as achei otimistas. Elas dizem que o mundo está sob ameaça de uma guerra destruidora, que o Egito está "na boca do canhão" e que seria do interesse das duas partes entrarem rapidamente num acordo. (JP, 59-60)

Em 1936, britânicos e egípcios ansiavam pelo estreitamento de suas relações, sobretudo em decorrência do avanço fascista italiano, que já havia ocupado a Etiópia e a Líbia. Embora o Rei Fuad e seus apoiadores manifestassem intenções a favor dos italianos, a maior parte dos egípcios como também o Wafd consideram os fascistas uma ameaça à sua independência e democracia. Nesse mesmo ano, o Wafd obtém vitória nas eleições com uma larga vantagem, e após a morte de Fuad, o partido negocia com Faruq, filho do rei morto, e consegue no mês de agosto firmar os termos de uma aliança de paz que vigoraria por 20 anos, acordo esse que resultou no reconhecimento da independência do Egito pelos britânicos, que se dispuseram a reduzir seu efetivo militar a 10.000 homens e concentrá-los na Zona do Canal de Suez, além da promessa de patrocinarem a entrada do estado egípcio na Liga das Nações; esse acordo também instituiu o fim das capitulações, privilégios legais e fiscais desfrutados pelos estrangeiros.

Os egípcios aceitaram a condição de, por vinte anos, os britânicos ocuparem o Canal, e permitiram que os soldados permanecessem no Cairo e em Alexandria até que o novo governo pudesse levar a cabo as obras necessárias de infraestrutura. Ambos os lados se furtaram de debater questões relativas ao futuro do Sudão, ocupado pela Grã-Bretanha e pelo Egito.

A assinatura do Tratado Anglo-Egípcio em 1936, aprovada por considerável parcela de egípcios e estrangeiros, foi decisiva para o alcance da independência política do país. Representantes de todos os partidos políticos, exceto os Nacionalistas, assinaram o documento. Embora considerado por muitos como um tratado favorável, os Nacionalistas afirmavam que o acordo legitimava a ocupação militar do Egito. Em 1937, a Convenção de Montreaux declarou extinta as capitulações e acabou com as Cortes Mistas por um período de 13 anos, assim, depois de 1949, estrangeiros que viviam no Egito não poderiam mais desfrutar de privilégios legais não concedidos aos nativos. Com a entrada do Egito na Liga das Nações, a possibilidade de abertura de embaixadas em outros países e a condução de uma política externa própria se tornaram possíveis.

O filho do rei Fuad, Faruq, de apenas 16 anos, era muito popular entre o povo e a imprensa egípcia. Frequentemenete comparecia à oração de sexta-feira, à al-Azhar e à inauguração de novas mesquitas. O líder de al-Azhar, Shaykh Mustafa al-Maragui, chegou até a encabeçar uma campanha para Faruq concorrer ao Califado, instituição política representativa da Comunidade Islâmica. O país encontrava-se sem califa desde 1924, quando Kemal Ataturk, o primeiro presidente da Turquia, o abolira. Faruq foi considerado pelo alto-comissáriado britânico, muito imaturo, no entanto, seu estilo agradava a muitos lideres egípcios que o consideravam apenas um rei figurativo.

Nesse mesmo ano de 1936, a influência do Wafd, liderado por Mustafa al-Nahhas, durou poucos meses, já que os conselheiros do rei Faruk substituíram o gabinete wafidista por um conselho de ministros que faziam oposição ao partido. Desse modo, Faruq se mostrou tão ditador quanto seu pai, porém, com relação ao Wafd, as atitudes do rei foram facilitadas pela queda da popularidade do partido, assim o Palácio pode contar com a habilidade política de dois líderes expulsos do Wafd, Ahmad Mahir e Mahmud Fahmi al-Nuqrashi, que passaram a integrar o conselho de ministros.

> O saguão estava cheio de pessoas sentadas: estudantes, operários, membros do comitê wafdista. No fundo, estava Abd el-Rahim Paxá Issa, austero, contrariamente ao seu hábito, sério e grave, envolvido pelo áurea do homem político importante.
> Os garotos avançaram até ele, e ele se levantou gravemente para recebe-los, apertou-lhes a mão e acenou-lhes para que se sentassem. Uma das pessoas do grupo, que se tinha interrompido, continuou, dizendo:
> - A opinião pública ficou um pouco surpresa ao saber os nomes dos novos ministros! Al-Noqrashi não está entre eles.
> - Esperávamos por alguma coisa no momento da demissão – respondeu Abd el-Ramin Paxá Issa. – Ainda mais porque o desacordo tinha sido tão divulgado que até mesmo os cafés falavam disso. Mas Noqrashi não é um membro do Wafd como os outros. O Wafd rejeitou muitos antes dele. Eles não se recuperaram disso. Noqrashi tem outra estrutura. E Noqrashi significa também Ahmed Mahir. Ambos são Wafd. O Wafd da resistência, da luta e do combate! Pergunte ao arbítrio, às prisões e às balas. Não é fato de haver desacordos que, desta vez, desonera o que acontece; é a integridade do poder que o causa, é a repressão! E se o pior acontecesse e o Wafd se

> dividisse, o próprio Wafd iria embora, não Noqrashi nem Mahir.[44](JP, 180)

> Esta noite, Ryad Quldus não estava alegre.
> - A crise constitucional terminou com a derrota popular! – disse ele vivamente irritado. – Porque a demissão de Nahhas não significa outra coisa a não ser uma derrota para o povo em sua luta histórica contra o Palácio!
> - Está provado que Faruq é o responsável por isso! – angustiou-se Kamal.
> - Faruq não é o único responsável. É um golpe armado pelos inimigos tradicionais do povo, obra de Ali Mahir e Mohammed Mahmoud! E é angustiante ver se aliarem aos inimigos do povo, dois de seus filhos: Ahmed Mahir e Noqrashi! E se o país estivesse livre de traidores, o rei nunca teria encontrado cumplicidade para confiscar os direitos da nação.
> Calou-se por um instante e continuou:
> - Hoje os ingleses não são mais a questão. É o rei e o país que estão frente a frente. A independência não é tudo, há também o direito sagrado do povo de desfrutar de sua soberania e seus privilégios. Viva a vida do homem, não a de escravo! (JP, 192)

Na segunda Guerra Mundial, o Egito se tornou base para as tropas de todo o Império Britânico, situação semelhante à ocorrida na Primeira Guerra. Durante o conflito, o posicionamento dos políticos egípcios foi se modificando, num primeiro momento decidiram cooperar com os britânicos no combate às tropas nazistas, porém, ao longo da guerra, diante do avanço alemão na Líbia em decorrência da escassez do trigo, o rei Faruq e alguns oficiais nacionalistas como Aziz Ali al-Misri e Anwar al-Sadat decidiram travar conversas secretas 9mal sucedidas) com os nazistas. Nesse momento, o primeiro ministro egípcio era o nacionalista Ali Mahir, que por sua postura autônoma era detestado pelos britânicos, que resolvem pressionar Faruq a substituí-lo e a restituir o conselho de ministros da época do tratado anglo-egípcio. Isso significava trazer de novo ao poder o Wafd, tendo como ministro Mustafa al-Nahhas. As escolhas feitas pelos britânicos na tentativa de conter a ameaça alemã trouxe sérios efeitos políticos ao Egito, o rei Faruq renunciou e o Wafd passou a ser visto pelo povo egípcio como um partido que colaborava com os ingleses.

---

44 Aqui se fala da segunda cisão do Wafd (depois dos liberais constitucionais) que vai dar nascimento ao partido Saadista (1938). O Paxá pertence a essa tendência e considera Noqrashi e Ahmed Mahir os verdadeiros representantes do Wafd.

> - Al-Nahhas soube vingar-se de sua destituição de 1937, e entrou em Abdine à frente dos tanques britânicos.[45]
> Riyad esperou um momento para dar a Kamal a oportunidade de responder, mas como este não demonstrasse nenhuma disposição para falar, ele retorquiu num tom aborrecido:
> - Vingar-se? Sua imaginação o faz encarar o problema sob uma ótica o mais distante possível da realidade!
> - E qual é a realidade?
> Riyad lançou um olhar para Kamal, como que para incentivá-lo a falar, mas como este continuava sem reagir, ele prosseguiu, dizendo:
> - Al-Nahhas não é do tipo de ficar conspirando com os ingleses na ideia de retomar o poder! Ahmed Mahir é louco. Foi ele quem traiu o povo e se aliou à monarquia. Depois quis esconder sua covardia com essa declaração estúpida à imprensa! (JP, 311)

Por outro lado, a dinâmica da guerra incentivou a importação de diversos produtos, fato que impulsionou o desenvolvimento de indústrias locais. Assim, em 1944, o Egito se tornou o núcleo do Centro de Distribuição do Oriente Médio, uma organização britânica que possibilitou o estreitamento dos laços econômicos entre os países árabes, condição satisfatória para o fortalecimento do nacionalismo.

Ao término da guerra as negociações entre Egito e Grã-Bretanha foram retomadas, porém fracassaram nas questões referentes ao Sudão e à ocupação militar. No que se refere ao Sudão, os britânicos não aceitavam que o Egito mantivesse sua soberania sobre o país e, por isso, insistiam em manter suas tropas na colônia. Com relação à desocupação militar, os britânicos, conforme o acordo de 1936, se retiraram do Cairo e do Delta, no entanto, permaneceram na Zona do Canal de Suez, sob alegação de que essa era uma região estratégica para seus interesses no Mediterrâneo e na porta de entrada da Ásia. Esse impasse permaneceu ainda por anos, e teve como consequência

45 A declaração de guerra da Grã-Bretanha à Alemanha (setembro de 1939) e a entrada da Itália no palco do teatro africano impunha à Inglaterra o reforço de sua posição militar no Egito. Mas o país lhe é pouco favorável e apoia o Eixo por anglofobia. O rei Faruq e os ministérios que ele propõe estão pouco dispostos a satisfazer a Inglaterra (recusa em declarar guerra ao Eixo). Nesse contexto, o Wafd, único partido a exprimir opiniões antinazistas, parece à Inglaterra o único possível. Esta, cercando o palácio Abdine com seus tanques, e após um primeiro pedido não satisfeito, envia, em 4 de fevereiro de 1942, um ultimato ao rei, exigindo a demissão do ministério e sua substituição por outro presidido por Nahhas Paxá. O rei cede.

na vida dos egípcios uma aumento ainda maior na repressão dos atos e das mobilizações pró-independência efetiva, assim as mortes e as prisões continuaram:

> Amina virou os olhos para Aisha, mas ela não parecia se lembrar. Então ela chamou Kamal à parte e começou a dizer-lhe, possuída por uma estratégia extrema:
> - Não entendi nada, meu filho. Por que os prenderam?
> Kamal pensou no que seria conveniente responder e disse-lhe:
> - O governo pensa sem razão que eles estão agindo contra ele...
> Ela sacudiu a cabeça, perplexa, e disse:
> - Sua irmã disse que eles prenderam Abd el-Monem porque ele é Irmão muçulmano. Por que prendem os mulçumanos?
> - O governo acha que agem contra ele...
> - E Ahmed? Ela disse que ela era... Esqueci a palavra, meu filho!
> - Comunista? Os comunistas são tão suspeitos quantos os Irmãos, aos olhos do governo...
> - Os comunistas? Os adeptos de nosso Senhor Ali?[46]
> Kamal, dissimulando um sorriso:
> - Os comunistas nada têm a ver com os xiitas. É um partido de oposição ao governo e aos ingleses...
> Ela soltou um suspiro, desorientada, e perguntou:
> - Quando vão libertá-los? Olhe sua pobre irmã! O governo! Os ingleses! Eles não encontram outra coisa a não ser nossa casa, já tão sofrida? (JP, 413-414)

O último acontecimento político da *Trilogia*, a prisão dos netos de Amina, concede um fechamento à obra que confirma a impossibilidade de o Egito concretizar seu projeto de libertação. Nesse sentido, o nacionalismo, inscrito no cronotopo da transição política da nação egípcia, se manifesta sob intensa instabilidade, conforme se constata na confluência entre a cronologia histórica do Egito e os acontecimentos que permeiam o romance. O motivo da instabilidade no entanto, é gerador de desilusões, descrenças e contradições que se configuram na percepção da realidade como algo imutável:

> - E você – perguntou Kamal, olhando Ridwane -, não pega um

---

46 Em árabe, as palavras xiita (adepto de Ali) e comunista (*xuyu'i*) são formadas com a mesma raiz. Daí a confusão de Amina.

> livro?
> - Ele gasta o tempo lendo os jornais wafdistas! – respondeu Abd el-Monem no lugar do outro.
> - Nesse ponto – retorquiu o rapaz, apontando Kamal -, meu tio está de acordo comigo!
> Seu tio não acreditava em nada, e, no entanto, era wafdista; do mesmo modo que, duvidando da realidade em geral ele se reconciliava com as pessoas e com o real.
> - Mas – continuou Ridwane, olhando ora para Abd el-Monen ora para Ahmed – vocês dois também são wafdistas! O que há de espantoso nisso? Qualquer um que ame sua pátria é wafdista, não?
> - O Wafd – declarou Abd el-Monen com sua voz firme – é sem dúvida nenhuma o melhor partido, mesmo que em si não seja mais inteiramente convincente...
> - Quanto a isso, eu compartilho o ponto de vista de meu irmão. – Ahmed riu. – Ou antes, não compartilho nada... A não ser isso! Ainda que nossas opiniões difiram quanto à capacidade do Wafd em convencer. Mas vou mais longe. É o próprio nacionalismo que devemos por em pauta. Certamente, a independência está fora de qualquer controvérsia. Não é menos verdade, contudo, que a ideia de nacionalismo deve evoluir para uma concepção mais ampla e elevada. E não é improvável que amanhã olhemos os mártires do nacionalismo como olhamos hoje as vítimas dessas batalhas idiotas que estouram entre tribos e famílias.
> "Idiota você é mesmo! Fahmi não morreu numa batalha idiota! Embora... Onde está a certeza?"
> Apesar de sua perturbação interior, Kamal replicou num tom imperativo:
> - Qualquer um que morra por alguma coisa que o ultrapassa é um mártir. O valor das coisas pode mudar. Mas o compromisso do homem em relação a elas conserva um valor eterno. (JP, 44-45)

A concepção do nacionalismo sob uma ordem subjetivo-psicológica, diante da impossibilidade de seu triunfo na narrativa histórica do Egito, se apresenta no desenvolvimento do romance como o meio mais viável para a efetivação da comunhão do sujeito com ele mesmo e com sua pátria:

> Sou livre-pensador e copta ao mesmo tempo. Direi até mais: sou um homem sem religião e sou copta ao mesmo tempo! Muitas vezes tenho a sensação de que o cristianismo é a minha pátria, não a minha religião. No entanto, se submeto esse sentimento à razão, perturbo-me e digo à mim mesmo: "Calma! Não é covardia esquecer sua comunidade?" Ora, só há

> uma coisa capaz de me livrar desse conflito: a devoção ao puro nacionalismo egípcio tal como o quis Saad Zaghlul. (JP, 193-194)

O motivo da imutabilidade também se revela na alegoria do tratado Anglo-Egípcio, simbolizado pelo casamento de conveniência entre Aída, ideal de nação egípcia moderna, e o inspetor inglês. O esforço que resulta em nada, tem como trágica reparação a morte:

> - Então você não sabia? – perguntou Hussein, olhando-o com espanto. – Ela morreu há um ano.
> - Aída?
> Hussein assentiu com a cabeça, enquanto Kamal se sentia envergonhado por ter dito o nome familiarmente e em voz alta. Mas só se prendeu a esse sentimento pelo espaço de um segundo. Rapidamente, as palavras pareceram-lhe esvaziadas de qualquer sentido. Sentiu a cabeça arrastada pela vertigem do nada. O que experimentava era estupor e assombro, não tristeza ou dor. Ele disse, por fim:
> - Que notícia trágica! Meus pêsames.
> - Ela voltava sozinha do Irã – disse Hussein. – Viveu um mês na casa de minha mãe, e casou-se com Anuar Bei Zaki, inspetor geral inglês. Mas dois meses depois caiu doente e faleceu no Hospital Copta. (JP, 404)

Portanto, no cronotopo da transição os motivos da permanência, da instabilidade e da imutabilidade, que correspondem à forma como as personagens se movimentam no tempo e no espaço, constroem na *Trilogia* o nacionalismo egípcio, até aqui descrito como suscetível à resistência do tempo e do espaço, ao assujeitamento histórico e à resignação realista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou a construção do nacionalismo egípcio no romance *Trilogia do Cairo*, de Nagib Mahfuz, por meio da análise dos cronotopos da casa, da rua, do café e da transição, nos quais as referências temporais e espaciais, chamadas por Bakhtin de motivos, foram descritas como desencadeadoras das condições históricas e subjetivas relativas ao Egito e às personagens do romance.

No cronotopo da casa, os motivos da permanência e da decadência correspondem, respectivamente, à resignação da mulher diante do poder patriarcal e à degradação política da nação egípicia. A família de Gawwad e por, extensão, a casa, simbolizam o percurso histórico da nação, que ao longo das gerações, a despeito do esforço do nacionalismo, não conseguiu concluir seu processo de emancipação social e política, tampouco conseguiu firmar-se como força política preponderante à manutenção da unidade árabe.

A descrição do cronotopo da rua estabelece um contraponto ao motivo da clausura das personagens femininas, que através das grades do muxarabiê, acessam a movimentação das coisas e pessoas pertencentes ao espaço público, local a elas não facultado. Nesse espaço, o motivo da permanência se reveste de outro sentido, pois se observa na narrativa, a reiteração dos elementos constitutivos da identidade nacional. É a rua também que possibilita a reunião de diversas potencialidades ansiosas pelo bem estar da nação, assim, nesse motivo do encontro, a manifestação da identidade nacional e do nacionalismo se faz mais presente na obra.

Entretanto, o motivo do encontro extrapola a sua efetivação num espaço e num tempo determinados, uma vez que, quando se refere ao cronotopo do café, ele se reveste de um caráter também subjetivo-psicológico, no qual o espaço físico serve apenas de pretexto para o encontro que as personagens irão travar com sua própria consciência. Esse recurso à memória é também suscetível a fugas, nas quais o espaço do café permite a reflexão acerca da percepção da incompletude, do ser, da história como também do tempo.

No cronotopo da transição, a permanência da linhagem da família sob uma nova configuração e a descrição da instabilidade política do Egito

obedecem a uma ordem linerar-cronológica, na qual se constatam os diversos movimentos históricos e subjetivos ligados à construção do nacionalismo. Nesse cronotopo também se inscreve o motivo da imutabilidade, relativo à percepção da realidade como algo que resiste às mudanças gerando, por isso, desilusões, descrenças e desencontros. Portanto, no cronotopo da transição, manifesto através dos motivos da permanência, instabilidade e imutabilidade, se confirma o caráter do romance como uma narrativa da interioridade e um registro documental histórico.

Desse modo, a construção do nacionalismo no discurso literário, analisado no presente estudo através das fomas cronotópicas, tratou de fazer uma exposição do modo como as personagens fictícias e históricas, que participaram do processo de tentativa de emancipação do Egito, se movimentaram no tempo e no espaço conduzidas pelos motivos ditados pela ideologia e pela história.

Por fim, muito mais que um exercicio de leitura e de escrita acerca da construção do nacionalismo na obra literária, o presente estudo se propôs a efetivar uma contribuição ao campo dos Estudos Árabes, área do saber cujo aprofundamento se faz extremamente necessário ao combate aos preconceitos e posicionamentos extremamente intolerantes referentes aos povos que em muito contribuíram e contribuem para a edificação da Humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict.Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

ASWANY, Alaa Al. O Edifício Yacubian. Trad. Paulo Farah. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____ Questões de literatura e estética – a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BERMAN, Antoine. L'épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. París: Gallimard, 1984.

BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política, vol. 2, 8ª ed. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

BOTMAN, Selma. Egypt from Independence to Revolution, 1919-1952. New York:Syracuse University Press, 1991.
_____The Rise of Egyptian Communism 1939-1970. New York: Syracuse University Press, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CERTAU, Michel de. A Escrita da História, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONNOR, Walker. Ethnonationalism: The Quest for Understanding. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.

COOK, Miriam. “Men constructed in the mirror os prostitution”. In: BEARD, M.; HAYDAR, A. (eds.) Nagib Mahfuz: From Regional Fame to Global Recognition. New York: Syracuse University Press, 1993.

Costa, Rogerio Haesbaert. O mito da desterritorialização: do "fim dos territorios" a multiterritorialidade. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2009.

DAWISHA, ADEED. Arab Nationalism in the Twentieth Century: From Triumph to Despair. New Jersey: Princeton University Press, 2003.

DURKHEIM, Emile. “Le État”. In: Revue Philosophique, 83ème année, t.CXLVIII. Paris, PUF, 1958.

DUNGACIU, Dan, East and West and the "Mirror of Nature". Nationalism in West and East Europe - Essentially Different? in: A Decade of Transformation, IWM Junior Visiting Fellows Conferences, Vol. 8: Vienna 1999.

ECO, Humberto. Obra aberta: forma e indeterminacao nas poéticas contemporaneas. São Paulo, SP: Perspectiva, 2003.

EGGER, Vernon. Salamah Musa and the Rise of Professional Classes in Egypt, 1909-1939. London: University Press of America, 1986.

EL-ENANY, Rashed. Naguib Mahfouz: Persuit of Meaning. New York: Routledge 1993.

FARAH, Paulo Daniel. Inovador, escritor egípcio foi o pai do romance árabe. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 ago. 2006. Folha Ilustrada, p. B-2.
_____ Geografia da Ausência: O Espaço na Literatura Palestina (Da Terra Natal ao Brasil). Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

FAHMY, Ziad. Ordinary Egyptians. Stanford: Stanford University Press, 2011.

Francisco M., Rodríguez Sierra. Towards the Study of Closure in the Arabic Novel: The Case of the Moroccan NovelIn: Estudios de Asia y África. Aug 2017 52(2).

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Petrópolis: Vozes, 1971.
_____. O que é um autor? s.l.: Passagens, 1969.

GEERTZ, Clifford. O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GELLNER, Ernest. Nations and Nationalism. 2ª ed.Oxford: B. Blackwell,1983.

GIDDENS, Anthony. A Contemporary Critique of Historical Materialism. Vol. 2. The Nation State and Violence. Cambridge: Polity, 1985.

GOLDMANN, Lucien. Sociologia do Romance. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOLDSCHMIDT, Arthur Jr. Modern Egypt: The Formation of a Nation State. 2ª ed. Cambridge: Westview, 2004.

GUIBERNAU, Montserrat. Nationalisms: the nation-state and nationalism in the twentieth century. Cambridge: Polity Press, 1996.

HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
_____ O Pensamento Árabe na Era Liberal – 1789-1939. São Paulo:

Companhia das Letras, 2005.

KEDOURIE, Elie. Nationalism in Asia and Africa. New York and Cleveland. Meridian Books, 1970.

LEEUWEN, Richard van. "Love and the mechanisms of power: Kamal Abd al-Jawwad and Said al-Juhayni". In: ALLEN, Roger et al (eds) Love and Sexuality in Modern Arabic Literature. London: Saqi Books, 1995.

LUKÁCS, George. A Teoria do Romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MAHFUZ, Nagib. Entre Dois Palácios; volume I; tradução de José Augusto de Carvalho. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
_____. O Palácio do Desejo; volume II; tradução de José Augusto de Carvalho. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
_____.O Jardim do Passado; volume III; tradução de José Augusto de Carvalho. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
_____. O Beco do Pilão. Tradução de Paulo Daniel Farah. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso Literário. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Gênese dos Discursos. Curitiba: Criar, 2005.

MARSALA , Salman. "Mahmoud Darwish Made a Homeland of Words". In: Haaretz.com. Sat., September 13, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto da Partido Comunista. Lisboa: Editorial Avante!, 1975.

MEISAMI, S. Julie. Encyclopedia of Arabic Literature, Volume 2. New York, NY: Routledge, 1998.

MYERS, Richard. "The problem of autority: Franz Kafka and Nagib Mahfuz". Journal of Arabic Literature, 17, 1986.

MILSON, Menahen. Najib Mahfuz: The Novelist-Philosopher of Cairo. New York: St Martin's Press, 1998.

NASSER, Gamal Abdel. A Revolução no Mundo Árabe. São Paulo: Edarli, 1963.

PENCH, Lucio. Il socialismo fabiano: un collettivismo non marxista. Nápoles: ESI, 1988.

PELED, Mattiyahu. Rieligion, My Own: The Literaty Works of Najib Mahfuz, London: Transaction Books, 1983.

PLAMENATZ, John. Two types of nationalism. In: Eugene Kamenka (ed).

Nationalism – The nature and evolution of an idea. Canberra: Australian National University Press, 1973.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: Texto e Contexto: Ensaios. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SAID, Edward. Reflexões sobre o Exílio e outros Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
_____Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
_____ Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALES, Anselma Garcia. A construção da identidade palestina: análise discursiva do poema "Carteira de Identidade", de Mahmud Darwish e outros textos palestinos. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SHARABI, Hisham. Neopatriarchy: a Theory of Distorted Change in Arab Society. New York: Oxford University Press, 1988.

SMITH, Anthony. Theories of Nationalism. 2ª ed. London: Duckworth, 1983.

TEZZA, Cristovão. "A construção das vozes no romance". In: BRAIT, B. (org) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TRIEIGNIER, Michel. Guerra e Paz no Oriente Médio. São Paulo: Ática, 1994.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. O Romance como Gênero Planetário. In: MORETTI, Franco. (Org.) A Cultura do Romance. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Cosac Naify, 2009.

VAN DEN BERGHE, Pierre. Stranger in their Midst. Denver: University Press of Colorado, 1989.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1982.